



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

MILLENA SIQUEIRA DOS SANTOS

DA INVISIBILIDADE À TRAGICIDADE: percepções
sobre a representatividade de mulheres lésbicas e
bissexuais nas séries

SÃO PAULO

2022

MILLENA SIQUEIRA DOS SANTOS

DA INVISIBILIDADE À TRAGICIDADE:
percepções sobre a representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais
nas séries

Trabalho realizado como exigência da
disciplina Projeto de Pesquisa do
curso de Psicologia da Faculdade de
Ciências Humanas e da Saúde, da
Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo
Orientadora: Luciana Szymanski

SÃO PAULO
2022

RESUMO

Considerando o aumento exponencial das discussões acerca da temática da representatividade audiovisual - principalmente após o crescimento massivo dos serviços de *streaming* -, faz-se pertinente pensar sobre os impactos que essas representações - ou a ausência delas - causam nos espectadores. Assim, o presente trabalho tem como objetivo principal desvelar os sentidos por trás das percepções de mulheres lésbicas e bissexuais acerca da representatividade desse grupo no universo das séries. Para tal, a metodologia utilizada conta com a realização de entrevistas reflexivas com uma mulher lésbica e uma mulher bissexual e, posteriormente, com a organização dos conteúdos dessas entrevistas em unidades de sentido e constelações. Como resultado, quatro constelações foram elaboradas, a partir das falas das participantes: “Não representação de mulheres lésbicas e bissexuais”; “Produção e reprodução de estereótipos”; “Impactos da representatividade” e “Estratégias Possíveis”, cada uma abrangendo suas respectivas unidades de sentido. Pode-se inferir, portanto, que a representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais, em sua escassez e materialização, impactam de maneira direta as espectadoras, ampliando ou restringindo a gama de possibilidades que projetam para o futuro.

Palavras-chave: Representatividade, Séries, LGBTQ+, Lésbica, Bissexual

ABSTRACT

Considering the exponential increase of discussions about audiovisual representativeness - especially after the massive growth of streaming services - it is pertinent to think about the impacts that these representations - or the absence of them - can cause on viewers. Thus, the present work has as its main objective to unveil the meanings behind the perceptions of lesbian and bisexual women about the representativeness of this group in the universe of TV shows. To this end, the methodology used relies on the realization of reflective interviews with a lesbian woman and a bisexual woman and, later, on the organization of the contents of these interviews in units of meaning and constellations. As a result, four constellations were elaborated, based on the speeches of the participants: “Nonrepresentation of lesbian and bisexual women”; “Production and reproduction of stereotypes”; “Impacts of representation” and “Possible strategies”, each one covering its respective units of meaning. It can be inferred, therefore, that the representation of lesbian and bisexual women, in its scarcity and materialization, directly impacts the viewers, expanding or restricting the range of possibilities they project for the future.

Key words: Representativeness, TV Shows, LGBTQ+, Lesbian, Bisexual

PREFÁCIO

Por que pesquisa sobre o que pesquisa?

Questões concernentes à representatividade de grupos considerados ‘minorias’ não se configuram como novidades, sobretudo nos últimos anos. Contudo, o aumento do interesse popular por tais temas não é diretamente nas produções acadêmicas e, muitas vezes, é tratado de maneira superficial pelo senso comum. Além disso, a grande maioria das reflexões e obras que apresentam uma preocupação sobre a representatividade partem de um ponto de vista hegemônico: cis heteronormativo, patriarcal e monossexista.

A máxima ‘representatividade importa!’, embora seja importante, não é aprofundada e nem questionada em suas múltiplas dimensões. Representatividade importa para quem? Como essa representatividade se apresenta - especialmente no âmbito audiovisual? Quais os impactos das diferentes formas de representar um grupo historicamente oprimido e invisibilizado? Quais ideais esse tipo de representatividade reforça? Essas são algumas das perguntas que, ao longo de minha experiência acadêmica e pessoal, ficaram sem respostas claras.

Não é possível delimitar um marco específico responsável por despertar meu interesse pelo tema da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais ou me estimular a pesquisar sobre o assunto. Muito pelo contrário, acredito que foi justamente a ausência desse tema na mídia, na academia, na Universidade e na minha própria trajetória de vida que engendrou o desejo de aprofundar nessa compreensão. Ademais, o processo de aproximação em relação ao assunto coincidiu com o processo de desvelamento da minha própria sexualidade, o que fez com que me tornasse muito mais sensível tanto à escassez quanto às conquistas nesse campo.

A pesquisa se localiza temporalmente em uma época delicada no âmbito político, tanto nacional quanto internacionalmente. Com a ascensão escancarada e violenta de ideais e líderes de extrema direita, as questões relativas a demandas de grupos minoritários se tornaram cada vez mais desvalorizadas e suprimidas, ao passo que a opressão foi - e continua sendo - progressivamente legitimada. Entendo que mulheres lésbicas e bissexuais se enquadrem em um grupo perpassado por uma dupla opressão, abrangendo gênero e sexualidade, o que as torna especialmente vulneráveis e focos de violência. Esse fato aumenta exponencialmente a necessidade de focalizar o tema. Embora a barbárie domine e amedronte, acredito que produzir reflexões nessa temática também representa um marco de resistência.

O tema deste estudo foi delimitado através de um entrelaçamento de dúvidas e questionamentos. Embora fosse o que mais me despertava o interesse, era, ao mesmo tempo, o

que eu acreditava que menos seria aceito socialmente. A banalização e desvalorização da luta LGBTQ+ e dos assuntos que concernem ao universo feminino influenciaram em minha decisão, atuando como impedimentos. Ao final, conclui que nem mesmo aqueles que pertencem aos grupos minoritários estão imunes a absorver e incorporar ideias perpetuadas pelos produtores da opressão sofrida.

Durante a graduação, uma experiência específica me marcou e, atualmente, também a considero responsável por essa escolha. Durante a disciplina eletiva denominada Relações Intergeracionais Mediadas pela Tecnologia, ministrada pela professora Beltrina Corte, realizei um seminário com os idosos da instituição EternamenteSOU, centro de referência para idosos LGBTQ+. Participei de uma palestra seguida de uma roda de conversa e, posteriormente, de uma confraternização, realizando entrevistas com alguns dos participantes presentes. Esse contato - mais profundo que o esperado - permitiu que eles se abrissem e emocionassem, gerando muito aprendizado e reflexões sobre a vivência LGBTQ+ no Brasil em diferentes contextos sócio-políticos.

O caminho traçado durante o processo da confecção desse Projeto foi permeado de pesquisa assídua e momentos de serendipidade. A falta de estudos na área, principalmente focalizando mulheres que pertencem à comunidade LGBTQ+, tornou o trabalho mais árduo. Paralelamente, serviu como motor para que meu estudo fizesse tanto sentido quanto a diferença no curso da minha existência. Imagino, portanto, que essa produção poderá impactar na vida daqueles que têm interesse genuíno pelo assunto.

A serendipidade parte de um acontecimento específico, porém decisivo para o desenrolar do projeto. Em certo ponto, encontrei um artigo denominado “Cinema e Representatividade Lésbica: da subjetivação à resistência”, componente do Caderno de Trabalhos referente ao primeiro Congresso de Resistência LGBTI+. Contudo, só era possível visualizar o título, os nomes e contatos das autoras e o resumo. Iniciei um processo intenso de busca na Internet pelo artigo completo, sem sucesso. Resolvi, então, entrar em contato com as autoras, explicitando minha situação e solicitando o envio, caso fosse possível. Como resultado, recebi o retorno de apenas uma delas, avisando-me que o projeto não tinha seguido adiante. Dando continuidade ao diálogo, Débora Albuquerque gentilmente explicou o ocorrido e ofereceu-me parte da bibliografia utilizada como forma de auxiliar-me na pesquisa, o que compõe parte significativa do meu trabalho. A coincidência desse fato potencializou e enriqueceu minha trajetória.

Meu interesse pelas Fenomenologias, por fim, nasce da inserção na Universidade. A simultaneidade entre o simples e o complexo, o compreensível e o incompreensível, o entender

e o não entender me encantou. Além disso, vejo sentido e atribuo significados à visão de uma existência em sua totalidade, necessariamente inserida em um mundo e permeada pela existência de outros indivíduos; e de uma postura que busca aniquilar os julgamentos e amenizar a tendência à super categorização e patologização da vida.

A delimitação do campo das séries surge em um momento posterior, uma vez que me deparei com a impossibilidade de abarcar toda a dimensão audiovisual. O tempo para pesquisar serve como limitador e atua como impedimento em vários sentidos e, nesse contexto, apesar das dificuldades, me ensina a respeitar meus limites. Dentre outras formas de produção audiovisual, as séries apresentam uma duração maior e maior possibilidade de desenvolvimento de personagens e tramas. Nesse sentido, amplia-se o espaço para compreender as vivências de cada um que compõe o enredo com mais profundidade.

A partir dessa bagagem, foi construída a pergunta norteadora deste trabalho: Como as mulheres lésbicas e bissexuais percebem sua existência representada em obras audiovisuais - mais especificamente, nas séries?

AGRADECIMENTOS

Sempre acreditei na impossibilidade de construções solitárias. O presente trabalho, sem dúvidas, comprova minha teoria. Refleti, principalmente, acerca das dimensões do meu ser-no-mundo e ser-com-os-outros e pude perceber que diversas relações - diretas ou indiretas - me trouxeram e me sustentaram até aqui.

À minha família, que nunca deixou de me apoiar e incentivar, constantemente destacando a importância dos estudos e da busca de condições melhores através da honestidade e dedicação. Vocês são minha inspiração e todas as minhas conquistas serão mérito de vocês também. Felipe, espero que minha experiência seja uma ferramenta que amplie sua gama de possibilidades e permita que você construa sua trajetória de uma maneira bonita e tranquila.

Aos meus amigos, que de formas inimagináveis me apoiaram nessa jornada. Cada palavra, gesto, risada e desabafo serão lembrados e guardados em um lugar muito especial. Não sei o que eu seria sem vocês, mas sei com clareza o que eu sou: muito feliz e completa. À Beatriz, Carla, Laura, Luisa e Luiza, companheiras de universidade e de vida: muito obrigada. À tantos outros que estiveram ao meu lado durante a construção desse trabalho,

À minha orientadora, Luciana Szymanski, que, com sua paciência, tranquilidade e compromisso, me guiou na construção e reconstrução desse trabalho. Você é brilhante e sua capacidade de manter tudo sob controle é encantadora. Sou grata por todos os *insights*, pelas sugestões e pelas trocas. Com delicadeza e cuidado você foi capaz de me dar um norte em meio a um turbilhão de ideias e desejos, colocando meus pés no chão sem podar minhas potencialidades. Te admiro imensamente.

Ao meu parecerista, Plínio Maciel Jr., que, desde o início da graduação me inspirou com sua dedicação, cuidado e seriedade para com a Psicologia e os estudos de gênero e sexualidade. Você foi e continua sendo uma figura extremamente importante dentro da universidade. Me sinto segura, feliz e representada por ter um professor como você.

Às participantes da pesquisa, que confiaram em mim e na proposta e se aprofundaram em suas percepções, vivências e experiências para contribuir com este trabalho. A entrega e a troca produzida nesse contato proporcionaram e enriqueceram as reflexões aqui elaboradas.

À todas as mulheres lésbicas e bissexuais: a existência e luta diária de vocês me inspira. Como diz Audre Lorde, “*Nosso trabalho tem se tornado mais importante que o nosso silêncio*”.

À todos que contribuíram direta ou indiretamente no curso da minha graduação: muito obrigada. Perceber que o que antes era tido por mim como distante e inimaginável se tornou concreto e palpável é muito bonito e gratificante.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. MÉTODO.....	9
2.1. Procedimentos de coleta de dados	10
2.2. Procedimentos de análise de dados	12
3. GÊNERO E SEXUALIDADE	14
4. REPRESENTATIVIDADE E A DICOTOMIA VISIBILIDADE / INVISIBILIDADE	17
4.1. Representatividade presente em séries	24
5. NARRATIVAS POSSÍVEIS	32
5.1 Sentidos apreendidos: das constelações	33
6. MERGULHANDO NAS NARRATIVAS: uma tentativa de análise	40
6.1. Não representação de mulheres lésbicas e bissexuais.....	40
6.2 Produção e reprodução de estereótipos	41
6.3. Impactos da representatividade	45
6.4 Estratégias possíveis	47
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
8. REFERÊNCIAS	53
9. ANEXOS	56
9.1 TCLE.....	56
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	56
9.2 Entrevista com S.	58
9.3 Entrevista com N.....	67

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge motivado, essencialmente, pela escassez: de pesquisas dentro dessa temática, de aprofundamento nas discussões que se referem à interseção entre as opressões de gênero e sexualidade e de representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais no contexto audiovisual - nacional e internacionalmente. Diz respeito, também, à trajetória de descoberta e desvelamento da sexualidade da pesquisadora em todas as suas contradições, questionamentos, receios e orgulhos; ao mesmo tempo que, fundamentalmente, se refere à abrangência dos impactos histórico-sociais, políticos, econômicos e subjetivos decorrentes da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais no meio audiovisual. Esta, atinge não apenas tal público específico, mas também os espectadores que não se encaixam nesse recorte, moldando, reforçando e legitimando concepções que, em sua maioria, servem à manutenção do sistema cis-heteropatriarcal.

Tal problemática é atravessada por diferentes questões, como a imposição de papéis sociais de acordo com a identidade de gênero; os estereótipos e generalizações socialmente reforçados; a representação feminina em obras audiovisuais: seus desafios e progressos ao longo da história; a representação midiática da comunidade LGBTQ+ no geral e, dentro dela, as figuras privilegiadas e desprivilegiadas; a influência individual e social da representatividade midiática - mais especificamente do segmento audiovisual e a perpetuação da heterossexualidade compulsória, LGBTfobia e misoginia.

O estudo da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais em obras audiovisuais se mostra social e cientificamente relevante na medida em que aprofunda um campo pouco explorado tanto no âmbito das produções em Psicologia quanto na academia no geral. Coloca em destaque a população estudada - a qual se configura como uma minoria duplamente oprimida - e uma das formas de violência exercidas contra ela: a que concerne à representatividade, sua presença ou ausência, suas formas, intencionalidades e seus desdobramentos subjetivos.

Ao considerar mulheres lésbicas e bissexuais e suas existências tomadas como uma subversão ao sistema heterocentrado, monossexista e patriarcal, faz-se relevante investigar questões relacionadas à construção de identidade, impactos na subjetividade, na autoestima e na auto identificação. Ademais, tomando a invisibilidade e apagamento historicamente construídos com intuito de situar esse grupo em uma posição de subalternidade e opressão, é inegável a importância de dar voz a essas mulheres, a fim de que retomem suas narrativas e produzam conhecimento a partir de suas vivências e pontos de vista. Como coloca Nascimento,

“escutar as vozes de sujeitas de sexualidade dissidente é romper com uma lógica que privilegia a interpretação realizada por sujeitos dentro da norma sobre a Outra”. (2020, p. 45).

Analisar as percepções dessas mulheres em relação à própria representatividade permite compreender em quais sentidos a indústria midiática e audiovisual precisa avançar e expor intencionalidades por trás de algumas decisões no processo de construção de suas obras. Assim, o intuito principal da pesquisa é analisar as percepções acerca da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais nas séries, buscando compreender os impactos dessa representatividade na existência dessas mulheres. Mais especificamente, o trabalho visa realizar levantamento sobre os temas da representatividade (feminina e LGBTQ+) e da dicotomia visibilidade/invisibilidade; identificar a influência da representatividade na subjetividade dos indivíduos e, através de entrevistas com mulheres lésbicas e bissexuais, entender suas percepções e os impactos causados pela representatividade audiovisual desses grupos minoritários.

O recorte das séries dentro da totalidade do audiovisual é decorrente da própria configuração desse tipo de expressão artística: normalmente com uma duração maior (pela quantidade de episódios - a qual varia muito) em comparação a outros formatos, emissões sucessivas, uma unidade argumental e temática ao longo dos episódios e maior oportunidade de desenvolvimento de personagens, arcos e tramas. Embora não seja uma regra, as séries apresentam maior possibilidade de aprofundamento na história de cada personagem, envolvendo de maneira mais duradoura e aproximando o espectador.

2. MÉTODO

Esse estudo utiliza o método fenomenológico, visando entrar em contato com os fenômenos da lesbianidade e da bissexualidade por meio dos sujeitos que os vivenciam: mulheres que se identificam e reconhecem como lésbicas e bissexuais. Essa forma de aproximação do fenômeno tem como objetivo acessar as experiências vividas tal qual os indivíduos as percebem, ou seja, através de uma visão singular de suas experiências. Como coloca Melo (p. 27, 2019), “a experiência está marcada pelo modo como as palavras tomam forma e vida, comunicando sobre o que está seguramente interligado ao existir”.

Para captar tais experiências - pelo meio das quais as mulheres lésbicas e bissexuais percebem suas existências representadas - pretende-se analisar as narrativas de uma amostra de 2 (duas) mulheres, uma que se identifica como lésbica e outra que se identifica como bissexual. A aproximação desse número de participantes objetiva um contato mais profundo, e objetiva que elementos sejam desvelados a partir da pergunta norteadora da pesquisa. A narrativa, segundo Melo e Sodelli (2017), se configura como um instrumento de acesso à dimensão existencial do viver, dando abertura para a manifestação do fenômeno. Assim, como coloca Arfuch,

A entrevista é uma narrativa, isto é, um relato de histórias diversas que reforçam uma ordem de vida, de pensamento, de posições sociais e de pertencimento. [...] Legitima posições de autoridade, projeta identidade, desenvolve temáticas, nos ensina sobre a atualidade do que está acontecendo, as descobertas da ciência ou da vida. Fragmentada, como toda a conversa, centrada nos detalhes, na anedota, nos fluxos de memória, a entrevista nos aproxima da vida do outro, suas crenças, sua filosofia pessoal, seus sentimentos e seus medos (1995, p. 89 apud NASCIMENTO, 2020).

Nesse sentido, o estudo busca compreender, por meio do discurso das participantes, as percepções produzidas e perpetuadas por essas mulheres acerca da representação de tais identidades sexuais (lesbianidade e bissexualidade) nas séries. Como potencialidade resultante desse processo, delineia-se uma transformação: “Se entendemos que as narrativas colhidas podem gerir uma comunicabilidade sobre a experiência de quem conta para outros e outras, podemos inferir que há uma possibilidade de, por meio da implicação com as histórias, compartilhar de uma ‘mudança social’.” (p. 27, MELO, 2019).

Ou seja, esse processo procura contribuir para a reflexão acerca das relações entre tais obras midiáticas e as vivências de mulheres lésbicas e bissexuais por parte da autora, das próprias participantes e dos futuros leitores, que se aproximarão dessas experiências em suas semelhanças e especificidades.

2.1. Procedimentos de coleta de dados

Trata-se, inicialmente, de uma revisão bibliográfica que pretende levantar informações sobre o conceito de representatividade e o binômio visibilidade/invisibilidade; compreender os movimentos de representatividade feminina e LGBTQ+ - sobretudo no que se refere a mulheres lésbicas e bissexuais - e investigar como tal população é (ou não) representada em obras audiovisuais - mais especificamente, nas séries.

Posteriormente, pretende-se utilizar as entrevistas reflexivas como forma de se aproximar do fenômeno estudado - as percepções da amostra escolhida - e compreender de maneira mais profunda quais pontos tais percepções fazem emergir. Como coloca Heloisa Szymanski (2018), é fundamental o exercício constante de lembrar que a entrevista se configura como uma forma de interação humana. Portanto, é permeada pelas percepções do outro e de si, pelas expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações e constituição de sentido para aqueles nela envolvidos - entrevistadora e entrevistada.

Além disso, aquele que ali se coloca na situação de entrevista, assim como o entrevistador, se organiza e constrói seu discurso partindo de suas próprias percepções. Essa dimensão é considerada em sua integralidade, procurando evitar um movimento de hierarquização e desumanização do processo de pesquisa; ou a consideração do entrevistado como um elemento passivo da dinâmica. Ambos, entrevistador e entrevistado, são passíveis de serem atravessados pelo discurso, pelas emoções e pelos sentimentos que emergirão da conversa.

A especificidade da entrevista reflexiva, como postula Szymanski (2018), surge da

"Consideração da entrevista como um encontro interpessoal que inclui a subjetividade dos protagonistas e se constitui num momento de construção de um conhecimento novo, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder" (p. 197, SZYMANSKI, 2018)

A reflexividade também se estabelece na medida em que se reflete a fala do entrevistado. O contexto de entrevista, portanto, oferece a ele a chance de promover um outro movimento reflexivo, voltando à questão discutida e articulando-a de outra maneira, reconstruindo uma narrativa a partir da fala do entrevistador. Essa estratégia garante ao entrevistado o direito de ver e obter uma aproximação inédita com seu próprio discurso, suas opiniões e sua forma de estruturar o pensamento. Como postula Critelli (2012), os eventos da vida precisam ser arranjados numa história para lidarmos com eles:

“Tudo o que um homem em particular percebe e compreende exige compartilhamento. Toda novidade, toda nova verdade precisa encontrar lugar no mundo comum para conquistar alguma plausibilidade.” (p. 28, CRITELLI, 2012).

Ainda segundo a autora, é o exercício da narrativa que descortina os fios de sentido que foram responsáveis pelos direcionamentos ao longo de nossa trajetória. É na interação, portanto, que o significado é conjuntamente construído. Dessa forma, o momento da entrevista pode beneficiar tanto o pesquisador, quanto o entrevistado, fomentando essa relação de troca horizontal. Visando tal objetivo, intenta-se entrevistar individualmente 2 (duas) participantes: uma mulher que se identifica e se reconhece como lésbica e uma mulher que se identifica e se reconhece como bissexual, na faixa etária de 18 a 60 anos. Os perfis de tais mulheres serão traçados e os recortes étnico raciais, socioeconômicos, etários e regionais serão explicitados, visando apresentar um panorama mais amplo, completo e comprometido com a diversidade aos leitores.

As entrevistas têm o intuito de desvelar os sentidos das diferentes percepções acerca da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais em obras audiovisuais no formato de seriados, buscando entender se as participantes se sentem representadas e como essa representação (ou a falta dela) impacta em suas subjetividades. Tomando essa afirmação como referência, formula-se a questão desencadeadora - aquela que, segundo Szymanski (2018), tem por objetivo trazer à tona a primeira elaboração ou um primeiro arranjo narrativo que o participante pode oferecer sobre o tema que introduzimos: *“Como você vê mulheres lésbicas e bissexuais representadas nas séries?”*.

Se faz importante pontuar que a coleta de dados ocorreu após o projeto ter sido inserido na Plataforma Brasil e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC-SP, Campus Monte Alegre. Foi realizado um primeiro contato com as participantes após a aprovação pelo Comitê de Ética e antes da realização das entrevistas, visando explicitar o propósito da pesquisa, aproximação feita por meio de redes sociais. A partir da manifestação de interesse e concordância quanto à participação, foi solicitada a leitura e assinatura do "Termo de Consentimento Live e Esclarecido" (TCLE – Anexo 9.1), contendo informações sobre o objetivo da pesquisa e as condições para a sua realização.

Desde o início do processo de realização da pesquisa, foi aberta a possibilidade de tirar dúvidas com a pesquisadora, ter acesso à entrevista transcrita e/ou por áudio e realizar quaisquer alterações ou mesmo optar por desistir da participação. As participantes tiveram suas identidades preservadas na apresentação e discussão dos dados apresentados subsequentemente. Ademais, foram tomados todos os cuidados para que nenhuma informação

que pudesse vir a permitir tal identificação fosse aqui publicada. Os dados foram coletados no mês de abril do ano de 2022.

Por fim, todos os cuidados éticos previstos nas Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde foram adotados a pesquisa que resultou neste trabalho de conclusão de curso. O projeto da pesquisa que resultou nesta monografia de conclusão de curso foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP sob o parecer nº: 5.186.677 de 23 de dezembro de 2021 (CAAE: 54145721.6.0000.5482).

2.2. Procedimentos de análise de dados

A partir dos relatos produzidos pelas participantes no contexto da entrevista reflexiva e transcritos pela pesquisadora, pretende-se compreender os sentidos daquilo que se apresentou a partir de uma atitude de abertura em relação à narrativa, realizando o exercício de suspensão fenomenológica (SZYMANSKI, L; SZYMANSKI, H., 2021). Nesse sentido, a análise já se desenvolve desde os contatos iniciais que se tem com o material, uma vez que uma escuta inicial é estabelecida pela pesquisadora a fim de engendrar uma conversação com a mesma.

Esse texto, materialização da experiência e percepções de uma participante, deve ser reconhecido como um “outro”, sob o qual não devem ser impostos opiniões ou julgamentos. Como colocam Szymanski, Szymanski e Fachim (2019, p. 14), é importante reconhecer que a tentativa de adotar uma postura neutra é impossível e que, portanto, o pesquisador deve encarar seu exercício de análise como atravessado por sua posição, concepção e visão prévias. Partindo do pressuposto de que o discurso (nesse caso, a entrevista) possui sentidos passíveis de serem desvelados, adota-se a postura de inquietação e questionamento constante do que ali se apresenta.

Ainda segundo os autores, a leitura primeira que o pesquisador realiza da entrevista reflexiva permite a emersão de projetos de sentido, os quais são constantemente revisados e atualizados conforme a interação com o texto evolui. A compreensão deste parte do princípio da regra hermenêutica explorada por Gadamer (2002b), a qual destaca a circularidade do fenômeno e o aprofundamento do mesmo compreendendo o todo a partir do singular e o singular a partir do todo.

O processo de compreensão inicia-se nas antecipações de sentido, as quais são corrigidas conforme outras partes das entrevistas são apreendidas, ou seja, outras informações sobre a história de vida da participante e sua percepção sobre o tema principal vão aparecendo no texto. Esse movimento circular entre as partes e o todo geram uma contínua ampliação das

“unidades de sentido” em “círculos concêntricos” (SZYMANSKI, L; SZYMANSKI, H.; FACHIM, 2019).

Tal organização pormenorizada proporciona um panorama geral do que foi coletado e compreendido acerca do fenômeno estudado. Não pretende, portanto, categorizar ou limitar tópicos ou falas específicas das participantes. As unidades de sentido, que emergem do texto a partir de movimentos de leitura e releitura do pesquisador, são agrupadas em constelações seguindo um critério subjetivo. Como postulam Szymanski, Szymanski e Fachim (2019): “Reconhecer que o agrupamento das partes do texto em constelações é resultado do lugar onde nos encontramos é importante para lembrar que toda compreensão é situada.” (p. 20/25). Por fim, esse processo é sucedido por uma aproximação teórica com autores e autoras que produziram conteúdos relevantes acerca da discussão estabelecida, fornecendo aporte teórico ao que foi narrado.

3. GÊNERO E SEXUALIDADE

A temática da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais é intrinsecamente ligada e fundamentalmente pautada nas questões de gênero e sexualidade. É inegável que a dicotomia visibilidade/invisibilidade e a cultura da mídia foram construídas historicamente a partir de posições de privilégio e subalternidade ocupadas por diferentes grupos sociais.

Inicialmente, é pertinente a distinção entre as concepções de gênero e sexo. Conforme elabora Zanello e Silva (2012), o conceito de gênero surge como categoria de descrição e análise das relações sociais através da organização do movimento feminista, opondo-se às concepções referentes ao determinismo biológico (que se revela através de termos como “sexo” ou “diferença sexual”, os quais reduzem a análise do sujeito às diferenças do corpo - especialmente as genitais). Ademais, como colocam Monteiro e Zanello (2014), o conceito de gênero restrito a tal definição marca simbolicamente o destino de homens e mulheres, limitando o pensamento a uma oposição e universalização dos sexos.

Essa dinâmica culmina na construção de um protótipo feminino essencial, supostamente personificado em todas as mulheres, em detrimento das diferenças individuais e contextuais de cada uma. As relações de gênero, por sua vez, remetem aos valores e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, sendo imprescindivelmente permeadas de poder. Reiterando esse ponto de vista, Anjos (2000) coloca que

“Essa percepção [da noção de gênero] está fundada em esquemas classificatórios que opõem masculino/feminino, sendo esta oposição homóloga e relacionada a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; dominante/dominado (Bourdieu, 1999). Essas oposições são hierarquizadas, cabendo ao pólo masculino e seus homólogos a primazia do que é valorizado como positivo, superior. Essas oposições/hierarquizações são arbitrárias e historicamente construídas.” (ANJOS, 2000, p. 275)

A presença do controle e da repressão dos impulsos sexuais femininos é reconhecida historicamente, sobretudo no que se refere ao modelo imposto de uma família patriarcal, o qual se tornou pilar das sociedades ocidentais. A perspectiva baseada na misoginia, portanto, tem sido perpetuada na história e transmitida intergeracionalmente, como apontam Piason e Strey (2012).

Já a categoria “sexo”, como coloca Butler (1998), a partir das elaborações de Wittig e Foucault, não propõe uma materialidade prévia, mas promove a produção e regulação da inteligibilidade característica da materialidade dos corpos. A autora elabora que tal categoria, a fim de manter a sexualidade reprodutiva como uma ordem compulsória, impõe uma dualidade e uma uniformidade sobre os corpos.

É possível traçar um paralelo entre o surgimento da propriedade privada e o brutal controle da sexualidade e da capacidade reprodutiva da mulher, através de mecanismos institucionais (como Estado e Igreja) e mecanismos estruturantes da conjuntura social - como o patriarcado. Como já elaborava Engels (1984 apud BARBOSA et al, 2014), a primeira opressão de classes foi a do homem pela mulher. O início desse sistema de produção, ainda, engendra a necessidade de criar um mecanismo de acumulação e sucessão da propriedade para herdeiros consanguineamente escolhidos.

A fim de garantir o controle sobre essa propriedade e sobre a forma como seria administrada, o controle sobre a mulher, sua sexualidade e sua reprodução se configuraram como eficazes estratégias. Nesse contexto, como discutem Barbosa et al. (2014), toda forma de sexualidade ou organização social que era desviante da lógica de manutenção e sucessão da propriedade passa a ser condenada. Por conseguinte, as relações homossexuais começam a ser consideradas “impuras”, pois não tem função de reprodução - que deveria ser a única do sexo, na lógica patriarcal e heteronormativa.

Tomando a sexualidade como categoria de análise, destacam-se as ideias e reflexões pós-estruturalistas de Foucault (1988), as quais influenciaram teóricas feministas na elaboração acerca do caráter político da sexualidade. Dentro dessa discussão, é importante pontuar que a sexualidade não se configura como algo dado, imutável ou natural. Considerá-la a partir desse ponto de vista reforça as relações de poder desiguais presentes nas diversas dimensões sociais.

Foucault, em *História Da Sexualidade I: A Vontade De Saber*, reflete sobre a produção e norteamto da sexualidade através de múltiplos discursos apresentados como “verdades” a respeito do corpo e seus prazeres, os chamados dispositivos da sexualidade. Estes se traduzem em uma estratégia potente e perversa de gerenciamento e controle da produção de corpos, subjetividades e populações, como discutem Cassal, Garcia e Bicalho (2011). A potência dessa ferramenta deriva do avanço profundo do poder sobre os modos de existência, enquanto a perversão decorre da produção de formas de experimentação e vivência da sexualidade como ilegítimas - não a fim de exterminá-las, mas de perpetuar as relações de poder.

Ao situar a atuação dessa ferramenta historicamente, destacam-se a criminalização, a patologização e a condenação religiosa da homossexualidade, maneiras que visam exercer a docilização do corpo, controle de suas potências e de seus modos de funcionamento, além do estabelecimento de características identitárias - majoritariamente pejorativas e estereotipadas - relacionadas aos indivíduos que expressam essa forma ‘desviante’ de sexualidade.

Esses ideais evocam a lembrança de que a sociedade contemporânea é herdeira de um discurso científico sexológico - erigido sob a égide da medicina psiquiátrica e influenciado

pelas “teorias anatômicas”, nas quais a noção de homossexualidade/lesbiandade adquirem status de desvio e disfunção. Borges e Spink (2009) destacam a ideia bastante difundida por sexólogos do final do século XIX e início do século XX, que concebe a sexualidade como congênita e, conseqüentemente, toma a lésbica como invertida, um membro do terceiro sexo, uma pessoa que nasceu com alma e mente masculina, mas estava aprisionada em um corpo feminino. Segundo Borges (2008), a partir da criação da categoria lésbica, as práticas sexuais que fogem à lógica da reprodução são patologizadas e tomadas como doenças.

A materialização dessas concepções em códigos penais - leis, normas, penas; em manuais diagnósticos utilizados por profissionais da saúde (como o DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais e o CID - Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde) e em escritos bíblicos e religiosos no geral demonstra o poder normativo, punitivo e violento de instituições como a igreja, a saúde e a legislação. Reforçando tal concepção, Butler (1998) coloca que o sujeito é constituído discursivamente, sendo contingente e político em todos os aspectos de sua vida. Tais discursos, advindos de instituições como família, religião, escola e mídia, participam da produção de uma pedagogia da sexualidade e de gênero, instituindo heterossexualidade como norma e proclamando que a natureza humana é ter desejo sexual e afetivo pelo sexo oposto, como teoriza Louro (2007).

No tocante à análise desse tema, faz-se pertinente traçar recortes e reconhecer a interseccionalidade de opressões que permeiam as relações sociais. Conforme explicita Barbosa et al. (2014), o patriarcado se apresenta como um sistema ideológico e estrutural caracterizado pela interligação de opressões de classe, raça e gênero: outros esquemas de dominação-exploração. Estes se constituem em um processo simultâneo de interdependência e, sendo oriundas de um mesmo sistema, uma só se rompe à medida que as demais também o fazem.

Nesse sentido, o ser mulher, por si só, carrega uma carga de inferiorização; compreender e expor a sexualidade considerada desviante - nesse caso, homossexualidade e bissexualidade - aumenta exponencialmente essa opressão; e isso se multiplica caso o indivíduo seja de uma raça ou etnia também desvalorizada e subjugada socialmente, ou caso se identifique como uma mulher transexual/transgênero. A violência que incide sobre o indivíduo, simbólica ou não, parte da visão historicamente construída e socialmente estereotipada que lhe é atribuída.

4. REPRESENTATIVIDADE E A DICOTOMIA VISIBILIDADE / INVISIBILIDADE

Segundo Takazaki (2019), a representatividade é definida como a presença política de um grupo – raça, classe, nação, gênero – nos diversos espaços. Esse conceito é comumente debatido e relacionado ao binômio visibilidade/invisibilidade social de pautas e grupos que se configuram como minorias. No imaginário social, representatividade e visibilidade seriam medidas diretamente proporcionais (quanto maior a representatividade, maior a visibilidade e, conseqüentemente, menor a invisibilidade de determinado grupo). Contudo, é pertinente considerar as formas através das quais essa representatividade se apresenta, direcionando um olhar crítico a elas.

Conforme explicita Freire Filho (2004), a análise crítica da sub-representação ou representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias, nacionalidades) no campo dos meios de comunicação se estabeleceu como um dos principais temas da agenda dos estudos culturais e midiáticos desde a década de 1960. Tal pauta se relaciona profundamente à questão da produção, contestação e significação da identidade.

A política de identidade abrange a afirmação e defesa da singularidade cultural de grupos oprimidos e marginalizados e, nesse sentido, é imprescindível a consideração da cultura da mídia (Kellner 2001; Gripsrud, 2002 apud FREIRE FILHO, 2004). Esta atua na formulação, reconhecimento e legitimação do que significa, por exemplo, se encaixar nas classificações homem/mulher ou moral/imoral, por exemplo. Ademais, o envolvimento em determinadas demandas políticas é atravessado substancialmente pela avaliação que os indivíduos fazem de si mesmo e de seus interesses, a qual sofre interferência direta dos referenciais midiáticos (Street, 1998, apud FREIRE FILHO, 2004).

Segundo Soares e Sardenberg (2011), a ligação traçada entre feminismo e lesbianidade é historicamente permeada por tensões epistêmicas e políticas. O surgimento de movimentos políticos visando a reivindicação da atenção em relação às especificidades de gênero e sexualidade das mulheres lésbicas se deu, no Brasil, a partir da Segunda Onda do movimento feminista brasileiro, datado de 1970. Visando desqualificar as proposições feministas, as mulheres ligadas ao movimento eram associadas a adjetivos considerados pejorativos pelo senso comum: mal-amadas, feias, lésbicas, masculinizadas. A fim de refutar as acusações, as militantes feministas recorreram ao preconceito - atualmente categorizado como lesbofobia - e, nesse sentido, até mesmo o feminismo caiu na armadilha da heterossexualidade compulsória.

Em 1979, foi fundado o primeiro grupo ativista lésbico documentado do país, nomeado *Grupo de Ação Lésbico-Feminista (Galf)*, que se voltava mais ao movimento feminista em si e procurava fomentar a atenção atribuída às questões ligadas à sexualidade nesse meio, além de brigar para que militantes feministas assumissem suas práticas homossexuais (FACCHINI, 2005, apud Nascimento, 2020). As tensões entre militantes lésbicas e os movimentos feminista e LGBTQ+ tomaram forma não apenas no contexto nacional, como também em outros países, e focalizaram a dicotomia visibilidade/invisibilidade como categoria central.

Como coloca Silva (2017), a constituição dessa invisibilidade não é atravessada unicamente pela dimensão física, da ausência de mulheres lésbicas nos diversos espaços, mas também pela visibilidade subjetiva, na qual o indivíduo visto e reconhecido é ouvido, na qual sua presença - física e subjetiva - necessariamente causa impacto e o identifica como um ser. Logo, a invisibilidade é dada por uma construção de imagens, valores e significados que colocam as mulheres lésbicas em posição de subalternidade e inferioridade.

Nessa linha, a cisheteronormatividade — regime que normatiza sexualidades no Ocidente e, gerando desigualdades, garante uma estrutura de opressões/limitações para aqueles que destoam da norma e de privilégios para aqueles que nela se enquadram (Nascimento, 2020) — aparece como um conceito questionado e problematizado por diversas teóricas. Entre elas, Wittig (2019) sustenta o pressuposto de que o sujeito mulher é o da relação com o homem, dinâmica que não é seguida pelas mulheres lésbicas (e, nesse sentido, pode-se elaborar que é parcialmente seguida em relação às mulheres bissexuais) (2019, apud Nascimento, 2020).

Outra forma de explicar a invisibilidade lésbica, segundo Nascimento (2020) remete à Era Vitoriana, na qual a cultura burguesa e da domesticidade foram consolidadas e exportadas como o modelo de conduta a ser seguido, envolvendo, entre outras coisas, uma vivência heterossexual. Seguindo para uma análise dos últimos três séculos, é possível resgatar Foucault (2014 apud NASCIMENTO, 2020), pontuando que a relação das sociedades ocidentais no âmbito da sexualidade não é pautada pelo silêncio, mas sim pela propagação massiva de discursos.

No bojo dessa reflexão, é pertinente considerar que “mesmo quando as vivências lésbicas não são visibilizadas, elas estão sendo elaboradas o tempo todo, a partir da reafirmação das normas de gênero e sexualidade que regulam as sociedades” (NASCIMENTO, 2020, p. 179). Ou seja, o binômio visibilidade/invisibilidade parte de um lugar não neutro e diz respeito a intenções e estratégias bem definidas daqueles que produzem e potencializam os discursos hegemônicos.

Cabe, dentro do tópico, a consideração de que “(...) a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social.” (Rich, 1980, p. 36 apud BARBOSA ET AL, 2014). Esse esquecimento, por si só, se configura como uma violência e uma estratégia ideológica de acabar com qualquer vestígio de construção de uma identidade lésbica. A lesbianidade têm sido historicamente destituída de sua existência política através de um movimento que a estabelece como versão feminina da homossexualidade masculina, como discutem Barbosa et al (2014).

Ou seja, equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina (por serem as duas estigmatizadas) acaba por apagar a história feminina novamente, uma vez que desconsidera particularidades características do ser mulher não heterossexual. Segundo Rich (1980 apud BARBOSA ET AL, 2014), parte da história da existência lésbica é encontrada em contextos onde as próprias lésbicas, na ausência de uma comunidade feminina coerente, têm compartilhado um tipo de vida social e de causa comum com homens homossexuais.

No que concerne à bissexualidade, é possível destacar outro conceito que atua controlando as expressões de sexualidade, tanto na dimensão individual quanto na social: o monossexismo. Este se configura como uma estrutura normativa que parte do pressuposto de que todas as pessoas são monossexuais, tomando a monossexualidade (se relacionar afetivo/sexualmente com apenas um sexo, se identificando com a orientação gay, lésbica ou heterossexual) como natural e padrão. Nessa dinâmica, a bissexualidade se torna uma identidade inválida, ilegítima, inexistente ou de menor valor que as demais, engendrando uma violência que, ainda hoje, não é amplamente reconhecida e debatida: a bifobia.

Alguns estereótipos são comumente associados à bissexualidade, reforçando esse tipo de violência não só na sociedade como um todo, como também dentro da própria comunidade LGBTQ+. As ideias de “indecisão” e “confusão”, pressupondo que a sexualidade parte de uma escolha de um gênero em detrimento de outro, atravessa a vivência bissexual e se mistura à concepção da bissexualidade como uma sexualidade “de transição”. Tal expressão da sexualidade também é atrelada a condutas associadas a promiscuidade, infidelidade e hipersexualização no que se refere aos relacionamentos interpessoais, ideia que repercute diretamente no modo como essas pessoas são socialmente encaradas.

A concepção de uma sexualidade “equilibrada” ou igualmente dividida também gera questionamentos em relação aos bissexuais. Ou seja, acredita-se que se constitui de uma atração sexual e afetiva 50% por homens e 50% por mulheres, ideia que desconsidera completamente as singularidades e particularidades da sexualidade de cada indivíduo, tentando enquadrar em

moldes quantitativos uma dimensão tão complexa e mantendo-o em um padrão de subalternidade inadequado.

No tocante à questão das mulheres bissexuais, é relevante pontuar que as repercussões da bifobia, da fetichização e da hipersexualização desses corpos se materializam em percentuais significativos de violência doméstica, sexual e abusos no relacionamento (em relação às orientações sexuais heterossexual e lésbica), como coloca Coelho (2019). Tomando a representatividade como objeto de análise, destacam-se formas extremamente negativas e estereotipadas de representar bissexuais, quando não predomina o apagamento e a invisibilização. Como coloca Eisner,

“(...) uma combinação de algumas coisas: primeiro, a enorme objetificação sexual das mulheres bissexuais na mídia e na cultura. Na maioria das vezes, encontraremos mulheres bissexuais explicitamente na pornografia convencional, ou mais implicitamente em um contexto sexual (não pornográfico). Há sempre essa presunção sobre mulheres bissexuais que existem para o prazer sexual dos homens cis heterossexuais. Para ser um material de fantasia ou um navio para seus desejos sexuais. É extremamente raro ver menções de mulheres bi na cultura dominante fora desse contexto. (...) As pessoas, e especialmente os homens cis heterossexuais, pensam em mulheres bissexuais como adereços sexuais da vida real cujo trabalho é satisfazer suas necessidades sexuais. E uma vez que mulheres bissexuais são presumidas dentro dessa fantasia como sempre dispostas e ansiosas, isso causa muita violência sexual.” (Interview with bi activist Shiri Eisner!, Biwoc.org, 2014)

A incorporação da comunidade bissexual no meio LGBTQ+ enquanto um segmento específico também faz parte da discussão, uma vez que apenas convencionar uma letra dentro da sigla não garante a circulação segura e livre de discriminação. Como elaboram Facchini e Simões (2009; apud CASSAL, GARCIA e BICALHO, 2011), a experiência dos bissexuais dentro do movimento é permeada por algumas polêmicas, dado que as principais frentes de luta se relacionam às reivindicações de políticas públicas. A materialização dessas demandas ocorre por meio de projetos e necessitam suporte material, exigindo, por conseguinte, um recorte de público-alvo bem delimitado. Dessa maneira, torna-se imprescindível uma estabilização de identidades, a qual é abalada quando a bissexualidade traz em suas práticas o questionamento da oposição binária hetero/homo, deixando as fronteiras da sexualidade mais fluidas.

De acordo com Foucault (2014 apud NASCIMENTO, 2020), as formas de regulação e controle da sexualidade foram substituídas: passaram do poder pastoral cristão para o campo da medicina desde o século XVIII. Contemporaneamente, é possível tomar a mídia e os dispositivos de audiovisual — em especial o cinema e a televisão — como tecnologias de gênero, conceito cunhado por De Lauretis (2019). Como discute Monteiro e Zanello (2014), De Lauretis identifica o sistema sexo-gênero como um sistema de reprodução que atribui

significado a indivíduos. O gênero se configuraria como uma tecnologia produzida e reproduzida cotidianamente, possuindo função de constituir indivíduos concretos em homens e mulheres e de estabelecer os modelos de subjetividade socialmente desejáveis.

De Lauretis (2019) defende que a construção do gênero se dá por meio das chamadas tecnologias de gênero, que possuem poder de controlar o campo do significado social e, conseqüentemente, produzir, promover e ‘implementar’ representações concernentes ao gênero. No que se refere ao campo midiático, é possível destacar seu alcance, atingindo uma parcela significativa da população mundial e, conseqüentemente, os desdobramentos subjetivos, sociais e políticos a partir do conteúdo representado e da maneira como essa representação se constrói.

Como pressupõe Nascimento (2020) a mídia é um dos espaços que medeia nossa construção identitária e, nessa direção, os produtos da cultura da mídia podem ser compreendidos como um dos espaços pelos quais a cisheteronormatividade opera regulando os corpos na contemporaneidade. Dessa forma, é imprescindível pensar na constituição do indivíduo sem essa influência direta ou indireta e nas conseqüências derivadas dos conteúdos representados. Pode-se compreender que os simbolismos culturais (como o discurso da mídia e o cinema) atuam como estratégias para reprodução de arranjos sociais, exposição de valores, construção de identidades e de modelos de conduta (MONTEIRO; ZANELLO, 2014).

Ademais, exercem pedagogias da sexualidade sobre os espectadores quando legitimam identidades e práticas sexuais com significados situados e disputados historicamente. Ainda que as marcações sociais sejam transitórias ou contraditórias, elas deixam resíduos que persistem e, reafirmadas por outros processos culturais, podem assumir efeitos concretos e significativos (LOURO, 2008 apud BIANCHI, 2017).

Ou seja, a representatividade de grupos minoritários e oprimidos em suas mais diversas formas reflete no modo como esses grupos são socialmente encarados, podendo servir a diferentes propósitos — como o da confirmação de estereótipos limitantes e generalizantes e, em outro polo, da desconstrução de estigmas. Aqueles que se encaixam nesses recortes (como mulheres lésbicas, por exemplo) são duplamente atingidos, uma vez que seus processos de construção de identidade, auto identificação e autoestima também sofrem interferência direta. Segundo Britzman (1996), “a invisibilidade policiada atravessa o processo de identificação, desidentificação e rearticulação, de construção de um novo discurso do eu, dos outros e do desejo” (apud PIASON; STREY, 2012, p. 109).

Como discute Rich (2010 apud BIANCHI, 2017), mídias e expressões artísticas reforçam instituições de controle feminino e escondem a escolha de direcionamento afetivo de

mulheres por outras mulheres. O ser mulher é histórico e tradicionalmente controlado por instituições como: maternidade, casamento e heterossexualidade (essa última se constituindo como uma instituição política que retira o poder das mulheres). A experiência lésbica, por sua vez, percorre dois caminhos: ora é invisibilizada, ora é apresentada por meio de uma escala que parte do desviante e culmina no odioso.

A heterossexualidade como instituição é reafirmada por algumas estratégias — principalmente através de meios como a mídia, a literatura, a arte e o cinema — como a apresentação de imagens ‘pseudolésbicas’; a idealização do romance heterossexual; apresentação de buscas/intenções masculinas como mais relevantes que as femininas (o que torna os valores culturais uma personificação da subjetividade masculina e o silêncio que recai sobre as mulheres (principalmente no sentido da existência de lésbicas e bissexuais na história e na cultura).

A autora ainda pontua que quando não se ignora completamente o tema da lesbiandade, tanto o enredo, quanto a forma como a obra representa as mulheres lésbicas se distanciam da realidade, o que reforça a incapacidade de criar identificação com o público lésbico. Dessa forma, é pertinente questionar-se como o esforço de autoidentificação impacta na construção de identidade de mulheres que se reconhecem como lésbicas e bissexuais, de mulheres heterossexuais (que também sofrem a pressão da heterossexualidade compulsória) e de meninas que estão em processo de descoberta e desenvolvimento da sexualidade.

No que se refere à representatividade feminina, Bianchi (2017) aponta que é evidente a relação entre transformações sociais e representação da mulher no cinema, sobretudo no sentido da visão patriarcal nas produções (FERRAZ, 2006 apud BIANCHI, 2017). Partindo da análise de quem se encontra por trás das produções cinematográficas - segmento do audiovisual focalizado pela autora -, é comum identificar majoritariamente homens ocupando cargos de direção, gravação, roteirização e montagem. Ou seja, é masculino o ponto de vista e a construção da narrativa, estruturados para fazer da mulher objeto de seu olhar.

As mulheres foram historicamente descritas e narradas a partir da representação, dos desejos e do imaginário do homem. É nele que seu corpo se produz e adere às práticas que se articulam em espaços definidos, ritmos, formas de se vestir, gestos, olhares permitidos e proibidos. Essa construção restrita do feminino é, portanto, fruto de um contexto social que cria, esquadrinha ou exclui. Como apontam Piason e Strey (2012), “[..] fixadas em seus corpos e suas produções, as mulheres simbolizam a reprodução humana e a afetividade. Aparecem, durante muito tempo, não como sujeitos, mas como seres apropriados e utilizados socialmente frente ao poder e à dominação masculina” (p. 106).

Nessa linha, Portinari (1989, p. 41) discute que, uma vez que a linguagem se configura como um objeto histórico, deve ter-se moldado nos termos de um universo permeado e dominado pelos signos da masculinidade. Consequentemente, os significados produzidos por sujeitos à margem são ignorados ou não devidamente contemplados, reforçando os papéis de gênero instituídos (BIANCHI, 2017).

O cinema e outros dispositivos do audiovisual não remetem apenas a conteúdos ou representações, como também ao discurso; constituem-se, portanto, como saber e instrumento de poder quando nomeiam, classificam e estabelecem o lugar dos objetos que representa, além de postular verdades sobre padrões de comportamento e relações em um dado contexto histórico e social. Essas características estereotipadas e comumente generalizadas podem reforçar a invisibilidade de grupos minoritários e desfavorecidos politicamente, engendrar discursos de ódio, exclusão social e política, afetar a autoestima e autoimagem daqueles que se reconhecem pertencentes a determinados grupos e, em última instância, atuar a favor do sistema patriarcal, heterocentrado e androcentrista.

Segundo Facco (2014), a história e a ficção retratam a mulher por meio de três frentes: ser doméstico, sem sexualidade e passiva. Ainda nas elaborações dessa autora (FACCO, 2004), livros que procuram dar uma imagem positiva a lesbiandade são considerados de baixa literatura e, consequentemente, menosprezados pela academia. É possível traçar um paralelo com a cinematografia brasileira, considerando ressalvas sobre custos de produção do cinema, divisão de trabalho e baixo interesse de investimento em propostas contra-hegemônicas.

Nesse sentido, Portinari (1989 apud TAKAZAKI, 2019) aponta que não há marginalização mais eficaz que a exercida pelo silêncio e, no que se refere às lésbicas, isso faz parte de um silêncio maior, que recobre o universo feminino como um todo. Em consonância com essa ideia, pode-se afirmar que a participação do universo lésbico no âmbito do cinema é ambígua: a presença de personagens lésbicas traz representatividade, porém pode atuar reforçando estereótipos e internalizando, no espectador, comportamentos ou padrões generalizantes (TAKAZAKI, 2019).

A luta pela representatividade visa construir uma história de diversidades expostas e respeitadas em suas singularidades e igualdades, livre de estereótipos generalizantes. Tomando a presença lésbica no cinema, é primordial considerar a participação da figura feminina nesse segmento do audiovisual, analisando tanto a constituição das personagens quanto as técnicas cinematográficas utilizadas, problematizadas por teóricas feministas há algumas décadas (TAKAZAKI, 2019).

4.1. Representatividade presente em séries

A série se configura como uma das formas através das quais a representatividade pode se apresentar dentro do meio audiovisual e midiático. O aumento exponencial de produções seriadas e o crescimento de plataformas de *streaming* como a Netflix, Amazon Prime Video e HBO Go promovem o acesso mais direto a públicos diversos, colocando em voga as pautas abordadas e produzindo reflexões e novos significados no imaginário do espectador.

Assim como outros meios digitais, como filmes e novelas, as séries atuam como potencializadoras da virtualização e da atualização, colocando o espectador em contato com uma experiência social permeada por troca de informações e ideias, como coloca Silva (2018). Essa interação entre série e espectador atua significando culturas e valores e combinando, segundo a autora, os lugares e o tempo. Permite, assim, que o indivíduo reviva experiências sensoriais e vivências à distância, especialmente quando se conecta com algum personagem ou trama específica.

A longa duração das séries, somada à possibilidade de extensão para várias temporadas, são pontos que contribuem para a complexidade da trama e desenvolvimento dos personagens. Além disso, como coloca Silva (2020), a nova tecnologia de *streamings* permite o fenômeno da reassistibilidade - ou seja, poder assistir e retornar à série quantas vezes desejar - e o *binge-watching*, que consiste em assistir um episódio após o outro de maneira ininterrupta. Ambos os fatores fomentam uma maior compreensão e envolvimento do espectador com as séries e narrativas apresentadas.

Nesse sentido, é possível pensar na dificuldade de pessoas pertencentes à comunidade LGBTQ+ na produção subjetiva dessa identificação ou conexão, analisando principalmente as produções mais antigas e a escassez dessa representação. Essa situação se agrava quando mulheres lésbicas e bissexuais são colocadas em voga, uma vez que, historicamente, foram limitadas a posições específicas de subalternidade, o que era refletido nas telas. Como postula Afonso (2020), o primeiro beijo lésbico da história das séries de TV só aconteceu em 1991, em um momento muito avançado e desenvolvido da série *L.A. Law* (1986, produzida pela NBC) - uma vez que o primórdio da produção de séries data de 1946.

A análise da representação do público LGBTQ+ em séries não pode ser dissociada da luta constante e árdua dos movimentos sociais e dos consequentes avanços gradualmente conquistados. Segundo Connelly (2018), os movimentos de reivindicação de gays e lésbicas se estruturaram de forma mais organizada após as revoltas de Stonewall, série de manifestações organizadas por pessoas da comunidade LGBTQ+ em reação à invasão e violência policial no

Bar Stonewall Inn, um relevante ponto de encontro de membros da comunidade localizado em Manhattan, NY. Esse ocorrido, datado de junho de 1969, é considerado um dos maiores marcos no que se refere à criação da identidade política de LGBTIs (FERNANDES, 2012). Fernandes também postula que é na década de 60 que se observa um deslocamento importante da homossexualidade, a qual passa a designar e compreender seus sujeitos a partir de um lugar de opressão - considerando a sujeição à homofobia - e conjurar uma identidade coletiva política para aqueles que se identificam com a homossexualidade.

O momento pós revolta, como discute Connelly (2018), também desencadeou um esforço intenso dos ativistas com o objetivo de combater imagens e ideias que apagavam, marginalizavam, patologizavam ou reforçavam estereótipos negativos acerca das existências e identidades LGBTQ+. Tais iniciativas se materializaram tanto por meio da criação de representações midiáticas alternativas, quanto pela reivindicação pública dessa representatividade em filmes, televisão, teatro e outras formas de cultura popular. Ações como protestos em frente aos cinemas e estúdios de televisão foram organizadas e, através de árduas e graduais tentativas, pequenos passos foram sendo conquistados. Entretanto, como coloca Afonso (2020), os movimentos que conseguiram avançar mais na conquista de direitos e perduraram por mais tempo foram aqueles liderados por homens, reflexo direto da estrutura patriarcal e misógina que, em todos os âmbitos, privilegia a figura masculina.

Esse privilégio se materializa social, política e historicamente, além de estar intrinsecamente ligado à dimensão da representatividade LGBTQ+ no audiovisual, tornando muito mais frequente e socialmente aceito a presença de homens gays - protagonistas e coadjuvantes - em séries, filmes e novelas, em comparação à mulheres lésbicas e bissexuais e outras expressões de sexualidade da comunidade LGBTQ+.

No tocante à reivindicação acerca da representatividade e demais direitos da comunidade LGBTQ+, dois grupos foram centrais: National LGBTQ Task Force - antigo National Gay Task Force - e Gay Activists Alliance (GAA), atuando em algumas frentes principais: demanda de espaço nas mídias, exigência de que os personagens e experiências fossem retratados de maneira fidedigna e não estereotipada/marginalizada, condenação de títulos individuais através de manifestações públicas e divulgação nos meios de comunicação social e crítica direta de indivíduos dentro de Hollywood por comentários homofóbicos através de uma combinação de cobertura de imprensa e protestos presenciais. (CONNOLLY, 2018; AFONSO, 2020). Os esforços - incessantes e assíduos - de tais movimentos resultaram na mobilização de importantes cargos em algumas emissoras norte-americanas, que, em certa medida, buscaram debater e compreender a questão levantada.

Dentre os marcos relevantes concernentes aos ativistas de tais grupos, destaca-se um documento destinado a executivos dos estúdios e outros funcionários da indústria midiática, denominado “Alguns princípios gerais para o tratamento da homossexualidade no cinema e na televisão”, como pontua Connolly (2018). Este delineava as crenças que orientavam os grupos acerca de uma representação apropriada, demarcando três pontos principais: a condenação explícita do tratamento de indivíduos ou experiências LGBTQ+ como alvos de pena ou ridicularização; o alinhamento da comunidade LGBTQ+ com outros grupos minoritários e oprimidos (como afro-americanos, judeus, hispânicos e latinos), os quais também lutavam por um tratamento mais sensível por parte das produtoras de filme e televisão; e a insistência na ampliação dos estereótipos percebidos nas telas.

Ainda segundo o autor, essas exigências coincidem com as estabelecidas por ativistas de movimentos anteriores, especialmente no que se refere à uma definição mais ampla da identidade LGBTQ+, a qual abrange expressões de gênero e experiências diversas. Ademais, a publicação desse documento aludiu ao pressuposto de que a representação LGBTQ+ seria positiva e benéfica no sentido de uma maior abertura de indivíduos “dentro do armário”. Contudo, ao sublinhar a pluralidade da experiência LGBTQ+, a coligação de grupos de libertação abordou os estúdios de cinema e de televisão através de um apelo moderado à auto-reflexão e ampliação representativa, evitando defender e reivindicar mudanças mais radicais no sistema.

Traçando um panorama histórico mais amplo, direcionado à questão da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais, é possível identificar um número significativo de mortes de personagens WLW (*women-loving women*, ou mulheres que amam mulheres) desde 1996 (166), o que revela uma tendência - ainda não superada - de atribuição de destinos trágicos e fatais a personagens que se encaixam nesse grupo específico. Um marco relevante, datado de abril de 1997, foi a revelação da comediantes e apresentadora Ellen DeGeneres em sua famosa *sitcom* Ellen, a qual se assumiu lésbica tanto como personagem, quanto na vida real. Gerou, assim, repercussões ambivalentes: movimentos sociais contra esse tipo de conteúdo apresentado na televisão e movimentos comemorando essa enorme conquista para a comunidade LGBT+ (WAGGONER, 2017).

O aumento quantitativo de representatividade de mulheres não heterossexuais decorrente desse momento não significou uma maior tolerância, reconhecimento ou aceitação social. Segundo Waggoner (2017), as narrativas ainda eram focalizadas em conflitos interpessoais ou ligados a relacionamentos, não representando com acurácia essas mulheres fora de um padrão de reviravoltas dramáticas. A autora ainda pontua uma linha narrativa

comum: o apagamento bissexual, onde uma mulher que havia se relacionado com outra mulher ao longo da história acaba em uma relação heterossexual, reforçando e validando a heteronormatividade, na qual a indústria se apoia.

Embora a indústria midiática tenha avançado imensamente em termos de representatividade - principalmente em quantidade de personagens - alguns dados não podem ser ignorados. No período entre 2015 a 2016, das 35 personagens lésbicas ou bissexuais que marcaram presença na televisão, 10 encontraram fins funestos, o que significou uma diminuição de 29% de personagens WLW, conforme coloca Waggoner (2017). Nessa discussão, também é necessário destacar que o número de personagens WLW representavam 1% do número de personagens total. Como consequência desse fato, e desencadeado pela morte repentina de uma personagem lésbica (Lexa, da série norte americana *The 100*, 2014), um movimento mais intenso emergiu nas redes sociais em 2016, tendo como principal reivindicação as formas através das quais a representatividade dessas personagens era construída e a falta de perspectiva para as mesmas (Ibid, 2017).

Além do padrão do apagamento bissexual, anteriormente citado, alguns outros são historicamente centrais para compreender esse segmento da representatividade, como o “*Bury Your Gays*” (“enterrem seus gays”, em português), cujo problema principal é a tendência dos personagens LGBTQ+ de serem mortos de maneira trágica e repentina (na maior parte das vezes) em narrativas majoritariamente heterossexuais; ou quando os personagens são mortos justamente por conta da sexualidade. Nessa linha, o chamado padrão “*Depraved Homosexual*” (“homossexual depravado”), pavimentou o caminho para que o “*Bury Your Gays*” culminasse. Este, traz personagens homossexuais (abertamente ou não) que se configuravam como vilões e acabavam punidos/mortos no final. Sua vilania, muitas vezes, estava relacionada a uma natureza sexual ou a uma tendência de flertes incômodos/desconfortáveis (TV TROPES, 2017).

Dentre as principais séries que representam mulheres lésbicas e bissexuais, algumas são passíveis de destaque pelas temáticas transversais que abordam, como *Euphoria* (2019), *Sense8* (2015), *The L Word* (2004), *The 100* (2014), *Everything Sucks!* (2018) e *One Day At a Time* (2017).

The L Word, produzida pela *Showtime*, estreou em 2004 nos Estados Unidos e em 2005 no Brasil, pela *Warner Channel*, sendo a primeira série da televisão americana a apresentar um elenco majoritariamente constituído por pessoas LGBTQ+, principalmente homossexuais e bissexuais. A narrativa era centrada na vida de um grupo de mulheres lésbicas de Los Angeles, abordando suas relações interpessoais de amor, sexo e amizade. Deu visibilidade e colocou em pauta, portanto, diferentes identidades sexuais lésbicas e de gênero e diferentes constituições

de relacionamento entre mulheres - românticas e não românticas, revolucionando o mercado audiovisual. Apresentou, também, questões polêmicas e pouco discutidas na época, como relacionamento lésbico inter-racial, depressão severa e pessoas transsexuais/transgêneras.

Entretanto, alguns pontos são passíveis de questionamento. Inicialmente, a questão da própria representatividade chama a atenção, pois está focada quase que exclusivamente na sexualidade: outras dimensões da diversidade - como a étnico-racial ou socioeconômica - não foram levadas em consideração na elaboração do roteiro. Assim, a série apresenta ao espectador todas as protagonistas e maior parte das coadjuvantes seguindo um padrão específico: brancas, magras, norte-americanas e de classe média-alta, ocupando posições relevantes em seus empregos.

A maneira como elas são inseridas em seus contextos também merece destaque, uma vez que as tramas se desenrolam de maneira bastante utópica: as dimensões da opressão - lesbofobia e bifobia, dos preconceitos e dos julgamentos não são aprofundadas. É possível que esse tipo de escolha dos roteiristas e produtores, apesar de gerar interesse, não fomente a identificação por parte do espectador, principalmente aqueles de países latino-americanos e, mais especificamente, os brasileiros.

Outro ponto de grande impacto - e que foi replicado em diversas outras séries - foi a morte causada por uma doença terminal de uma das protagonistas, Dana Fairbanks (interpretada pela atriz Erin Daniels). A ocasião foi sentida por muitos fãs, especialmente dado que a personagem se encontrava no auge de seu arco narrativo - que envolvia dificuldade de aceitação da sexualidade interna e externamente e sua decisão de viver um romance com outra mulher de maneira pública. Esse acontecimento levanta o ponto da repentina eliminação ou esquecimento das personagens lésbicas/bissexuais em séries, a partir do momento em que perdem sua “utilidade” na trama, tornando-se completamente dispensáveis.

O mesmo acontece em *The 100* (2014), produzida pela CW, com a personagem Lexa (interpretada por Alycia Debnam-Carey). A personagem, que ao longo de duas temporadas se apaixonou de maneira sutil por Clarke (Eliza Taylor), teve uma morte trágica e repentina após uma declaração mútua de amor entre as duas. Esse fato repercutiu de maneira muito negativa para os produtores da série e gerou diversas manifestações - desde *hashtags* pedindo o boicote da série, até ações de arrecadação de fundos para apoiar organizações que auxiliam jovens correndo risco de suicídio.

Tanto *Sense8* (2015 - produzida pela Netflix), quanto *Euphoria* (2019 - produzida pela HBO), apresentam o romance entre duas mulheres, uma cisgênero e outra transexual; além de uma relação interracial, entre uma mulher branca e outra negra. *Sense8*, escrita, produzida e

dirigida por Lilly e Lana Wachowski, duas irmãs transexuais, tem como trama principal a vida e a conexão mental e emocional entre 8 pessoas que não se conhecem, cada uma de um país diferente ao redor do globo. Uma delas é Nomi Marks, interpretada por Jamie Clayton, mulher trans, lésbica, *hacker* e ativista pelos direitos LGBTQ+ na cidade de São Francisco, EUA.

Para além do conflito principal, o qual envolve uma organização secreta que objetiva promover o extermínio desse grupo de pessoas, Nomi precisa lidar com os ideais de sua família - a qual não aceita sua identidade de gênero e orientação sexual. Nesse sentido, a série apresenta uma série de situações que promovem diferentes violências contra a personagem: sua mãe, por exemplo, a chama pelo nome morto, concedido em seu nascimento e a interna em uma clínica, tentando forçá-la a realizar um processo de lobotomia no cérebro. Embora Nomi seja bem resolvida no que se refere à identidade de gênero e sexualidade, precisa se haver com sua existência sendo tomada como condição e patologizada.

Euphoria (2019, produzida pela HBO), por outro lado, tem como sua premissa principal acompanhar a vida de um grupo de jovens norte-americanos do Ensino Médio, trama que envolve drogadição, conflitos amorosos, familiares e de amizade, violência e sexo. Como protagonista, nos é apresentado Rue Bennett (Zendaya), de 17 anos, que acaba de sair de uma clínica de reabilitação após sofrer uma overdose. A personagem abusa de diversas drogas e a série acompanha sua trajetória permeada por essa dependência. Outros personagens de grande destaque são Jules Vaughn (Hunter Schafer), Maddy Perez (Alexa Demie), Cassie Howard (Sydney Sweeney) e Nate Jacobs (Jacob Elordi).

No contexto deste trabalho, vale destacar o envolvimento entre Rue e Jules logo no início da primeira temporada, que evolui para um romance de forma gradual e espontânea. Contudo, o casal se depara com obstáculos e impeditivos no decorrer da série, tanto de natureza interna - das próprias questões pessoais e expectativas de cada uma, quanto de natureza externa, da interferência de outros personagens (formando, inclusive, um triângulo amoroso entre duas mulheres e um homem). Entretanto, se faz importante destacar que a série coloca em voga o relacionamento entre uma mulher negra cisgênero e uma mulher trans branca, configuração pouco representada no universo do audiovisual no geral.

Por fim, duas *sitcoms* também abordam essa temática, cada uma à sua maneira: Everything Sucks! (2018) e One Day At a Time (2017), ambas produzidas pela Netflix. A primeira, comédia dramática que possui apenas uma temporada, se orienta em Oregon (EUA), na época de 1996, e retrata um grupo de alunos no ensino médio, participantes do clube de Audiovisual, que trava um conflito com o grupo de Teatro. Dentre os protagonistas, está Kate

Messner (Peyton Kennedy), filha do diretor do colégio e estudante do segundo ano, a qual está vivendo suas primeiras experiências romântico-afetivas e se descobrindo nesse processo.

Após rumores de que Kate era lésbica, ela entra em um relacionamento com Luke O'Neil (Jahi Di'Allo Winston), colega de turma que possuía interesse nela. Contudo, a personagem começa a questionar a própria sexualidade e desenvolve uma queda por Emaline Addario (Sydney Sweeney), participante do clube de Teatro. Desencadeia, portanto, uma relação platônica e inocente, sutilmente desenvolvida na produção - que acaba por se concretizar ao final, quando Emaline demonstra que o interesse é recíproco. Em paralelo, outros personagens são apresentados e focalizados, como McQuaid (Rio Mangini), Tyler Bowen (Quinn Lieblich), Ken Messner (pai de Kate, interpretado por Patch Darragh) e Sherry O'Neil (mãe de Luke, interpretada por Claudine Mboligikpelani Nako), por exemplo. A trama principal gira ao redor da união entre os dois clubes, a fim de produzir um filme independente; e a relação dos adolescentes entre si, com eles mesmos e com o meio no qual estão inseridos.

One Day At a Time, por outro lado, apresenta uma proposta diferente. Trata-se de uma comédia familiar e, para tal, tem como protagonista uma família latina, composta por mãe (Penélope Riera Alvarez, interpretada por Justina Machado), avó (Lydia Riera, interpretada por Rita Moreno), filha (Elena Alvarez, interpretada por Isabella Gomez) e filho (Alex Alvarez, interpretado por Marcel Ruiz). Para além do núcleo principal, outros personagens estão constantemente envolvidos na trama e transitam pela casa: Pat Schneider (Todd Grinel) - vizinho dos Alvarez e dono do prédio em que vivem; Dr. Leslie Berkowitz (Stephen Tobolowski), médico e chefe de Penélope e Syd (Sheridan Pierce) - companheira de Elena na segunda temporada.

Os assuntos abordados na série são atuais e envolvem problemáticas bastante latentes globalmente. A trama da família descendente de cubanos é perpassada pela adaptação nos Estados Unidos, país permeado pela xenofobia, pela questão imigratória e pelos ideais de *"Make America Great Again"* (*torne a América grandiosa novamente*), slogan elaborado e difundido por políticos nas eleições presidenciais de 2016. Aborda, também, questões financeiras e de saúde mental, ligadas ao uso de medicamentos, ao Transtorno de Estresse Pós Traumático e ao alcoolismo, por exemplo. No que tange a sexualidade, a personagem que mais levanta essa questão é Elena, a qual se descobre lésbica na primeira temporada, após tentar se envolver com homens. Seu processo de identificação, autoconhecimento e auto aceitação são explicitados, além de todo o conflito que permeia o "se assumir" ou o "sair do armário".

Contudo, um ponto de destaque no que se refere à trajetória da Elena passa pelo fato de que sua representação não é focada exclusivamente na sua sexualidade. A personagem possui

outras camadas, ligadas, principalmente, à militância e ao embate geracional na relação com sua mãe e avó. Tal construção mais profunda e multidimensional costuma ser rara quando se trata de narrativas envolvendo pessoas LGBTQ+, tornando a personagem mais identificável e querida pelos espectadores.

5. NARRATIVAS POSSÍVEIS

Quanto ao decorrer das entrevistas, se faz importante delimitar que tomaram forma pautadas em um clima informal, ambas realizadas na casa da pesquisadora - por desejo das entrevistadas - e percorrendo um caminho não linear, permitindo dúvidas, esclarecimentos e aprofundamentos - tanto no tema, quanto na trajetória pessoal das entrevistadas. Logo, toda e qualquer informação presente tanto no trabalho em si, quanto nos anexos, foi revisada pelas participantes, aprovada e permitida.

A primeira participante, S., tem 20 anos e se identifica como uma mulher cisgênero branca e lésbica; é modelo e atleta e reside em São Paulo, como sumarizado na Ilustração 1. Namora outra mulher e o casal mora na mesma casa há alguns meses. Segundo ela, sua vida é baseada em treinar, dar aulas e trabalhar. Essas foram as principais informações fornecidas diante da solicitação para que a participante se apresentasse e falasse um pouco sobre si mesma.

A segunda participante, N., tem 18 anos, se identifica como uma mulher cisgênero branca e está no 3º período do curso de Publicidade e Propaganda em uma faculdade privada. É solteira, mora com os pais e também reside em São Paulo. No que se refere à orientação sexual, embora sua trajetória envolva relacionamentos e interesses romântico-afetivos com homens e mulheres, não busca se restringir a nenhuma denominação específica, acreditando que não seja necessário nesse momento.

Abaixo, apresentaremos duas tabelas estruturadas conforme a seguinte organização: a primeira coluna se refere à questão levantada pela pesquisadora; a segunda coluna possui trechos de fala da participante entrevistada - na íntegra; a terceira se refere às unidades de sentido produzidas a partir das falas; e a última abrange as constelações - que abarcam diferentes unidades de sentido e abordam temáticas semelhantes ou correlacionadas. A primeira tabela diz respeito à entrevista reflexiva realizada com a participante S., enquanto a segunda tabela se refere à entrevista realizada com a participante N.. A partir delas, serão produzidas as análises e discussões. A tabela é ilustrativa e traz trechos das entrevistas que estarão disponíveis nos anexos 2 e 3.

5.1 Sentidos apreendidos: das constelações

Entrevista com S.

QUESTÃO LEVANTADA	FALAS DA ENTREVISTADA	UNIDADES DE SENTIDO	CONSTELAÇÕES
Solicitação para que a participante discorrer sobre como se identifica (em termos de sexualidade)	<i>“Bom, eu tenho 20 anos né. Eu me assumi pro meu pai quando eu tinha acho que 13 anos ou 14 anos. E foi uma parada muito de pressão assim, eu já estava namorando com uma menina já fazia quase um ano. E era óbvio que eu namorava com essa menina, ela já tinha ido no Natal, já tinha ido em festa de família. Então eu peguei um dia, na escola mesmo, e falei “ah não, vou falar pro meu pai, ele precisa saber”. Ele foi me buscar na escola esse dia, a gente foi almoçar e eu contei pra ele, expliquei pra ele. E meu, foi ridículo assim, ele só falou tipo “tá, foda-se” (risos). E aí seguiu nisso, aí eu já era uma pessoa abertamente... pro mundo inteiro né, porque no caso o meu pai foi a única pessoa que eu me assumi mesmo, não peguei ninguém da minha família para fazer isso, além dos meus amigos assim. Aí depois que eu falei pro meu pai ficou tranquilo. Mas eu acho que foi real com uns 14 anos e sempre foi uma coisa bem clara pra mim assim, desde muito pequena eu fazia... eu via as meninas de um outro jeito. E óbvio que quando eu era pequena eu não entendia isso, mas depois eu fui “pô, isso agora faz algum sentido né”. E até algumas brincadeiras que eu fazia quando pequena, algumas relações que eu tinha com amigas... mas acho que é meio isso.”</i>	Contato com as séries como produtor de identificação e reflexão acerca da sexualidade	Impactos da representatividade
PERGUNTA DESENCADEADORA: “Como você vê mulheres lésbicas e bissexuais representadas em séries?”	<i>“Eu vejo assim, mal representadas. De grande forma, bem estereotipadas e em um contexto de até heteronormatividade [...] quando tem uma menina lésbica em uma série, ela é lésbica pra caralho, com roupa masculina, cabelo curto... e tipo um estereótipo escroto. E até nessas séries que eu costumo ver, tipo reality show, normalmente não tem nenhuma. Falando no BBB, não sei nem qual foi a última lésbica que teve no BBB. Quando teve mulher bissexual, não teve nem uma forma dessa narrativa se sustentar além, sei lá, da Hana Khalil falando “sou bissexual” e já era, porque não tinha como ela expressar isso de nenhuma forma, né? Então acho que a gente tá meio apagada mesmo, e quando não, super sexualizada e feita de VT mesmo, né, para homem ver. Não só homem, mas acho que também para mulheres verem e acharem que isso é o convencional.”</i>	Representações estereotipadas; Escassez de mulheres lésbicas e bissexuais no audiovisual; Objetificação, super sexualização e fetichismo;	Produção e reprodução de estereótipos; Não representação de mulheres lésbicas e bissexuais;

“Você consegue pensar em algum personagem, algum casal, que você lembra ou que te marcou nesse sentido?”	<i>“Meu, tipo, é que quando eu penso em lésbica e bi em série a primeira coisa que vem na minha cabeça é Orange is the new Black, que foi a primeira referência que eu tive de “nossa beleza, essas pessoas são iguais a mim, a gente tem uma certa semelhança....”. Óbvio que nada a ver (risos), porque elas estão em uma prisão. Mas acho que quem vem mais na minha cabeça são essas personagens. A Alex, uma grande personagem... até a Piper, por mais de não gostar muito de quem ela seja, me identificar até com esse lance de entrar lá casada com um cara, enrolada com um cara, e todo o rolê com a família dela. Acho isso bem legal, mas ao mesmo tempo também é bem estereotipado, bem clichêzão.”</i> [...] <i>“Pretty Little Liars era uma série que eu via quando era muito pequena. E eu lembro que eu vi no ano em que eu me assumi assim para as minhas amiguinhas. E na série tem a Emily, né, que ela... eu acho que é bi e eu estava bem na parte em que ela estava namorando com uma menina. E aí eu via essa série com minha amiga, a gente via pelo computador juntas, em vídeo call e aí quando aparecia meio que a Emily com a menina a gente meio que conversava sobre essas coisas e foram surgindo algumas referências e alguns momentos. E essa menina, amiga minha, quando ela foi se assumir para mim ela falou isso, de tipo “ah, eu acho que eu sou meio igual a Emily”. Então foi um momento de estar enxergando algo que parecia com aquilo que a gente estava sentindo.”</i>	Contato com as séries como produtor de identificação e reflexão acerca da sexualidade;	Impactos da representatividade;
“Você se sente representada em alguma série ou nas séries em geral?”	<i>“Olha, não. Tipo, de alguma maneira sim. Porque eu ainda sinto que dentro das lésbicas eu sou a lésbica que está em um “topinho”, até por ser bem padrãozona de sapatão e enfim, acaba que as pessoas representam mais isso - também por acharem que é só isso, né? Mas de modo geral não, até por isso que eu falei do reality show e é uma coisa que eu falo com a minha namorada direto. A mãe dela conhece a mina que faz a produção do The Circle e a gente fala brincando “Não, vamos entrar no The Circle”. Qual a chance dos caras colocarem eu e ela, um casal sáfico, pra gente fazer um personagem no The Circle e tipo participar? Qual foi a última vez que isso aconteceu? Não que seja impossível, tomara que em algum momento inclusive isso aconteça. Mas eu me sinto inexistente nesses programas tipo Casamento às Cegas, sei lá, De Férias com o Ex...”</i> [...] <i>“E quando tem uma mulher é para ela beijar outra mulher com um cara no meio. Então tipo, é meio invisível, né?”</i> [...] <i>“Eu acho que eles tinham que dar real uma oportunidade de desenvolver um casal sapatão no meio do BBB. E sei lá, um casal sapatão genuíno, não assim: colocou duas sapatão e meu deus, elas começaram a namorar (risos). Tipo, que fosse uma coisa mais livre mesmo, mais aberta, mais natural.”</i>	Representações estereotipadas; Objetificação, super sexualização e fetichismo; Representatividade como algo forçado, fora da realidade, não-natural;	Produção e reprodução de estereótipos; Não representação de mulheres lésbicas e bissexuais;

“E como você acha que essas produções do audiovisual, séries, filmes, poderiam representar melhor as mulheres lésbicas e bissexuais?”	<i>“Ah, eu acho que uma coisa muito importante e legal é sempre tentar colocar mulheres que realmente sejam mulheres lésbicas e bissexuais para representarem não só esses papéis, mas principalmente para serem esses papéis, pra gente conseguir visualizar isso de uma forma geral. Óbvio que a gente tem que desassociar o ator do personagem que ele está fazendo, mas mesmo assim, é sempre um referencial de uma atriz que está fazendo um casal hétero e você vai no Instagram dela e ela é heterossexual de fato. E sinto isso até... de novo, falando da Emily. Quando eu era pequena, eu via a Emily na série sendo bissexual, que seja, e aí você entra no Instagram dela e ela é tipo casada com um homem, tem três filhos e sabe... nada a ver assim. Óbvio que ela não é o personagem, mas dá uma quebrada na expectativa, né? Parece que é realmente tudo só falso, só pra série, então eu acho que isso seria muito interessante, buscar narrativas não óbvias... igual a gente falou, tipo assim, que não seja uma coisa descartável, né? Que dure, que seja uma coisa pensada, que tenha um desenvolvimento de personagem, de relacionamento, de construção mesmo de personagem, de namoro... então acho que as pessoas tinham que.... as pessoas, sei lá, os dramaturgos, escritores, tinham que buscar trabalhar mais nisso, colocar isso de uma maneira real, porque não é uma coisa muito longe da realidade hoje em dia. Óbvio que a gente está numa bolha ridícula, mas tipo se eu vou em qualquer lugar um casal gay tem, dois tem. Então você tem que colocar dentro da realidade. Até novela da Globo, essas paradas. Mas precisa ter de verdade, não só ter um chaveirinho lésbico da série, para você ter 5 minutos de série dispersos, para fazer videozinho. Mas que seja uma coisa real e representar de uma forma certa.</i>	Necessidade de mulheres lésbicas e bissexuais assumindo papéis na construção das séries; Necessidade de trabalhar no desenvolvimento e construção de personagens bissexuais e lésbicas e suas tramas;	Estratégias possíveis;
--	---	---	-------------------------------

Entrevista com N.

QUESTÃO LEVANTADA	FALAS DA ENTREVISTADA	UNIDADES DE SENTIDO	CONSTELAÇÕES
Solicitação para que a participante se apresentasse e falasse um pouco sobre ela, livremente	<i>“Quer saber mais de mim? Deixa eu ver... Tenho dezoito anos. Sou neném recém jogado na faculdade. Venho de família libanesa, muçulmana. Tenho uma ligação bem forte de criação e de vontade com arte, música e desenvolvimento de percepções e coletivos, enfim. Bem bicho grilo de teatro e de arte. O que mais? Faço Belas Artes. Também sou bolsista. [...] Faço outros cursos também, nas Fábricas de Cultura, não sei se você já ouviu falar. Sou apaixonada, apaixonada. Sai de lá agora. E... tem o meu gato que eu amo mais que tudo nesse mundo. E é isso.”</i>		
PERGUNTA NORTEADORA: “E como você vê mulheres lésbicas e bissexuais sendo representadas em séries?”	<i>“Não vejo (risos). Tipo... eu acho que é muito interessante você falar isso porque eu li um livro esses tempos de uma autora que sempre refletiu muito a presença de mulheres LGBT, mulheres lésbicas e bissexuais dentro de um meio artístico, sabe? Ela fez um livro, que é “O Amor Não É Óbvio”, eu não sei se você já ouviu falar... É um livro muito lindo que fala sobre duas meninas que se apaixonam e tal. Só que ela aborda muito essa questão. Quando ela começou a abordar essa questão e eu comecei a entrar em contato com ela e o conteúdo dela foi quando eu comecei a abrir esse leque pra pensar, tipo, “pô, é verdade, tipo, eu sou gay e eu não vejo ninguém gay”. E quando a gente vê - pelo menos falando eu e dentro das minhas amigas que também gostamos de mulheres - quando a gente vê que tem uma série que tem a gente na hora já indica. Porque a gente fala tipo “caralho, não acredito que tem!”. Pra gente é mó fantástico, sabe? Existir uma série onde a gente está sendo abordada, sabe? Então essa questão começou a bater muito forte pra mim esses últimos tempos, de que realmente é muito escasso, sabe? A gente vê muito pouco.”</i> [...] <i>“Eu sinto também que é um estereótipo muito... é que em série ainda... é porque eu consigo pensar em um filme ou outro extremamente objetificados assim sexualizados. Mano, já me vem uns quatro filmes assim, onde eu via que estava extremamente objetificada, estereotipada, tipo tem a sapatão que é do mal e a menininha, bonitinha, que é casada com homem, que namora um homem, aí depois ela vai e se descobre. Então pensar em série vira uma coisa muito louca, porque tem uma padronização que não cabe, sabe? Eu, por exemplo, quando eu vejo alguma coisa de tipo uma mulher lésbica muçulmana. Mano, falta eu chorar, sabe? Porque não tem.”</i> [...] <i>“Uma vez ou outra eu acho alguma coisa assim, de mulheres que usam hijab, que usam o véu e que levantam uma bandeira pra falar que estão com outras mulheres e isso é uma representatividade porque a gente tipo simplesmente não tem. Quiçá uma série sobre isso, sabe?”</i>	Contato com as séries como produtor de identificação e reflexão acerca da sexualidade; Representações estereotipadas; Objetificação, super sexualização e fetichismo;	Impactos da representatividade; Produção e reprodução de estereótipos;

“Eu sei que você não se vê representada por nenhuma personagem, por nenhuma série, você não tem nenhuma referência de pessoa lésbica ou bissexual nessa transição, nesse caminho, nessa confusão com a qual a gente se identifica. Mas você acha que se tivesse, qual seria o impacto na sua vida?”	<i>“Porra. Nossa, eu ia ficar muito feliz cara. Eu não sei nem... eu não sei nem o que eu te respondo, porque isso nunca aconteceu (risos). Aí só de pensar eu acho que já dá meio que um pane. Deixa eu pensar em algum sentimento... Eu acho que ia ficar um pouco mais aconchegada. Comigo, mesmo. Eu acho que ia ficar, eu ia ficar um pouco mais orgulhosa pela minha cultura. Não orgulhosa de mim mesma, mas orgulhosa da minha cultura. Orgulhosa da representatividade que eu venho. Acho que eu ia me sentir como se eu pertencesse de verdade. Porque às vezes quando a gente não tem uma representatividade, a gente pensa que a gente não pertence a isso. A gente se sente muito deslocado. Mas eu acho que é isso, eu acho que é mais pertencimento mesmo. Achei a palavra que eu queria.”</i>	Representatividade como produtora de novos sentidos;	Impactos da representatividade;
“Quais você sente que são os padrões das séries? Você comentou também do estereótipo e tal... Acho que esse é um deles... inserir cenas de sexo assim como falamos de The L Word. Mas se você conseguir pensar em outros padrões ou outros estereótipos...”	<i>“Quando eu penso em padrão dentro da mídia, dentro de questão quando você assiste, eu sempre penso que quando a gente fala de um casal monogâmico, a gente fala de uma mulher que é um pouco mais... tem... questões mais masculinas. E outra que tem questões mais delicadas, mais femininas. Então mesmo quando é um casal LGBT, ainda segue um padrão heteronormativo, de uma mulher que é um pouco mais rude, um pouco mais grossa, ela é misteriosa, ninguém fala com ela, porque ela usa roupa de tal jeito. E uma menina que é mais delicada, porque ela sempre é mais extrovertida e fala com todo mundo, usa roupas mais claras e tudo mais. Eu percebo muito isso, essa questão de mesmo quando são duas mulheres ainda tem uma que puxa mais pro lado de... fazem ela dentro de um estereótipo mais heteronormativo. Uma mais masculinizada e uma mais feminilizada. Então há sempre uma que não performa a feminilidade e outra que performa feminilidade. O que nunca foi um padrão dentro da comunidade LGBT assim, pelo menos não é regra pra gente. Mas parece que quando são produtores héteros, homens que fazem, pra eles é assim que tem que ser. [...] Nessa questão do sexo, eu vejo muito que... cara, eu nem sei como eu discorro sobre isso, porque eu vejo muito como uma venda pra pessoas heterossexuais também. Eu não consigo não ver isso como uma objetificação para ser vendida. Então me incomoda por esse motivo, porque a gente não é uma venda. Acho que é isso, não sei, muito delicado pra eu conseguir pensar em alguma coisa que vá fazer sentido.”</i>	Representações estereotipadas; Objetificação, super sexualização e fetichismo;	Produção e reprodução de estereótipos;

“Como você acha que seria... não ideal... mas mais saudável a representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais nas séries? Como você gostaria que fosse?”	<i>“Eu acho que eu gostaria que não tivesse o peso de abordar a sexualidade de uma forma tão difícil. Eu gostaria que não fosse abordado de uma forma... a família fosse um peso, a religião fosse um peso, a sociedade fosse um peso e a questão da sexualidade ser um peso. Eu acho que eu gostaria que fosse abordada como assim “ah, tem uma trama dentro do casal, porque o casal está passando por alguma dificuldade, assim como a gente vê vários casais héteros... tem vários romances que retratam as dificuldades de um casal e tudo mais. Eu acho que mais nessa questão. [...] Eu acho que... como eu gostaria que fosse? Eu acho que gostaria que fosse leve. Eu acho que eu ia me sentir representada se eu conseguisse ver alguma coisa leve. Alguma coisa fosse pro meu futuro, porra, tenho trinta anos e eu quero ver alguma coisa de uma mulher de trinta anos que está casando com outra de trinta anos e tá tudo bem. Elas estão vivendo a vida dela. O lado bom de The L Word é que tem um pouco disso, eles não abordam tanto a questão do caos da sexualidade, mas o lado ruim é objetificação, entendeu? Mas o lado bom eu falo de mulheres adultas, crescidas que tem as suas tramas dentro disso. Eu acho que seria bom se fosse nessa questão natural, seguindo o ciclo das coisas que nem a gente vive isso. Seria bom também se tivesse mais representatividade de etnia também, óbvio. Alguma coisa menos caucasiana. Alguma coisa menos branca.”</i>	Necessidade de trabalhar no desenvolvimento e construção de personagens bissexuais e lésbicas e suas tramas; Representatividade como produtora de novos sentidos;	Estratégias possíveis;
“Você acha que pra gente alcançar essa questão de ter um roteiro leve, de ter uma trama na qual a sexualidade não é a pior coisa que acontece na vida da pessoa.. O que você acha que precisa acontecer pra ter isso?”	<i>“O que eu gostaria muito que acontecesse? Eu gostaria muito que tivessem mais mulheres sáficas fazendo série. Acho que mais produtoras fazendo isso. Porque eu tenho certeza que a grande maioria das séries que foram produzidas sempre são produzidas por homens héteros. Ou homens, no geral. Então eu queria muito que tivesse mais essa abordagem de mulheres cis, de mulheres trans, dentro da produção de alguma coisa. Porque é muito fácil a gente falar, “ai tem que ser normalizado, tem que se falar, espalhar a palavra”. A gente sabe que isso precisa ser feito. Só que a gente sabe que isso não é fácil de ser feito. Eu acho que é muito mais a questão de mulheres conseguirem entrar dentro das coisas para que elas mesmas façam. Lógico, seria perfeito se tivesse os dois, né? Tanto essa normalização, quanto as mulheres produzindo. Mas eu acho que seria um pouquinho mais vantajoso se tivesse mulheres fazendo séries assim, mulheres diretoras, mulheres produtoras, mulheres sáficas atrizes. Que de verdade estão ali por isso. Não mulheres que são héteros e que foram contratadas para fazer um papel assim. Mulheres que realmente são e que... continuam expondo isso um pouco mais. Eu vejo muito que quando existem séries que abordam sobre isso, elas não são tão famosas quanto séries que não abordam sobre. Então eu acho que essa questão de fazer alguma coisa... mano, eu</i>	Necessidade de mulheres lésbicas e bissexuais assumindo papéis na construção das séries; Necessidade de trabalhar no desenvolvimento e construção de personagens bissexuais e lésbicas e suas tramas;	Estratégias possíveis;

	<i>estou pensando muito por um lado publicitário. Mas... de fazer alguma coisa um pouco mais vendível, um pouco mais clichê assim, um pouco mais chiclete, mas dentro de uma de uma questão um pouco mais representativa. Ai, seria muito utópico. O cenário perfeito seria uma produtora mulher LGBT falando sobre isso, discorrendo sobre isso, alguma coisa bem chiclete, bem clichê. Às vezes sinto falta de um clichê bem clichê mesmo, só pra eu ficar tranquila. Só pra não existir o peso da sexualidade. Eu acho que quando a gente começar a abordar isso de forma natural e às vezes até mesmo clichê, o negócio acho que fica um pouco mais normalizado. Acho que enquanto pessoas que não entendem do assunto continuarem abordando isso de uma forma tão anormal - “ó meu Deus, a sexualidade dela e o descobrimento dela”... quando isso for tratado de uma forma um pouco mais natural eu acho que isso fica mais fácil de ser avançado.”</i>		
“Você acha que a gente está avançando nisso? Na representatividade de mulheres em específico...”	<i>“Eu acho que a gente tem que tomar cuidado pra gente não se perder dentro dessa evolução mascarada de venda de novo. Porque é muito fácil falar que as pessoas estão melhorando quando a gente que essas grandes empresas, essas grandes corporações, instituições estão querendo fazer essas séries, essas coisas, pra chamar o famoso Pink Money, né? Então, lógico, entrando de novo nessa questão, não sei até que ponto Pink Money é ruim também, porque de um lado traz a normalização disso e de espalha a palavra, mas também é foda o Pink Money e tal.. Então quando eu penso em progresso, eu sempre penso até que ponto isso é um progresso de verdade e até que ponto isso é uma venda. Muita coisinha de publicitária maluca, mas até que ponto isso está sendo feito porque isso tem uma boa intenção. Ou isso quer ser uma venda para pessoas LGBT? O que também... às vezes as pessoas LGBT também querem consumir... Então, é muito delicado, eu acho que existe um progresso, mas a gente não pode se perder dentro do progresso de intenção, tá? Qual é a intenção que a gente quer.”</i>	“Pink Money” e a representação com intencionalidade puramente comercial	Estratégias possíveis;

6. MERGULHANDO NAS NARRATIVAS: uma tentativa de análise

6.1. Não representação de mulheres lésbicas e bissexuais

Esta constelação é constituída pelas seguintes unidades de sentidos: **“Escassez de mulheres lésbicas e bissexuais no audiovisual”**; **“Representatividade como algo forçado, fora da realidade, não-natural”** e **“Sentimento de inexistência, invisibilidade, desesperança”**. Diante da construção discursiva das participantes e dos sentidos que emergiram durante a entrevista - tanto antes, quanto depois da pergunta desencadeadora - alguns tópicos foram agrupados e são passíveis de destaque e elaboração. A questão da “Não representação de mulheres lésbicas e bissexuais” foi levantada em diversos momentos - não só na fala das participantes, como também na dificuldade de lembrar e elaborar sobre séries nas quais essa representatividade era presente. Logo, já se faz possível perceber o apagamento, a invisibilidade e até mesmo a inexistência dessa parcela da comunidade LGBTQ+ no universo das séries, termos levantados pelas entrevistadas.

Tais fatores não só refletem uma realidade, como também produzem impactos nas espectadoras, que vivenciam, paradoxalmente, uma existência inexistente, invisível, escassa. Dentre os sentimentos, emoções, sensações e reflexões que surgem ou são fomentados dentro desse contexto, a desesperança pode ser destacada. A participante S., ao colocar que desejaria participar de um *reality show* com sua namorada, logo se depara com a impossibilidade e questiona: *“Qual a chance dos caras colocarem eu e ela, um casal sáfico, pra gente fazer um personagem no The Circle e tipo participar? Qual foi a última vez que isso aconteceu?”*. Embora torça para que isso seja possível, entende todas as limitações dessa inserção e do que isso significaria. O “não se enxergar nessa posição”, portanto, empobrece sua gama de possibilidades e acaba por minar um de seus desejos, desencorajando-a.

Retomando a elaboração de Freire Filho (2004) acerca de Street (1998), a compreensão que os indivíduos têm de si mesmos é perpassada diretamente pelos referenciais midiáticos, justificando, por exemplo, a frase “O pessoal é político”. Um referencial escasso e limitado em suas potencialidades, portanto, acaba por enfraquecer o indivíduo - especialmente em seu desejo de se impor politicamente e exercer sua sexualidade de maneira plena.

O fator da escassez foi, também, muito levantado: a escassez de representatividade da comunidade LGBTQ+ nas séries, a escassez de mulheres lésbicas e bissexuais dentro do campo da representatividade e, quando essa representatividade se materializa (ou seja, as séries trazem personagens lésbicas e bissexuais), a escassez de uma diversidade nesse sentido. Esse último

ponto pode ser analisado de duas formas: inicialmente, a partir da fala das participantes, é possível depreender uma representatividade usualmente “forçada”, “antinatural”, “descolada da realidade”. Como coloca S., é comum que insiram apenas duas personagens que se interessam por mulheres na narrativa, fazendo com que o envolvimento entre elas seja óbvio e esperado pelo espectador - o que não se confirma na realidade material na qual a participante transita.

O sentido mais abrangente dessa constelação reforça as ideias supracitadas de Nascimento (2020) e de Foucault (2014) acerca da sexualidade: que esta é pautada pela produção e disseminação constante de discursos. A dimensão da falta, portanto, já revela uma intencionalidade e fomenta um ideal: a de que mulheres lésbicas e bissexuais não devem ou têm o direito de serem representadas, e que, quando brechas são abertas, essa população deve ser representada de maneira unilateral, empobrecida e estereotipada. Como foi explicitado a partir das contribuições de Takazaki (2019) acerca de Portinari (1989), uma ferramenta extremamente poderosa e eficaz de marginalização é o silêncio, o qual atua duplamente no caso dos sujeitos analisados neste trabalho: uma vez que abrange tanto a dimensão de gênero, quanto a da orientação sexual.

O outro prisma através qual a questão da escassez da diversidade pode ser observada é o da diversidade étnica/racial, de identidade sexual, cultural e religiosa. N., através de sua fala, explicita uma denúncia extremamente pertinente: a da representatividade LGBTQ+, especialmente de mulheres, centrada em um perfil padronizado, caucasiano, norte-americano/europeu, branco, magro e cisgênero. Como a participante é tocada demasiadamente pela questão cultural, focaliza a representatividade muçulmana/árabe e o quanto ela se encontra distante do universo LGBTQ+ e de mulheres lésbicas e bissexuais. A dificuldade de se sentir representada e de buscar referências nas quais pode se inspirar, portanto, perpassa também esse ponto.

6.2 Produção e reprodução de estereótipos

No tocante à constelação “**Produção e reprodução de estereótipos**”, diversos pontos foram levantados - de maneira mais ou menos específica. A partir do agrupamento por similaridade das falas, duas unidades de sentido foram formadas: “**Representações estereotipadas**” e “**Objetificação, super sexualização e fetichismo**”. É importante destacar, contudo, que tais temas são indissociáveis e que as interligações entre as unidades são múltiplas, assim como a maneira de interpretá-las.

Em relação às **Representações Estereotipadas**, as participantes destacaram a

representação de mulheres lésbicas de uma maneira “masculinizada”, através de vestimentas, cortes de cabelo e traços de personalidade considerados mais ligados ao “gênero masculino”. A não performance do ideal de feminilidade socialmente imposto, inclusive, já indicaria a existência de uma personagem que é - ou virá a ser - lésbica. Esse estereótipo, dentre outras coisas, reforça a ideia de que mulheres que se interessam afetiva e sexualmente por outras mulheres partem do desejo de “se tornarem homens” ou de assumirem esse papel social.

Dentro da representação audiovisual de casais de duas mulheres, esse estereótipo é duplamente fomentado, sendo pautado em uma ideologia cisheterocentrada e cisheteronormativa. Dessa forma, diversos casais de duas mulheres em séries aparecem por meio de uma personagem que não performa feminilidade (sendo entendida e construída como o “homem” da relação), se relacionando ou demonstrando interesse em uma personagem que performa feminilidade (sendo, assim, a “mulher” da relação). Essa idealização da expressão de gênero, a qual atinge não somente mulheres lésbicas e bissexuais, entrelaça, de maneira quase que indissociável, orientação sexual e identidade de gênero, fazendo com que expressões desviantes - de vestimentas, corte de cabelo, maneira de se expressar ou interagir, gostos pessoais - sejam entendidas como prelúdios ou indícios de uma orientação sexual diferente da heterossexual.

Vale, neste ponto, retomar a elaboração de Nascimento (2020) sobre a cisheteronormatividade sendo operada a partir dos produtos midiáticos, a qual gera um controle e constante regulação dos corpos e impacto direto na construção identitária, desde a infância. Logo, a propagação massiva desses estereótipos acaba por afunilar a gama de possibilidades daqueles que entram em contato com o conteúdo, restringindo, limitando e moldando suas formas de pensar, de produzir arranjos sociais - incluindo amizades e relacionamentos amorosos, e de se expressar social, física e sexualmente.

Ademais, as falas das participantes expressam que as tecnologias de gênero - como elaborado por De Lauretis (2019), são eficazes em suas finalidades: de fato, produzem, promovem e implementam as representações que concernem ao gênero. Através dessa lógica perversa, classificam e organizam quais são as mulheres que possuem mais tendência a serem ou não atraídas por outras mulheres; quais os comportamentos esperados de uma mulher lésbica/bissexual; quais condutas confirmam e reforçam a lesbianidade/bissexualidade de uma mulher; quais atributos e características cada mulher lésbica/bissexual deve buscar e se atrair por; em qual polo da performance de feminilidade cada mulher deve se enquadrar.

As representações que desviam do padrão são, muitas vezes, tomadas com certo estranhamento. *Everything Sucks!* (2018, produção da Netflix), como já mencionado acima,

apresenta Kate (15 anos) e Emaline (16 anos), um casal de adolescentes que floresce a partir de uma paixão platônica da mais nova. Como coloca a participante N., a série apresenta um relacionamento entre duas mulheres de um jeito menos padronizado e estereotipado, uma vez que as duas personagens se expressam performando um ideal de feminilidade. Essa quebra de expectativa acaba por servir como uma abertura de possibilidades para os espectadores, fazendo com que mais mulheres se sintam representadas - tanto em suas corporeidades, quanto em seus interesses afetivos e sexuais.

Outro exemplo de série que surgiu entrelaçado nessa unidade de sentido é *One Day At a Time* (2017), a qual aborda o “se descobrir” e o “se assumir” como mulher LGBTQ+ dentro de um contexto religioso, conservador e tradicional - realidade vivida e sofrida por muitos brasileiros. O sentido de maior destaque surgido dentro da discussão se refere à representatividade de uma família - e, especialmente, de uma mulher LGBTQ+ - latina e dos desdobramentos e impasses que são produzidos nesse contexto, uma vez que a representatividade LGBTQ+ sempre foi e continua sendo perpassada pelas demais opressões: de raça, de classe e de nacionalidade.

A representação, principalmente aquela que protagoniza, que posiciona o personagem como herói ou como mocinho, que pauta que tipo de produção será mais ou menos divulgada e investida, é muito centrada em um contexto caucasiano norte-americano e europeu, em detrimento de outras etnias e culturas. Essa estratégia é reproduzida de maneira cíclica desde o início das produções audiovisuais e, quando uma ruptura é forçada nesse contexto, abre margem para que grupos minoritários se fortaleçam e consigam representar e se sentirem representados.

Contudo, o que essas duas séries têm em comum materializa e confirma a força exercida pelo poder hegemônico: ambas as produções foram canceladas pelas produtoras, tópico também levantado pelas participantes. *Everything Sucks!* passou pelo que foi chamado de “cancelamento relâmpago”, o qual ocorreu apenas dois meses depois do lançamento da primeira e única temporada. *One Day At a Time*, por outro lado, recebeu três temporadas completas pela Netflix antes de ser cancelada. Foi recuperada pela Pop TV após dois anos do ocorrido e, em 2020, a produção foi encerrada definitivamente, contando com apenas 4 episódios lançados nesta quarta temporada. O descarte dessas produções representa, dentre outras coisas, a percepção das grandes produtoras acerca da importância dos debates levantados nas séries, como xenofobia, imigração, saúde mental, religião, racismo e questões ligadas à comunidade LGBTQ+.

O segundo conglomerado de significações dessa constelação é denominado **“Objetificação, super sexualização e fetichismo”** e comporta temas e exemplos centrados na

representação da relação entre mulheres como algo pautado pelo desejo sexual. Inicialmente, destaca-se a fala acerca das cenas e insinuações de sexo entre mulheres nas séries, as quais, muitas vezes, são explícitas e desnecessárias, não apresentando valor narrativo para a trama. Nessa linha, e em consonância com o que foi discutido na unidade de sentido anterior, tais cenas normalmente apresentam mulheres que seguem um padrão hegemônico: brancas, magras, cisgênero e norte-americanas/europeias.

A reprodução dessas cenas parte de um pressuposto bastante consolidado no imaginário das participantes: do direcionamento dessas séries para o consumo do público masculino, heterossexual e cisgênero. Logo, as cenas apelativas, exageradas e performáticas serviriam ao propósito puramente comercial, de exposição e venda desses corpos e dessas relações. Como coloca N.,

“É, eu acho muito comercial. Não sentia como se o foco fosse abordar uma minoria, pessoas LGBTs e sim tipo comercializar isso, sabe? Vender uma ideia de mulheres totalmente padronizadas e com muitas cenas de sexo que não, tipo, não precisavam estar lá simplesmente. Então eu via mais como tipo uma série que não é pro público LGBT, é pra ser vendida, enfim. Não sei até que ponto isso também seria... acho que se fosse abordada de outros modos não seria tão ruim assim. Até porque quando a gente fala dessa questão capitalista, no final das contas tudo é uma venda. Mas não sei, não sei até que ponto foi legal essa questão, sabe?” (N.)

O erotismo e a exposição do corpo feminino são, historicamente, aceitos e fomentados, contanto que atenda certos requisitos e esteja pautado nos interesses - sexuais, financeiros e fetichistas - masculinos. Com isso, a noção de uma falsa aceitação é difundida quando se trata de mulheres lésbicas e bissexuais (em comparação, por exemplo, com relações homossexuais), uma vez que tais relações só possuem um aval social quando ocupam o lugar do sensual, do sexy, do erótico e do perverso. A cada representação que segue esse padrão, as pedagogias da sexualidade - como postula Bianchi (2017) baseada nas contribuições de Louro (2008) - são novamente reforçadas, legitimando a mulher somente nesse lugar subalterno, desumanizado e fetichizado. Dessa forma, é notável a diferença entre como a relação sexual entre duas mulheres é vista em relação a outros tipos de interação entre duas mulheres: de afeto, de respeito, de troca, por exemplo.

Dentro desse tema, é inevitável destacar a representação de mulheres lésbicas e bissexuais pautadas pelo desejo, perspectiva e prazer masculino, entrelaçados em qualquer construção de personagens e tramas. No início da discussão, abordando o consumo de reality shows, a participante S. já postula: “[...] E quando tem uma mulher é para ela beijar outra mulher com um cara no meio. Então tipo, é meio invisível, né?”. Denota, portanto, que até mesmo em programas não fictícios, que pretendem reunir pessoas não públicas ou

subcelebridades, as mulheres lésbicas/bissexuais são estrategicamente posicionadas e, mesmo quando desenvolvem relacionamentos com outras mulheres, a tentativa dos homens de se inserirem é marcante.

A presença de um homem pairando ao redor de relacionamentos entre mulheres também influencia na solidez dessas narrativas, ponto abordado pelas participantes. Ou seja, muitas vezes os envolvimento entre mulheres são impedidos de acontecerem ou impactados quando já tiveram início por conta de algum homem - interessado em alguma das mulheres, ex-namorado/melhor amigo, algum personagem homofóbico/religioso, que tenta forçar seus ideais, ou apenas aqueles que nutrem um fetichismo por mulheres lésbicas/bissexuais.

Nesse sentido, é possível destacar a série supracitada *Euphoria* que, em sua segunda temporada, inseriu o personagem Elliot (Dominik Fyke). Elliot desenvolveu uma forte amizade com a protagonista, Rue, tornando-se um de seus melhores amigos. Contudo, ao decorrer da temporada é apresentado aos espectadores uma dinâmica na qual o personagem passa a se aproximar também de Jules, namorada de Rue, culminando em uma traição por parte dos dois quando Rue não está presente. A polêmica decorrente desse acontecimento levantou o debate acerca da presença quase que forçada do homem nas relações entre mulheres, gerando certo desconforto, como coloca N.,

“Eu estava lembrando agora de Euphoria também que tipo tinha a Jules e a Rue... só que aí chegou na segunda temporada e eu vi muita gente falando também sobre como isso meio que foi apagado, porque entrou o Elliot, entrou a traição da Jules também. E tinha muita gente falando do apagamento mais uma vez, sabe? [...] Porque meio que parece que sempre segue a mesma linha. Tipo, não foi duas mulheres que estavam juntas e aí o relacionamento acabou porque entrou outra mulher no meio, foi porque entrou um homem no meio. Então a gente entra nesse meio de novo. Chega a ser um pouco incômodo você pensar.” (N.)

6.3. Impactos da representatividade

A terceira constelação, denominada **“Impactos da representatividade”**, abrange dois vieses diferentes: **“Contato com as séries como produtor de identificação e reflexão acerca da sexualidade”**; e **“Representatividade como produtora de novos sentidos”**. O primeiro diz respeito ao contato das participantes com personagens LGBTQ+ - principalmente lésbicas e bissexuais - nos períodos da infância e da adolescência, que serviu como o início da desconstrução do ideal cisheteronormativo e monossexista socialmente imposto.

A participante S. traz, em sua fala, os novos sentidos produzidos a partir da personagem Emily (Shay Mitchell) na série *Pretty Little Liars*, que engendrou nela um processo de identificação - dadas as semelhanças entre S. e Emily - e, posteriormente, ajudou-a a enxergar

uma abertura dentro do espectro da sexualidade, entendendo que existiam outras formas de se relacionar romanticamente. Além disso, a personagem foi uma referência internalizada e utilizada por sua melhor amiga, quando “assumiu” que se interessava por mulheres.

“Pretty Little Liars era uma série que eu via quando era muito pequena. E eu lembro que eu vi no ano em que eu me assumi assim para as minhas amiguinhas. E na série tem a Emily, né, que ela... eu acho que é bi e eu estava bem na parte em que ela estava namorando com uma menina. E aí eu via essa série com minha amiga, a gente via pelo computador juntas, em vídeo call e aí quando aparecia meio que a Emily com a menina a gente meio que conversava sobre essas coisas e foram surgindo algumas referências e alguns momentos. E essa menina, amiga minha, quando ela foi se assumir para mim ela falou isso, de tipo “ah, eu acho que eu sou meio igual a Emily”. Então foi um momento de estar enxergando algo que parecia com aquilo que a gente estava sentindo.” (S.)

A fala da participante e a alusão à sua amiga reforça as contribuições de Britzman (1996) elaboradas por Piason e Strey (2012), que pontua que a invisibilidade atravessa e é atravessada por um processo não linear de identificar-se, desidentificar-se e rearticular-se, construindo novos discursos acerca do eu, dos outros e do desejo.

O segundo viés, **“Representatividade como produtora de novos sentidos”**, engloba as mudanças nos modos de ser e de enxergar o mundo das participantes, tanto diante de representações que já existem nas séries, quanto diante da perspectiva de uma representatividade menos problemática, mais abrangente e saudável para o futuro. Nesse momento das entrevistas, as participantes posicionaram a representatividade em um lugar de geração de felicidade, acolhimento, aconchego, esperança, orgulho próprio e da cultura a qual pertence e perspectiva de realizações futuras - em termos de casar, construir uma família, conquistar uma casa, ter filhos, entre outros. A participante N. expressa bem esses sentidos, se apresentando até mesmo desnorteada e sem uma resposta imediata para oferecer:

“Nossa, eu ia ficar muito feliz, cara. Eu não sei nem... eu não sei nem o que eu te respondo, porque isso nunca aconteceu (risos). Aí só de pensar eu acho que já dá meio que um pane. Deixa eu pensar em algum sentimento... Eu acho que ia ficar um pouco mais aconchegada. Comigo, mesmo. Eu acho que ia ficar, eu ia ficar um pouco mais orgulhosa pela minha cultura. Não orgulhosa de mim mesma, mas orgulhosa da minha cultura. Orgulhosa da representatividade que eu venho. Acho que eu ia me sentir como se eu pertencesse de verdade. Porque às vezes quando a gente não tem uma representatividade, a gente pensa que a gente não pertence a isso. A gente se sente muito deslocado. Mas eu acho que é isso, eu acho que é mais pertencimento mesmo. Achei a palavra que eu queria.” (N.)

O sentimento de pertencer também foi bastante demarcado pela participante, integrando as dimensões da sexualidade, da cultura e da religiosidade. Logo, faz sentido pensar na constituição dessa visibilidade de forma tanto física, quanto subjetiva, como destaca Zuleide de

Paiva da Silva (2017). A dimensão subjetiva demanda que o indivíduo seja visto, reconhecido e ouvido em sua presença e em suas necessidades, para além de ser fisicamente representado; e que sejam construídas imagens, sentidos, significados e valores que posicionem as mulheres lésbicas e bissexuais fora do padrão de subalternidade. Para a autora, essa visibilidade implica diretamente na consideração dessas mulheres como cidadãs e, conseqüentemente, na conquista e manutenção de direitos. Portanto, a construção da invisibilidade - já percebida e vivida pelas participantes, por exemplo - não significa sua atribuição a um vazio de sentido.

Por fim, o “sentir-se representada” quando outros membros da comunidade LGBTQ+ são representados foi abordado por uma das entrevistadas, chamando a atenção para a importância de analisar tanto mulheres lésbicas e bissexuais e o universo das séries especificamente, quanto de expandir esse panorama para todo o audiovisual e para a comunidade LGBTQ+ em sua extensão e complexidade. S. expressa, em sua fala, que pessoas LGBTQ+, mesmo que não se enquadrem “no mesmo nicho” que ela (mulher lésbica), quando ocupam espaços de protagonismo e visibilidade, acabam por inspirá-la e representá-la também. Essa perspectiva abre a reflexão na direção do senso de comunidade e pertencimento dentro da comunidade LGBTQ+ e sobre como a visibilidade, em última instância, gera brechas que possibilitam a luta e a conquista de direitos da comunidade como um todo.

6.4 Estratégias possíveis

A quarta constelação “**Estratégias possíveis**” se refere às soluções ou alternativas pensadas pelas participantes em relação a construir uma representatividade de mulheres lésbicas/bissexuais mais saudável, mais identificável e que produzisse mais perspectivas para as espectadoras. Quando perguntadas acerca do que acreditavam que seria necessário para que as mulheres lésbicas/bissexuais fossem melhor representadas nas séries, alguns temas principais foram levantados e aglomerados em três unidades de sentido: “**Necessidade de mulheres lésbicas e bissexuais assumindo papéis na construção das séries**”; “**Necessidade de trabalhar no desenvolvimento e construção de personagens bissexuais e lésbicas e suas tramas**” e “*Pink Money*” e a representação com intencionalidade puramente comercial”.

A primeira unidade de sentido levanta uma questão que, por muitas vezes, passa despercebida nas análises de produções audiovisuais - principalmente séries: a composição daqueles que as construíram. Ou seja, quem ocupa o papel de *showrunner*, quem realizou a produção, os roteiros, trilha sonora, entre outros. Compreendendo que a neutralidade é utópica e impossível de ser alcançada em todas as dimensões, se faz inevitável pensar nos pressupostos

que esses profissionais carregam para dentro do set, especialmente aqueles que possuem maior poder de decisão nesse contexto. Quando é notado que a maioria dos componentes da equipe são homens heterossexuais, brancos e cisgêneros, é pertinente questionar: onde estão as mulheres - brancas e não brancas - nesse lugar? Onde estão as mulheres LGBTQ+? Quais impactos a visão e a vivência de uma mulher que se enquadra nessas minorias teriam nessa produção?

Dessa forma, as participantes apresentaram o desejo de identificar mais mulheres - especialmente sáficas - na construção das séries como um todo, uma vez que, como coloca N., *“eu acho que é muito mais a questão de mulheres conseguirem entrar dentro das coisas para que elas mesmas façam”*. No quesito atuação, ambas as participantes abordaram a importância de realmente priorizar a inclusão de mulheres LGBTQ+ na representação de personagens que se enquadram nessa minoria - além de outros personagens no geral. S., nesse contexto, abordou a quebra de expectativa que existia em relação à personagem por conta da sexualidade da atriz. Assim, quando admirava uma personagem lésbica/bissexual, pesquisava sobre a atriz e descobria que ela era uma mulher heterossexual, casada e com filhos, por exemplo, sentia-se decepcionada e frustrada. Diz, assim, que *“[...] parece que é realmente tudo só falso, só pra série.”*

Em relação à segunda unidade de sentido, **“Necessidade de trabalhar no desenvolvimento e construção de personagens bissexuais e lésbicas e suas tramas”**, as participantes trouxeram diversas preocupações pertinentes e elaboraram rotas de fuga para desviar dos caminhos usualmente seguidos nas séries. Inicialmente, colocaram o desejo de consumir narrativas não-óbvias, as quais fugissem do imaginário do senso comum e das direções que o espectador já imagina que as personagens lésbicas e bissexuais seguirão. Nessa linha, é possível destacar a grande quantidade de narrativas que apresentam a família, a escola e a religião como fardos que tais personagens têm que carregar para sustentarem suas existências como lésbicas e bissexuais. Assim, a representatividade dessas mulheres é majoritariamente atrelada à dor e ao sofrimento, o que impacta diretamente em como as espectadoras se identificam e produzem perspectivas. Tanto N., quanto S., em seus discursos, trazem o desejo de se deparar com a representatividade de uma forma menos difícil e pesada.

“Eu acho que... como eu gostaria que fosse? Eu acho que gostaria que fosse leve. Eu acho que eu ia me sentir representada se eu conseguisse ver alguma coisa leve. Alguma coisa fosse pro meu futuro, porra, tenho trinta anos e eu quero ver alguma coisa de uma mulher de trinta anos que está casando com outra de trinta anos e tá tudo bem.” (N.)

Esse trecho denota o desejo de projetar a vivência para o futuro, de abrir possibilidades e novas perspectivas a partir do contato com uma série, gerando esperança e amparo. Dentro desse tema, uma estratégia elaborada por uma das participantes se refere à produção de um conteúdo mais comercial, clichê, “chiclete”. A participante enxerga o clichê como produção que não traz o peso que a sexualidade carrega dentro da dimensão das representações e, conseqüentemente, alcança um público maior, o que seria benéfico para inserir a temática em outros contextos, abrir novas brechas, gerar discussões para outros públicos e, gradualmente, dar mais destaque e protagonismo para histórias LGBTQ+.

A falta de divulgação de séries com esse viés de representatividade também foi abordada, entrelaçando-se com a discussão acerca da descartabilidade dessas personagens nas séries. Como citado anteriormente, se torna cada vez mais comum notícias relatando o cancelamento de séries - como as supracitadas *Everything Sucks!*, *One Day at a Time*, *Sense8*; e outras como *I’m Not Okay With This*, *Generation* e *Gypsy*, por exemplo. Para além do cancelamento - muitas vezes justificado a partir da baixa audiência nos primeiros episódios/primeira temporada - a descartabilidade se materializa de outras formas. A ocorrência de acidentes e a morte de personagens lésbicas e bissexuais é um fenômeno frequente no universo das séries, causando revolta e frustração nos espectadores, como discutido na questão da hashtag #BuryYourGays.

Ademais, posicionar as personagens que se encaixam nessa minoria em segundo plano, diminuir o destaque da temática da sexualidade na narrativa ou até mesmo alterar a trajetória da personagem para que ela se relacione com um homem, a fim de agradar o público mais conservador, são alternativas utilizadas pelas produtoras de séries. Nessa linha, chama a atenção também a discussão levantada pelas participantes, pontuando que a escassez de conteúdo leva à “aceitação” de representações consideradas problemáticas ou mal executadas por parte da comunidade LGBTQ+. Logo, qualquer mínima representação dessas mulheres acaba sendo motivo de comemoração e orgulho pela comunidade, mesmo que se enquadre dentro das controvérsias citadas - o que pode acabar reforçando a tendência das produtoras de inserirem tais personagens com o único objetivo de atrair esse público.

Por fim, a terceira unidade de sentido **“Pink Money” e a representação com intencionalidade puramente comercial** surge a partir da reflexão acerca das supostas “evoluções” e “progressos” dentro do universo da representação LGBTQ+. A partir da troca com as participantes, foi possível perceber uma preocupação com a linha tênue existente entre a representatividade com a finalidade de contar histórias, conscientizar, apresentar essa realidade ao público, levantar discussões sobre temas relevantes; e a representatividade visando

única e exclusivamente o lucro com o programa e o número de espectadores. A temática do *Pink Money*, como denota a participante N., é polêmica e delicada, uma vez que estamos inseridos em um contexto capitalista e, a grande maioria das produções audiovisuais - senão todas - buscam vender uma ideia, conquistar espectadores e patrocinadores.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] A quem serve a ideia de que mulheres para amar tem que se definhar e se esvair em dor?” (N.)

Pretendeu-se, neste trabalho, responder ao problema de pesquisa: *Como as mulheres lésbicas e bissexuais percebem sua existência representada em obras audiovisuais - mais especificamente, nas séries?*, tendo como motivadores principais a dimensão da escassez de representatividade e as formas através das quais essa representatividade se concretiza nas séries e atinge os espectadores. Como elabora Takazaki (2019) acerca de Portinari (1989), a marginalização mais eficaz é aquela exercida pelo silêncio - que recobre não só mulheres lésbicas e bissexuais, mas o universo feminino como um todo. Parte, desse ponto, a ambiguidade quando se trata da representatividade da população focalizada: a presença, ao mesmo tempo que pode fomentar a representatividade como conceito, pode atuar reforçando estereótipos e generalizações.

Para que essa análise fosse realizada, lançou-se mão, metodologicamente, de entrevistas reflexivas como modo de coleta de dados; e de agrupamento das informações em constelações, compostas por unidades de sentido - como método de análise de dados. Foram encontradas duas participantes que compartilharam suas experiências e possibilitaram à pesquisadora um mergulho no tema da representatividade, da identificação, da descoberta e da aceitação, em um emaranhado de vivências e percepções pessoais e levantamento de séries já assistidas.

Como resultados, destacam-se as quatro constelações produzidas e suas respectivas unidades de sentido: 1. “Não representação de mulheres lésbicas e bissexuais”, que compreende: “Escassez de mulheres lésbicas e bissexuais no audiovisual”; “Representatividade como algo forçado, fora da realidade, não-natural” e “Sentimento de inexistência, invisibilidade, desesperança”; 2. “Produção e reprodução de estereótipos”, que abrange “Representações estereotipadas” e “Objetificação, super sexualização e fetichismo”; 3. “Impactos da representatividade”, que traz “Contato com as séries como produtor de identificação e reflexão acerca da sexualidade”; e “Representatividade como produtora de novos sentidos”; e 4. “Estratégias possíveis”, que engloba “Necessidade de mulheres lésbicas e bissexuais assumindo papéis na construção das séries”; “Necessidade de trabalhar no desenvolvimento e construção de personagens bissexuais e lésbicas e suas tramas” e “*Pink Money*” e a representação com intencionalidade puramente comercial”.

Dentro desse contexto, se faz necessário destacar a dificuldade das participantes em nomearem e elaborarem acerca de séries com esse tipo de representatividade, o que chama

atenção para a falta de investimento da indústria do audiovisual - globalmente - na construção, divulgação e investimento nas produções que abordam essa temática. Nesse ponto, cabe uma reflexão acerca da dificuldade de encontrar produções que desviam do eixo norte americano, o majoritário nessa pesquisa. A presença de representatividade lésbica e bissexual em meio ao cenário latino, por exemplo - em especial o brasileiro, no qual este trabalho se localiza - ainda é ínfima e enfrenta obstáculos muito significativos.

Tal contexto é multifatorial e multidimensional, construído não só pela falta de incentivo em arte e mídia que o Brasil historicamente sofre, mas também pelos atravessamentos culturais, morais e religiosos que impedem que a comunidade LGBTQ+ conquiste direitos e espaço. Segundo o relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB) de 2018, “A cada 20 horas um LGBT morre de forma violenta vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais”. Essa violência se transpõe, na mídia, através da invisibilidade ou da representação negativa, estereotipada e caricata.

Quando instigadas pela pesquisadora por meio de menções de algumas séries, as participantes trouxeram sentidos que diziam da própria existência, do contato com as séries e da vivência como mulher LGBTQ+ no Brasil. Apesar do mergulho profundo na narrativa de cada uma, se trata de uma amostra pouco diversa, dado que as duas mulheres eram brancas, de classe média, residentes de São Paulo, magras e cisgêneros. Contudo, os sentidos que trazem podem servir como ferramenta para reflexão - tanto de outras mulheres lésbicas e bissexuais, quanto de pessoas que não se enquadram nessas populações.

Diante do ponto supracitado e da dificuldade da própria pesquisadora em achar material e elaborações sobre o tema da lesbianidade/bissexualidade especificamente, fica evidente a necessidade de dar continuidade às produções teóricas que focalizam essa temática. É possível expandir e deslocar essa análise para outros nichos da comunidade LGBTQ+ e outros grupos minoritários - pessoas negras, pessoas com deficiência, imigrantes, por exemplo - pensando como essas diferentes representatividades estão materializadas e como impactam os espectadores de cada um dos grupos. Além disso, destaca-se a possibilidade de trabalhar o aspecto da representatividade em outras formas de produção audiovisual - como filmes, novelas, minisséries, entre outros.

8. REFERÊNCIAS

AFONSO, Luana R. M. **AFETADOS: o impacto da representatividade LGBTQI+ no público adolescente de séries de TV**. Revista Escaleta, Rio de Janeiro, RJ, v. 1, nº 1, pp. 226-244, fev/jul 2020. Disponível em: <https://escaleta.espm.edu.br/wp-content/uploads/2020/09/226-244_LUANA_MORGADO.pdf>. Acesso em: 28 Out. 2021.

ANJOS, Gabriele dos. **Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências**. Sociologias, n. 4, p. 274-305, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/GLXn5cWf64fBJNRxdv7X5kK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 Jun. 2021.

BORGES, Lenise Santana; SPINK, Mary Jane Paris. **Repertórios sobre lesbianidade na mídia televisiva: desestabilização de modelos hegemônicos?**. Psicologia & Sociedade, v. 21, n. 3, p. 442-452, 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300018>>. Acesso em 20 Maio 2021.

BORGES, Lenise Santana. **Repertórios sobre lesbianidade na novela Senhora do Destino: possibilidades de legitimação e de transgressão**. 2008. 182 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17258>>. Acesso em 28 Outubro 2021.

BURY YOUR GAYS. TV Tropes. Disponível em: <<https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/Main/BuryYourGays>>. Acesso em: 8 Nov. 2021.

BUTLER, J. **Fundamentos Contingentes: o Feminismo e a Questão do Pós-Modernismo**. Cadernos Pagu, v. 11, p. 11-42, 1998.

CASSAL, L. C. B.; GONZALEZ, A. M. G.; BICALHO, P. P. G. **Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização**. Psico, v. 42, n. 4, 28 fev. 2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/8600/7451>>. Acesso em: 25 Maio 2021.

COELHO, Fernanda. Bissexualidade. In: Congresso Mineiro de Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual, 1., 2019, Belo Horizonte. **Psicologia, Gênero e Diversidade Sexual: saberes em diálogo**. Belo Horizonte: Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais, 2019. 221-241.

CONNOLLY, Matt: **Liberating the Screen: Gay and Lesbian Protests of LGBT Cinematic Representation**, 1969 - 1974. Wisconsin, n.2, p. 77, 2018.

CRITELLI, Dulce Mara. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia**. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2012

DE LAURETIS, Teresa. **Tecnologia de gênero**. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (Org.). In: Pensamento feminista: Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 121-155.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: A vontade de saber**. 13ª edição. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FREIRE FILHO, João. **Mídia, estereótipo e representação das minorias**. ECO-PÓS, v. 7, n. 2, p. 45-46, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v7i2.1120>>. Acesso em: 11 Maio 2021.

GGB – GRUPO GAY DA BAHIA. População LGBT morta no Brasil: Relatório 2018. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2018.

Interview with bi activist Shiri Eisner! Biwoc.org, 2014. Disponível em: <<https://www.biwoc.org/post/105710633588/interview-with-bi-activist-shiri-eisner?route=%2Fpost%2F%3Aid%2F%3Asummary>>. Acesso em: 16 Jun. 2021.

LOURO, Guacira L. Pedagogias da sexualidade. In Louro, G.L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 16.

MELO, Fábíola Freire S.; SODELLI; Marcelo. **Pesquisa em Fenomenologia**. S.d.

MONTEIRO, Clara; ZANELLO, Valeska. **Tecnologias de gênero e dispositivo amoroso nos filmes de animação da Disney**. Revista Feminismos, Salvador, v. 2, n. 3, set./dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30066/0>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

NAIADE SEIXAS BIANCHI. **Em busca de um cinema lésbico nacional**. Revista Periódicos, v. 1, n. 7, p. 236–247, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/21669/14309>>. Acesso em: 3 Maio 2021.

NASCIMENTO, Fernanda. **Sapatões e mídia: produções de identidades a partir de práticas de recepção**. Tese (Doutorado), 2020, 261f. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216268>>. Acesso em: 10 Maio 2021.

PIASON, A. da S.; STREY, M. N. **Mulheres que amam mulheres: perspectivas acerca do processo de auto-reconhecimento e visibilidade social**. Temáticas, Campinas, SP, v. 20, n. 40, p. 106-120, 2012. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11542>>. Acesso em: 3 Maio 2021.

SILVA, Ana C. N.; PASSOS, Lucas S. F.; FREITAS, Ricardo O. **A representatividade feminina em séries: Uma breve análise sobre a personagem Miranda Bailey de Greys Anatomy**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41º, 2018. Joinville. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1909-1.pdf>>. Acesso em: 29 Out. 2021.

SILVA, Diogo de Melo Gomes. **Transposições Narrativas: Analisando a Série House Of Cards**. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design. Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens, 2020.

SILVA, Zuleide Paiva. **“Sapatão não é bagunça”**: estudo das organizações lésbicas da Bahia. Tese (Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016. 382 f.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.) **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

SZYMANSKI, L; SZYMANSKI, H.; FACHIM F.; **Interpretação como desocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa**. Pro-posições, Campinas, v. 30, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0014>>. Acesso em: 21 Outubro 2021.

SZYMANSKI, L; SZYMANSKI H.; A pesquisa na perspectiva fenomenológica: a uma proposta dialógica. In: **PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA E EXISTENCIAL: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS E CAMPOS DE ATUAÇÃO**. 2021.

TAKAZAKI, Silmara. **Lésbicas no Cinema: Representatividade e Estereótipos**. In: Congreso Internacional de Investigación en Comunicación e Información Digital, 8., 2019, Zaragoza. Anais... Zaragoza, 2019.

TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira, & GOMES, William B. **Estou me formando... e agora?: Reflexões e perspectivas de jovens formandos universitários**. Revista Brasileira de Orientação Profissional, 5, 47-62, 2004.

WAGGONER, Erin B.; Bury Your Gays and Social Media Fan Response: Television, LGBTQ Representation, and Communitarian Ethics. Journal of Homosexuality, 65:13,

ZANELLO, Valeska; SILVA, René Marc Costa e. **Saúde mental, gênero e violência estrutural**. Revista Bioética, Brasília, v. 20, n. 2, p. 268, 2012. Disponível em: <http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/745>. Acesso em: 11 Maio 2021.

9. ANEXOS

9.1 TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) Sr.(a),

Este Termo de Consentimento é um convite para participação em uma pesquisa de conclusão de curso chamada “Da invisibilidade à tragicidade: percepções sobre a representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais nas séries”, que visa compreender as percepções de mulheres lésbicas e bissexuais acerca da representatividade desse grupo minoritário no contexto do audiovisual - mais especificamente das séries. Pretende, também, desvelar os sentidos da representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais - ou ausência dela - na existência das mesmas. Sua participação não é obrigatória e sim voluntária. Se você desejar participar da pesquisa, deverá assinar duas vias iguais deste documento, de modo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

A sua colaboração acontecerá por meio de participação em entrevistas individuais, que serão gravadas em áudio para serem transcritas em momento posterior. O estudo permitirá que você entre em contato com a sua história e reflita sobre os impactos das diferentes formas de representatividade na sua vida. Mesmo após aceitar participar, você tem o direito de sair da pesquisa a qualquer momento, basta avisar a pesquisadora. É importante que sinalize caso sintase mal com a participação na pesquisa, assim como não responda às perguntas se não se sentir bem. Você também poderá ser retirado do estudo se a pesquisadora avaliar que efeitos indesejáveis aconteceram ou se o estudo for interrompido.

Todas as informações coletadas serão de uso exclusivo para o trabalho e sua identidade será mantida em sigilo. Você não terá gastos com a participação, assim como não receberá nenhum tipo de remuneração.

O estudo será realizado por Millena Siqueira dos Santos, estudante de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação da Professora Dr^a Luciana Szymanski Ribeiro Gomes. Sempre que for necessário algum esclarecimento, você poderá solicitar durante os encontros ou através dos contatos: (11) 98353-3753 | millenassantos@hotmail.com | (11) 3825-5363 | lucianaszymanski@gmail.com

Este termo pode conter palavras que você não entenda. Se for o caso, peça explicações e esclarecimentos antes de assiná-lo.

Eu, _____, declaro conhecer as informações contidas neste termo e que todo o procedimento de pesquisa foi explicado satisfatoriamente, assim como minhas dúvidas foram respondidas. Confirmando também ter recebido uma via igualmente assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Como voluntário(a) dou meu consentimento para participar desta pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ 2022.

Assinatura do(a) Declarante

Prof^a. Dr^a. Luciana Szymanski Ribeiro Gomes
CRP. 6/44319

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), campus Monte Alegre, está localizado no térreo do Edifício Reitor Bandeira de Mello (Prédio Novo), na sala 63-C, na Rua Ministro Godói, 969 - Perdizes - São Paulo - SP - CEP: 05015-001 Tel./FAX: (11) 3670-8466 | e-mail: cometica@pucsp.br

9.2 Entrevista com S.

[...]

M: Você pode se apresentar agora, falar um pouco de você...

S.: Meu nome é S., tenho 20 anos, hoje em dia eu trabalho como modelo e também sou atleta, pretendo seguir carreira como atleta de MMA. Namoro faz um ano e 11 meses também, moro sozinha há algum tempo... e minha vida é meio isso: trabalhar, dar aulas, treinar...

M: Dar aula de que?

S: Dou aula de boxe, dou aula de muay thai, dou aula de personal, tudo que estiver relacionado com essas coisas de luta assim, estou dando aula... (risos)

M: Nossa, que legal! Eu queria muito fazer...

S: Zika, mano! Faço Jiu jitsu também, dou aula... mas eu acho que é isso. Gosto de viajar, gosto muito do meu trabalho também, estou curtindo bastante fazer o que eu faço hoje em dia.

M: Que legal! E aí, você se identifica como lésbica...

S: Sim!

M: Há quanto tempo? Mas fale só o que você se sentir confortável de falar, não tem nenhum problema.

S: Bom, eu tenho 20 anos né, eu me assumi pro meu pai quando eu tinha acho que 13 anos ou 14 anos. E foi uma parada muito de pressão assim, eu já estava namorando com uma menina já fazia quase um ano. E era óbvio (risos) que eu namorava com essa menina, ela já tinha ido no Natal, já tinha ido em festa de família. Então eu peguei um dia, na escola mesmo, e falei “ah não, vou falar pro meu pai, ele precisa saber”. Ele foi me buscar na escola esse dia, a gente foi almoçar e eu contei pra ele, expliquei pra ele. E meu, foi ridículo assim, ele só falou tipo “tá, foda-se” (risos). E aí seguiu nisso, aí eu já era uma pessoa abertamente... pro mundo inteiro né, porque no caso do meu pai foi a única pessoa que eu me assumi mesmo, não peguei ninguém da minha família para fazer isso, além dos meus amigos assim. Aí depois que eu falei pro meu pai ficou tranquilo. Mas eu acho que foi real, com uns 14 anos e sempre foi uma coisa bem clara pra mim assim, desde muito pequena eu fazia... eu via as meninas de um outro jeito e óbvio que quando eu era pequena eu não entendia isso, mas depois eu fui “pô, isso agora faz algum sentido né”. E até algumas brincadeiras que eu fazia quando pequena, algumas relações que eu tinha com amigas... mas acho que é meio isso.

M: Se você quiser eu posso contar também, tá?

S: Boa! Eu quero.

M: É, as coisas são mais confusas assim pra mim. Com 13 anos também eu era toda uma menina de Twitter, sabe? Eu também namorava com 13 anos com outra menina e aí eu falei “não, sou lésbica e ponto final, tá acabado!”. Eu namorei essa menina, namorei outra menina e aí eu cheguei no Ensino Médio e comecei a gostar de um menino e namorei com ele por 3 anos. Isso foi em 2019. Aí acabou em 2019, porque eu estava muito apaixonada por uma menina. Eu terminei com ele mas aí assim, antes eu era muito criança e eu tinha muito receio de me jogar em um namoro; agora que eu namoro e moro junto - o que eu considero uma coisa muito séria na minha compreensão - eu fico muito me questionando o que eu sou, o que eu não sou, como eu me identifico. A única coisa que eu tinha certeza antes de conhecer esse menino era que eu gostava de meninas e ponto final. Ele sabia, todo mundo sabia, estava claríssimo. Eu levantava muito essa bandeira. E aí agora eu fico nessa dúvida... mas enfim, a única certeza que eu tenho é que eu gosto de meninas. Acho que foi um delírio coletivo, eu saí do personagem.

S: Pode ser também! Só alguns capítulos, né?

M: Sim! Eu já falei muito sobre isso, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão. Acho que ninguém me imagina mais namorando um menino e todo mundo fala que não tinha nada a ver comigo.

S: Boto fé! Nem você, né?

M: É! Era mais uma coisa de gostar de conversar...

S: “Ele é meu amigão”... boto fé. É, eu tive esse tempo também, eu já falei isso várias vezes para amigos meus que eu acho que me assumir foi mais difícil pra mim mesma, comigo, de eu pegar e falar “não beleza, realmente não gosto de menino, não quero namorar com menino”, do que para as outras pessoas. Porque para as outras pessoas parecia ser uma coisa muito óbvia assim, e eu insisti muito. Eu estava no primeiro ano do Ensino Médio e eu insistia: eu ainda ficava com menino, ainda saía com menino... Ainda não ficava com meninas vendo a possibilidade daquilo virar algo além do que “beleza essa é uma amiga minha, eu beijo ela...”. Ainda insistia muito mesmo. Depois de anos que já tinha tido namorada, que já tinha feito tudo, eu ainda estava tentando ver qual que era. Então acho que isso é bem complexo.

M: Tem uma diferença muito clara, pelo menos na minha experiência, de como eu me sinto. Por isso que me dá muitos questionamentos... ainda mais porque existe um lugar de proteção social quando você namora um menino. Então por exemplo, eu não tinha problema com os meus pais, ninguém fazia nada comigo...

S: Ninguém mexe com você na rua... Quando você passa, você não é... É foda.

M: E agora apesar de ter isso, apesar de ter problemas com os meus pais porque eu me assumi só no ano passado...

S: Caraca.

M: Sim. Mesmo assim é melhor. Então acho que isso resume bem quem eu sou.

S: É sobre, é sobre.

M: Mas agora me conta se você costuma assistir muitas coisas... o que você gosta de assistir?

S: Então, eu gosto de ver série, eu sou mais da série do que do filme mesmo. Mas eu não tenho assistido tantas coisas, eu já fui de assistir coisa pra caralho, tipo ver tudo... mas hoje em dia eu foco em coisas específicas. Normalmente eu vejo bastante coisa com a minha namorada, então no momento em que temos juntas a gente assiste algum documentário, alguma série normalmente documental... A gente vê aquelas séries da Netflix loucas também... (risos)

M: E qual você mais gosta? Tem alguma preferida?

S: Gosto muito de reality show, qualquer tipo de reality eu curto. Eu vejo desde culinária - hoje eu sou vegana, e eu vejo uns negócios de culinária que nem são veganos só por ver... porque é incrível. Coisa de moda também a gente sempre assiste, coisa de casamento, Queer Eye também a gente adora. Então muito reality show eu piro, é minha parada.

M: Eu também adoro. The Circle... Casamento às cegas...

S: The Circle é tudo, queria fazer parte! Casamento às cegas é tudo também. Até De Férias com o Ex eu curto, BBB... BBB esse ano tá foda, mas normalmente vale bem a pena.

M: Sim! Eu não sei mais nada do que está acontecendo.

S: Nem eu! Eu sei na real o que eu vejo do Tiktok, porque às vezes aparece e eu “ah, beleza”, mas não tá legal, não rolou.

M: (risos) Tá, agora vou conferir “a” pergunta. Como você vê mulheres lésbicas e bissexuais representadas nas séries? E aí você pode falar no geral...

S: Eu vejo assim, mal representadas (risos). De grande forma, bem estereotipadas e em um contexto de até heteronormatividade, de colocar assim... quando tem uma menina lésbica em uma série ela é lésbica pra caralho, com roupa masculina, cabelo curto... e tipo um estereótipo escroto. E até nessas séries que eu costumo ver, tipo reality show, normalmente não tem nenhuma. Falando no BBB, não sei nem qual foi a última lésbica que teve no BBB. Quando teve mulher bissexual não teve nem uma forma dessa narrativa se sustentar além,

sei lá, da Hana Khalil falando “sou bissexual” e já era, porque não tinha como ela expressar isso de nenhuma forma, né? Então acho que a gente tá meio apagada mesmo, e quando não, super sexualizada e feita de VT mesmo, né, para homem ver. Não só homem, mas acho que também para mulheres verem e acharem que isso é o convencional.

M: E você consegue pensar em algum personagem, algum casal, que você lembra ou que te marcou nesse sentido?

S: Meu, tipo, é que quando eu penso em lésbica e bi em série a primeira coisa que vem na minha cabeça é Orange is the new Black, que foi a primeira referência que eu tive, total, de “nossa beleza, essas pessoas são iguais a mim, a gente tem uma certa semelhança...”, óbvio que nada a ver (risos), porque elas estão em uma prisão. Mas acho que quem vem mais na minha cabeça são essas personagens. A Alex, uma grande personagem... até a Piper, por mais de não gostar muito de quem ela seja, me identificar até com esse lance de entrar lá casada com um cara, enrolada com um cara, e todo o rolê com a família dela. Acho isso bem legal, mas ao mesmo tempo também é bem estereotipado, bem clichê. Mas o que mais vem na minha cabeça é com certeza Orange is the new Black.

M: Eu também assisti!

S: Eu larguei, em dado momento eu parei de ver. Mas foi muito presente durante muito tempo. Mas tô tentando pensar... Pretty Little Liars era uma série que eu via quando era muito pequena. E eu lembro que eu vi no ano em que eu me assumi assim para as minhas amiguinhas. E na série tem a Emily, né, que ela... eu acho que é bi e eu estava bem na parte em que ela estava namorando com uma menina. E aí eu via essa série com minha amiga, a gente via pelo computador juntas, em vídeo call e aí quando aparecia meio que a Emily com a menina a gente meio que conversava sobre essas coisas e foram surgindo algumas referências e alguns momentos. E essa menina, amiga minha, quando ela foi se assumir para mim ela falou isso, de tipo “ah, eu acho que eu sou meio igual a Emily”. Então foi um momento de estar enxergando algo que parecia com aquilo que a gente estava sentindo.

M: Que legal! Eu nunca assisti Pretty Little Liars... mas era porque eu tinha muito medo.

S: Eu morria de medo também! Ninguém nunca me entendeu, mas eu também morria de medo.

M: É porque o que eu vi na televisão, o episódio específico foi aquele que tinha umas máscaras brancas, sabe?

S: Acho que sei!

M: Horrível, horrível. Eu nunca mais assisti. Falei “é de terror” e eu sou muito medrosa.

S: Não! Tem um episódio em que eles colocam uma menina tipo morta assim, sei lá, que morreu não sei do que... colocaram o espírito dela perseguindo assim, e eu morria de medo, juro, morria. Mas eu adorava, era bem interessante (risos). Hoje em dia ver deve ser outra perspectiva.

M: Sim! Eu sei que a Emily é a...

S: Shannon...

M: Shay Mitchell!

S: Shay Mitchell! É! Nossa, ela é maravilhosa!

M: E na série ela é como?

S: Então, ela cai para um lado de tipo atleta... em algum momento ela começou a se vestir de maneira mais masculina... mas dentro do padrão. E eu acho que até pelo que eram as 5 da série, ela era bem... super feminina assim, padrãozona, cabelo longo, e ela era bem o que ela era na vida real... não caíndo tanto para o estereótipo de mulher lésbica. Acho que até bem representada.

M: E ela era apaixonada por uma loira, não era isso?

S: Então, ela era apaixonada pela que morreu, mas não morreu, que era a principal né, que é a Alison. E durante a série ela tem namoradas e namorados... mas tipo, acho que o namoro dela mais marcante durante a série é com uma mulher. Então isso era bem daora.

M: Que legal! Eu não sabia. Achei que ela ficava com um cara no final.

S: Então, acho que no final ela fica (risos)! Mas durante acho que ela está com mulheres.

M: (risos) Vou até anotar, não tinha pensado na Emily como um referencial. Mas e você particularmente, você se sente representada em alguma série ou nas séries em geral?

S: Olha, não. Tipo, de alguma maneira sim, porque eu ainda sinto que dentro das lésbicas eu sou a lésbica que está em um “topinho”, até por ser bem padrãozona de sapatão e enfim, acaba que as pessoas representam mais isso - também por acharem que é só isso, né? Mas de modo geral não, até por isso que eu falei do reality show e uma coisa que eu falo com a minha namorada direto. A mãe dela conhece a mina que faz a produção do The Circle e a gente fala brincando “Não, vamos entrar no The Circle”. Qual a chance dos caras colocarem eu e a minha namorada, um casal sáfico, pra gente fazer um personagem no The Circle e tipo participar? Qual foi a última vez que isso aconteceu? Não que seja impossível, tomara que em algum momento inclusive isso aconteça. Mas eu me sinto inexistente nesses programas tipo Casamento às Cegas, sei lá, De Férias com o Ex...

M: Nossa, esses são bem hetero centrados.

S: Sim! E quando tem uma mulher é para beijar outra mulher com um cara no meio. Então tipo, é meio invisível, né?

M: De fato. Eu já pensei também... em ter pelo menos alguém...

S: Sim! E essa pessoa ser uma pessoa real, né?

M: Sim! Ela existe e chegou nesse lugar, que daora. Mas eu acho que até o BBB, que é uma referência mais próxima e que as pessoas clamam por alguma pessoa LGBT é muito difícil, porque entra tipo um gay...

S: É! E aí esse gay faz o que? Exato, tipo não tem como. Eu acho que eles tinham que dar real uma oportunidade de desenvolver um casal sapatão no meio do BBB. E sei lá, um casal sapatão genuíno, não assim colocou duas sapatão e meu Deus, elas começaram a namorar (risos).

M: Sim, só tem uma opção (risos).

S: Tipo, que fosse uma coisa mais livre mesmo, mais aberta, mais natural.

M: E na questão de você se sentir representada, não só em aparência, mas também experiências de vida, como você se sente, como você se relaciona... você sente que em algum momento isso foi representado? Você se identificou?

S: É, acho que em relação à história, em relação a se descobrir e ver alguém que realmente está desse nosso lado, já. De algumas formas, tá ligado? Mesmo que não sejam pessoas que eu me identifico, ou que eu me veja nessas pessoas, acho que só por estar lá de alguma maneira, quando aconteceram esses casos realmente foi bacana... igual eu falei da Emily... era uma coisa que - óbvio que era um personagem, mas a gente vivia coisas muito próximas, tipo ela era atleta, eu era atleta... até esse lance com os pais dela... e tipo como ela ficava com um cara, namorava com esse cara faz um tempo, e aí do nada larga e fica com uma mina, que foi exatamente o que aconteceu comigo. Nessa parte, me sinto um pouco representada. Mas acho que é difícil se sentir 100% representada, porque acho que pra cada pessoa é muito único, né? Mas acho que assim, de modo geral, quando essas pessoas estão aparecendo e falando sobre as histórias delas... até a Lina, que não é uma pessoa que está no mesmo nicho do LGBT, mas é uma pessoa que tem uma vivência muito foda e é uma mulher que representa muito bem todas as mulheres do Brasil pra estar lá dentro, tá ligado? Acho que é bem sobre isso, não é uma mulher bi nem lésbica, mas é uma mulher LGBT, né? Talvez ela seja bi, na real, mas não tenho certeza.

M: Legal! Não tinha pensado nela. E seu relacionamento... não seu relacionamento atual, mas relacionamentos, você sente que já viu algo parecido? Ou sei lá, em termos de casais de duas meninas...

S: Então, acho que um pouco. Por até o que eu falei de estar em um lugar muito estereotipado até, e muito "estereotipável" de algumas formas, sabe? Então, acho que como é na realidade, como as coisas acontecem, até pra gente formar um casal, como foi pra eu conhecer a minha namorada, ou até como foi pra eu conhecer as outras pessoas que eu me envolvi, ou tipo como foi essa aproximação... eu acho que não é uma coisa que é muito bem mostrada e retratada nas séries, sabe? Acho que é uma coisa muito superficial e muito batida e muitas vezes eu acho que, principalmente em série, tem aquela parada de tipo "tem duas lésbicas no colégio e elas namoram, uau". É muito sempre isso, e muito essa coisa de tipo o óbvio, o fácil, que são coisas que não fazem parte da nossa realidade.

M: Eu perguntei isso porque meu trabalho foi motivado por pensar em vários casais que eu tinha visto e que tinham simplesmente acabado, sido destruídos do nada. Em especial, a Lexa do The 100.

S: Do The 100! Eu tinha pensado nela também.

M: [...] Que teve muita repercussão. E quando eu parei para pesquisar para o TCC, vi que teve uma repercussão muito maior que eu tinha imaginado...

S: Bizarro, bizarro.

M: As pessoas se juntaram para fazer campanha, para doar para jovens LGBT com HIV...

S: Nossa, foi gigante! Eu lembro que na época no Tumblr era só elas, né? E assim do nada, ficou 1 episódio o casal. Morreu.

M: Sim, era nesse sentido mesmo que eu estava pensando, de como tem muita conveniência de colocar uma pessoa lésbica e depois isso se perde...

S: Não, total! E até esse caso da Emily tipo... é muito descartável, ao mesmo tempo que é rentável, acredito eu. Igual isso do The 100, pensei nisso na hora em que você estava falando... elas viraram uma coisa, e é real, não tem dois episódios que elas são um casal, não foi uma coisa que desenvolveram - e nem tentaram. E virou um negócio... mas acho que é isso de sentir, até dar um quentinho no coração quando tem um casal gay na série de tipo aí... caraca, pelo menos teve um beijinho gay assim...

M: Sim! Tem também isso de se contentar...

S: Nossa, total! Porra, qualquer coisa a gente já tá "meu Deus!"

M: Isso é complicado.

S: Não, é triste isso, na real. Mas é... eu me sinto bem assim... de ver qualquer coisa que tem um gay e ficar “caralho...”

M: E como você acha que essas produções do audiovisual, séries, filmes, poderiam representar melhor as mulheres lésbicas e bissexuais?

S: Ah, eu acho que uma coisa muito importante e legal é sempre tentar colocar mulheres que realmente sejam mulheres lésbicas e bissexuais para representarem não só esses papéis, mas principalmente para serem esses papéis, pra gente conseguir visualizar isso de uma forma geral. Óbvio que a gente tem que desassociar o ator do personagem que ele tá fazendo, mas mesmo assim, é sempre um referencial de uma atriz que está fazendo um casal hétero e você vai no Instagram dela e ela é heterossexual de fato. E sinto isso até... de novo, falando da Emily, quando eu era pequena, eu via a Emily na série sendo bissexual, que seja, e aí você entra no Instagram dela e ela é tipo casada com um homem, tem três filhos e sabe... nada a ver assim. Óbvio que ela não é o personagem, mas dá uma quebrada na expectativa, né? Parece que é real tudo só falso, só pra série, então eu acho que isso seria muito interessante, buscar narrativas não óbvias... igual a gente falou, tipo assim, que não seja uma coisa descartável, né? Que dure, que seja uma coisa pensada, que tenha um desenvolvimento de personagem, de relacionamento, de construção mesmo de personagem, de namoro... então acho que as pessoas tinham que... as pessoas, sei lá, os dramaturgos, escritores, tinham que buscar trabalhar mais nisso, colocar isso de uma maneira real, porque não é uma coisa muito longe da realidade hoje em dia. Óbvio que a gente está numa bolha ridícula, mas tipo se eu vou em qualquer lugar um casal gay tem, dois tem. Então você tem que colocar dentro da realidade. Até novela da Globo, essas paradas. Mas precisa ter de verdade, não só ter um chaveirinho lésbico da série, para você ter 5 minutos de série dispersos, para fazer videozinho. Mas que seja uma coisa real e representar de uma forma certa.

M: Só para retomar: estou entendendo que você disse que para ter uma representatividade mais efetiva, mais identificável, mais humana, as mulheres lésbicas deveriam ser representadas por atrizes lésbicas ou bissexuais... que tenha alguma vivência que tenha a ver com a personagem. Até porque eu acho que representar a pessoa que você tem pelo menos conhecimento sobre a vivência, você representa melhor...

S: Com certeza!

M: Enfim, você consegue passar de uma forma mais real. E que deveriam fazer narrativas não óbvias, né? Acho que é um bom ponto... pensar em como não tem outra saída para a mulher naquela narrativa.

S: Sim! E é sempre a mesma coisa, né?

M: Tem só duas e aí vai elas, né?

S: Sim! Isso! Tudo planejado...

M: Tá bom! Foi ótimo! Tenho bastante conteúdo para explorar. Muito obrigada!

9.3 Entrevista com N.

M: [...] Tá bom, eu posso me apresentar então, começar me apresentando. Eu sou a Millena, tenho vinte e um anos. Eu estudo na PUC, estou no quinto ano de Psicologia. Depois de cinco longos anos vou me formar finalmente. É isso, estudo na PUC, eu tenho bolsa, sou bolsista, cem por cento e enfim, eu gosto de falar porque eu acho que fala...

N: Mano, todas as pessoas da PUC falam “eu faço PUC, mas eu sou bolsista” (risos). Eu conheci umas três pessoas que falam isso.

M: Sim! Falar que você não é bolsista tem muitas implicações sobre a sua vida e tal.

N: Sim.

M: Ou se não falar nada, a pessoa já assume que você é milionária.

N: É, sim, pois é.

M: E é, é isso. Eu moro em São Bernardo, eu sou de São Bernardo. Meus pais são de lá, meu irmão é de lá, mas eu comecei a morar aqui com minha namorada faz pouco tempo. Foi gradualmente, eu fiquei aqui primeiro todos os finais de semana, depois eu fiquei na sexta, sábado e domingo. Depois eu passei um mês aqui na pandemia, no auge da pandemia. Aí depois, enfim. Fui começando a ficar gradualmente até o ponto que é agora, em que não tem como a gente não morar juntas por motivos tanto do namoro, mas também motivos funcionais, porque eu trabalho aqui na Faria Lima...

N: Pertinho daqui, né?

M: É, tranquilo, meia hora só de ônibus. E estudo na PUC, o que é bem mais perto e enfim... antes era muito difícil, eu demorava duas horas e meia pra ir pra faculdade e duas horas e meia pra voltar da faculdade.

N: São Bernardo também é foda.

M: Era muito longe, era muito foda. Enfim, seria impossível trabalhar e estudar morando lá. Enfim. É isso.

N: Legal, prazer (risos).

M: Prazer, se você quiser contar sobre você, quem é você...

N: Quer mais de mim? Deixa eu ver... Tenho dezoito anos, sou neném recém jogado na faculdade. Venho de família libanesa, muçulmana. Tenho uma ligação bem forte de criação e de vontade com arte, música e desenvolvimento de percepções e coletivos, enfim. Bem bicho

grilo de teatro e de arte. O que mais? Faço Belas Artes. Também sou bolsista (risos). A gente fala porque é bom falar. Hum... o que mais? Faço outros cursos também, nas Fábricas de Cultura, não sei se você já ouviu falar.

M: Uhum! Lá em São Bernardo tem também.

N: Sou apaixonada, apaixonada. Saí de lá agora. E... tem o meu gato que eu amo mais que tudo nesse mundo. E é isso.

M: E você faz curso de quê?

N: Publicidade.

M: E na Fábrica de Cultura?

N: Projeto Espetáculo e Canto Coral.

M: Nossa!

N: Eu sou muito teateira, cara. Projeto espetáculo é um teatro, né? Mas é uma montagem de um espetáculo assim. Então tem muito mais do que o teatro. Tem o desenvolvimento de uma dramaturgia, de música, de corpo. Então é muito bom.

M: E todo mundo participa de todas as partes? Sei lá, roteiro, figurino...

N: Sim. Tem a figurinista, tem a roteirista, tem a coisa da dramaturgia, tem professor de corpo e todos os alunos fazem parte de tudo. Só os músicos que nem todo mundo faz música. Nem todo mundo toca instrumento. Então quem tocar instrumento faz a música. Mas isso não impede quem quer aprender também de ir lá e fazer. Então tudo envolve todo mundo.

M: Nossa, eu também adoro teatro. Fiz teatro por muito tempo. Mas não era um curso, uma Fábrica de Cultura... Era uma mulher X que falava que era professora de teatro e isso acontecia lá atrás de uma igreja. Enfim, minha família é católica, super católica, então eu cresci fazendo catequese, pré catequese, crisma, várias coisas assim, mesmo sem gostar muito e tal. E aí uma mulher disse que faria esse curso de teatro e o povo da igreja foi e eu fui também.

N: Ai, que da hora.

M: E aí foi muito legal! E depois eu cheguei no ensino médio e entrei numa escola que era bem estruturada, muito boa, que tinha que fazer o vestibular pra passar, uma escola muito foda lá de São Bernardo. E também tinha teatro lá, que era no contraturno e tinha um professor que era profissional de teatro... E a gente fez A Bela e a Fera, o musical.

N: Ai, que lindo cara, eu amo musical!

M: E a gente apresentou pra várias pessoas, para as crianças de lá, pros pais, depois para as pessoas de fora que quiseram assistir...

N: Ai, meu sonho fazer um musical, um dia vou fazer.

M: Foi tudo, eu adorei. Enfim, também tenho isso do teatro, adoro coisas de teatro. Adoro musicais.

N: Eu já falei pra T., vocês vão pra minha peça, hein? Em outubro.

M: Eu vou!

N: Tem tempo, né? Mas eu já convido desde agora, foda-se. A gente vai apresentar uma peça e eu convido simplesmente todo mundo. É pra vir, hein.

M: Não, eu vou! Eu adoro!

N: Que bom (risos).

M: E qual sua peça favorita? Me diga aí.

N: Mano ontem... eu vou falar de ontem tá?

M: Você assistiu a Família Addams, né?

N: Sim! Então, eu não vejo muito essa questão, porque eu não assisto tanto. Eu gosto mais de fazer aula assim. Eu tenho uma paixãozinha por Pequeno Príncipe, porque foi meio que minha base de desenvolvimento. Mas ontem eu vi Família Addams aí eu decidi que isso vai ser meu musical favorito porque eu gostei muito.

M: Entendi. É aquele que tem aquela atriz famosa? Eu vi no TikTok.

N: A Marisa Orth! Mano, o Daniel Boaventura... E tem o nome de maior peso no musical brasileiro que é a Kiara Sasso... alguma coisa assim. Teoricamente, pelo que dizem, ela é o maior nome do musical... Muito bom!

M: Nossa! Caralho. Eu vi no Tiktok mas pensei que fosse uma coisa de anos atrás. Que não era de agora. Minha peça favorita é Hamilton.

N: Mano, eu queria muito ver Hamilton, muito, muito, muito! Eu não tive oportunidade, mas eu vejo todo mundo falando!

M: Por favor, assista Hamilton, é a melhor coisa.

N: *Eu queria muito ver o Wicked e Hairspray, porque eu sei que a Ariana Grande gosta muito e eu gosto dela. Então eu quero ver por causa dela...Mas eu queria ver esses dois mesmo.*

M: *Vê e depois me fala! É a melhor coisa do mundo inteiro, sou obcecada.*

N: *Prometo, prometo.*

M: *E além de teatro e de peças de teatro, você assiste o que?*

N: *Assisto o que? Eu acho que eu assisto mais... mano, não assisto nada. Assisto “Vai dar Namoro”, Rodrigo Faro (risos). Não... eu acho que eu assisto séries que estão mais populares. Eu não sou a “garota das séries”. Eu assisto uma coisa ou outra que eu vejo que está todo mundo falando e eu me interesso. Mas eu tenho a minha série favorita que é Pose. Eu gosto muito de Pose.*

M: *Eu nunca assisti Pose.*

N: *Assiste, é muito muito muito muito sensacional! É lindo. Mas acho que é basicamente isso, eu assisto o que está na Netflix ali e o que parece ser legal.*

M: *Uhum. Eu nem expliquei direito, mas vou explicar agora. Meu TCC tem um título grande, que é “Da invisibilidade à tragicidade: percepções sobre a representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais em séries”. Antes era no audiovisual no geral, mas o audiovisual é completamente enorme e super abrangente, então eu tive que fazer esse recorte.*

N: *É série? De assistir série?*

M: *Sim, série.*

N: *Ai, que legal! Eu achei que série seria “em série”, um termo de abrangência.*

M: *Não, são séries de televisão mesmo, da Netflix, da HBO...*

N: *Ah, que daora! Nossa, entendi. Não estava entendendo até agora! Agora entendi, legal.*

M: *Tem esse recorte. Eu queria fazer assim, ah, séries, filmes, novelas e tal. Mas só se você for recortar, sei lá, novelas brasileiras, já é uma grande coisa pra se analisar. Novelas mexicanas, outra grande coisa. Enfim, eu precisaria fazer, sei lá, um mestrado, um doutorado inteiro pra poder abranger todo o audiovisual. Aí eu e minha orientadora resolvemos delimitar esse recorte de séries, porque tem mais tempo de desenvolvimento do personagem, tem mais episódios, tem mais dramaturgia.*

N: *Uhum.*

M: Então a gente achou que era mais fácil do que um filme, que é uma coisa mais esporádica. E eu não sei se é mais fácil achar uma mulher lésbica ou bissexual num filme do que em uma série. Talvez seja, mas talvez a pessoa só apareça em um dia, uma cena e tal, e não daria tanto tempo de analisar e de aprofundar na personagem como dá em uma série. Tá, dito isso, você disse que assiste séries que estão na moda e tal. E como você vê mulheres lésbicas e bissexuais sendo representadas em séries?

N: Não vejo (risos)... eu acho que é muito interessante você falar isso porque eu li um livro esses tempos de uma autora que sempre refletiu muito a presença de mulheres LGBT, mulheres lésbicas e bissexuais dentro de um meio artístico, ela fez um livro, que é “O Amor Não É Óbvio”, eu não sei se você já ouviu falar... É um livro muito lindo que fala sobre duas meninas que se apaixonam e tal. Só que ela aborda muito essa questão. Quando ela começou a abordar essa questão e eu comecei a entrar em contato com ela e o conteúdo dela foi quando eu comecei a abrir esse leque pra pensar, “pô, é verdade, eu sou gay e eu não vejo ninguém gay”. E quando a gente vê - pelo menos falando eu e dentro das minhas amigas que também gostam de mulheres - quando a gente vê que tem uma série que tem a gente na hora já indica. Porque a gente fala “caralho, não acredito que tem!”. Pra gente é mó fantástico existir uma série onde a gente está sendo abordada, então essa questão começou a bater muito forte pra mim esses últimos tempos, de que realmente é muito escasso, a gente vê muito pouco.

M: Sim. Esse é um dos motivos que me levaram a fazer uma pesquisa sobre isso... A escassez é um motivo e outro motivo é, quando tem... eu não sei.

N: O estereótipo, né? É porque eu sinto também que é um estereótipo muito... é que em série ainda... eu consigo pensar em um filme ou outro extremamente objetificado, sexualizado. Mano, já me vem uns quatro filmes assim, onde eu via que estava extremamente objetificada, estereotipada, tem a sapatão que é do mal e a menininha bonitinha, que é casada com homem, que namora um homem, aí depois ela vai e se descobre. Então pensar em série vira uma coisa muito louca, porque tem uma padronização que não cabe. Eu, por exemplo, quando eu vejo alguma coisa de uma mulher lésbica e muçulmana mano, só falta eu chorar, porque não tem.

M: Uhum! Eu nunca vi.

N: Exatamente. Uma vez ou outra eu acho alguma coisa assim, de mulheres que usam hijab, que usam o véu e que levantam uma bandeira pra falar que estão com outras mulheres, e isso é uma representatividade porque a gente simplesmente não tem. Quiçá uma série sobre isso.

M: É muito distante.

N: Então é muito louco, muito louco.

M: Não, realmente, esse é um recorte que eu nem conseguiria fazer, de tão escasso que é.

N: Exatamente.

M: E outros recortes também, uma mulher lésbica, bissexual negra, trans... É uma coisa muito difícil. E você falou que sua série favorita é Pose. Em Pose tem algo nesse sentido? Eu sei que uma série LGBT, né?

N: Uhum.

M: Que tem vários personagens LGBT. Mas tem alguma coisa nesse sentido, de mulheres?

N: Ah... é uma série que fala sobre a vivência de mulheres trans nos anos 80, durante o surto do HIV. Mulheres trans periféricas, que tentam conseguir a vida dentro desse cenário da AIDS e tudo mais quando ainda era tratado como um negócio absurdo. E aí conta a história e basicamente gira em torno de casas, por exemplo, mulheres trans na época, o que que elas faziam dentro dos Estados Unidos? Elas pegavam... e existiam pequenas casas de shows onde elas se apresentavam e chamavam de Ball Rooms, onde elas se apresentavam e tudo mais. E eram casas como se... as mulheres trans formavam um grupo e aí esse grupo se apresentava e o melhor ganhava, então elas meio que viviam disso. Tem umas apresentações que acontecem todo final de semana e aí vai contando essa trajetória delas e como elas tentam conseguir a vida. Tem uma delas que tenta montar um salão e tudo mais, só que também tem todo o descaso do HIV, de como as pessoas - principalmente as mulheres trans - acabavam sendo muito taxadas naquela época por isso. Se a gente percebia que com os homens LGBT, os homens gays... era muito descaso, imagina as mulheres trans. Então fala muito sobre isso de uma forma muito bonita. Basicamente isso.

M: Entendi. E alguma dessas mulheres é lésbica? Alguma personagem é lésbica ou bissexual ou parece ter algum indício de se interessar por mulher?

N: Cara, eu acho que tem uma. Mas, basicamente... pra você ter ideia eu nem consigo lembrar. Mas eu acho que tem uma. Tem uma série que eu lembrei agora que é Everything Sucks, que essa foi uma que eu falei "caralho!", que citou de um jeito um pouquinho mais diferente e que eu achei bonito... não foi de um jeito muito padronizado, muito estereotipado, porque as duas personagens pelo menos não tinham esse âmbito que você falava, padrão.

M: Uhum.

N: Então, acho que é uma também que eu gosto muito.

M: Eu assisti! E achei muito fofa.

N: Fiquei triste que cancelou. Muito triste.

M: É, e tem esse ponto também, de várias séries: ou são canceladas (que tem mulheres LGBT e tal), ou a dimensão LGBT da mulher é completamente...

N: Vaga né? Destruída.

M: Uhum. Mas é isso. Você consegue lembrar de mais alguma série? Se quiser eu posso falar algumas também...

N: Vamos lá, por favor. Porque nossa, saiu da minha cabeça.

M: Olha, de mais novas assim, tem Euphoria...

N: Ah, caralho! Nossa, saiu muito da minha cabeça. Verdade, verdade. Nossa, literalmente terminei de assistir agora quando acabou. E retrata a Rue e a Jules, né? Caralho, nossa, é verdade. Fala mais, fala mais.

M: É... *Orange is the New Black, Orphan Black, The 100*...

N: Ah, eu não sabia que The 100 tinha.

M: Tem! Nossa, e deu muito o que falar... porque tinha uma personagem... a série não tem nada a ver com LGBT, jovens, nada... retrata um mundo pós-apocalíptico, e as pessoas estão querendo salvar o mundo, repopular a Terra e tal. E aí tinha uma comandante de uma tribo que se apaixona por outra e essa paixão é muito sutil, não tem nada explícito e aí no momento em que elas ficam juntas... a primeira vez que elas ficam, se beijam e tal, ela morre. Ela toma um tiro, na cara, do nada, morre e acabou.

N: Que bosta, velho.

M: E aí deu muita repercussão porque as pessoas estavam chocadas com o acontecimento e levou a muitas coisas, como boicotes, pessoas levantando hashtags, pessoas participando de grupos pra doar dinheiro pra pessoas com HIV, para ONGs de pessoas LGBTs... uma grande repercussão.

N: Nossa, eu nem sabia. Essa questão que você fala também me fez lembrar... eu estava lembrando agora de Euphoria também que tinha a Jules e a Rue, só que aí chegou na segunda temporada e eu vi muita gente falando também sobre como isso meio que foi apagado, porque entrou o Elliot e entrou a traição da Jules também. Tinha muita gente falando do apagamento mais uma vez, em questão de precisar, por ser uma menina trans e uma menina cis, e aí chega e... era legal, porque tava tendo esse meio de representatividade nessa questão e é uma puta série, é uma das maiores séries e, simplesmente, a protagonista era uma personagem LGBT. Então, teve muita repercussão com isso. Nossa, não acredito que eu tinha esquecido disso. Muito louco isso.

M: Mas o que que você achou sobre isso? Eu entendo que as pessoas disseram X e Y e tem muitas percepções diferentes sobre Euphoria. Algumas pessoas acham que tudo bem ela ter ficado com o Elliot, outros acham que foi um absurdo, uma grande traição... outros acham que a Rue mereceu. Enfim...

N: Não, não mereceu, porra! Eu acho que foi traição, lógico, elas estavam juntas, elas namoram e ela simplesmente traiu e estava errada por isso. Se era uma coisa que estava escrita desde o começo pra ser um baque, delas não ficarem juntas e tudo mais.... eu não sei se isso foi uma questão do roteiro e tal... só que... eu não sei. Eu não consigo muito pensar de que dimensão é legal você acabar com relacionamento LGBT, acabar com relacionamento

sáfico... envolvendo um homem no meio e traição, porque meio que parece que sempre segue a mesma linha, não foi duas mulheres que estavam juntas e aí o relacionamento acabou porque entrou outra mulher no meio, foi porque entrou um homem no meio. Então a gente entra meio que nesse meio de novo, sei lá. Chega a ser um pouco incômodo você pensar, porque você não sabe muito bem o que você pensa sobre isso.

M: Sim. É, também fiquei com muita dúvida sobre o que eu achava. Você consegue lembrar de mais algum casal, alguma série? Que acabou, que não acabou...

N: Mano. não sei. Não sei. Queria muito que você falasse de livro no seu TCC, pra eu falar de “O amor não é óbvio” o dia inteiro (risos).

M: Eu vou ler! Eu anotei aqui.

N: Ai, é muito fofinho. Com certeza eu deveria pensar alguma porque eu fico caçando muito conteúdo gay assim mas eu não estou lembrando as outras...

M: Eu posso falar mais, se você quiser.

N: Eu quero que você fale mais porque com certeza eu vou lembrar (risos)!

M: Tem aquela One Day at a Time.

N: Mano! Eu gosto muito, cara. Eu assisti, achei muito legal. Assim, tenho minhas ressalvas, mas em outras questões. Mas eu gostei muito, muito mesmo.

M: Mas na questão da representatividade como você enxerga?

N: Eu gostei! Eu achei bonitinho a forma que elas retratavam. Assim, eu vi muito pelo contexto onde a... eu esqueci o nome delas. Onde a personagem estava inserida.

M: Elena?

N: É, onde a Elena estava inserida. A questão dela estar numa família muito religiosa, conservadora, tal, e eles são latinos. Então, essa questão eu acho que foi bonito eles abordarem pelo fato de ser... quebrou no tabu (risos), ser uma quebração de tabu, ir um pouquinho fora dos padrões, porque acho que foi isso que a gente conversou um pouco no começo. A gente vê um pouco de representatividade e quando vê é uma coisa muito norte-americana, uma coisa muito europeia. A gente não vê pessoas latinas, a gente não vê pessoas do Oriente Médio e tudo mais, pessoas pretas fazendo parte disso. Então, por um lado isso foi muito bom, por essa quebra. Acho que é isso, eu não tenho muitas ressalvas sobre isso, porque faz muito tempo que eu assisti. Mas eu achei bonitinho.

M: Também achei fofo. Deixa eu pensar em mais... Tem The L Word. E tem a nova né? L Word Generation Q.

N: *Eu vi um pouco de The L Word, mas sinceramente eu achei... eu ainda assim achei um pouco objetificada. É legal, por um lado é legal porque faz vários anos. A gente sabe que ela é um pouco mais antiga. Então, nessa questão é legal porque... pensa naquela época, uns quinze anos atrás existia muito menos do que hoje, falar sobre isso... então por esse lado é um pouco legal, mas ainda assim enquanto eu assisti eu fiquei um pouco desconfortável. Eu não senti que eu estava sendo representada. Eu senti que eu estava sendo objetificada, porque eu via as cenas. Por exemplo a cena da... você já assistiu?*

M: *Não tudo.*

N: *Mas você sabe o começo que tem aquela menina que mora com aquele cara?*

M: *Sei sim!*

N: *E ela se apaixona... essa parte ficava muito... eu via muito aquilo como um outro objeto onde entra um homem no meio. Tudo meio que girava no mesmo entorno, onde tem lá as duas mulheres e aí sempre tem a questão de um homem entrar lá e... Mas eu parei de ver acho que sétimo episódio, eu não tenho muita propriedade.*

M: *Isso já aconteceu comigo também. Eu não assisti tudo, assisti pouquíssimo inclusive. E com muitas pessoas também acontece. Mas é porque... não sei, é revolucionário pro seu tempo.*

N: *Uhum!*

M: *Mas pra agora tem várias problemáticas...*

N: *É, eu acho muito comercial. Não sentia como se o foco fosse abordar uma minoria, pessoas LGBTs e sim comercializar isso. Vender uma ideia de mulheres totalmente padronizadas e com muitas cenas de sexo que não precisavam estar lá simplesmente. Então eu via mais como uma série que não é pro público LGBT, é pra ser vendida, enfim. Não sei até que ponto isso também seria... acho que se fosse abordada de outros modos não seria tão ruim assim. Até porque quando a gente fala dessa questão capitalista, no final das contas tudo é uma venda. Mas não sei, não sei até que ponto foi legal essa questão.*

M: *Sim. E você disse que nessa série você não se sentiu representada, você se sentiu objetificada. Você já se sentiu representada por alguma série? Ou por alguma personagem, por alguma vivência. De personagem LGBT, no caso.*

N: *Em série nunca.*

M: *Nunca?*

N: Nunca mesmo. Eu acho que por muito essa questão de vir de uma família conservadora árabe, eu nunca vi uma série onde isso era abordado, então nunca cheguei a me sentir assim, de verdade.

M: E você se identifica como? Você pode falar só o que você sentir confortável, tá?

N: (Risos) Tudo bem.

M: Não há nenhuma pressão sobre isso.

N: Ah, várias nuances, Millena, várias nuances. Storytime, tá? Eu sempre tive essa questão de que existia alguma coisa... eu falava pra minha irmã quando eu tinha dez anos “tem alguma coisa errada, tem coisa errada”. A gente cresce com isso, “tem alguma coisa errada”. Então, eu meio que sempre soube que tinha alguma coisa errada e aí há uns seis anos atrás, eu comecei a virar gente, né? Crescer! E aí eu comecei a perceber que não tinha nada errado, que eu gostava de mulher mesmo e tava tudo bem. E aí eu sempre tive um pouco de dúvida nessa questão, porque eu sempre tive certeza, né? Quando eu me descobri, eu sempre tive certeza que eu gostava de mulher, mas eu nunca tive certeza se eu gostava de homem. Então, teve a questão de uma época eu me denominar como lésbica porque eu falava, “é isso, eu quero levantar a minha bandeira e é isso, tal”. Só que aí acabou que eu acabei me envolvendo com homens uma vez ou outra e eu falei “então é isso, vou deixar nas mãos do destino por enquanto”. E então eu acho que colocar uma denominação por enquanto não me veste. Falando bem pessoal mesmo, não me veste por eu realmente não estar procurando por uma denominação agora.

M: Uhum!

N: Mas a minha única certeza é que eu gosto de mulher, então acho que isso é o bastante.

M: Não, a gente tem isso muito parecido, inclusive ontem eu estava entrevistando a outra participante e comecei a falar sobre como eu me identificava. Daí eu fui falar e eu falei exatamente o que você disse, usei até as mesmas palavras.

N: Mano! Você entendeu? É porque assim: eu não me sinto... eu não me vejo com vontade de namorar um homem, não me vejo com vontade de flertar com homens. Mas aconteceu de eu ter ficado com homens, então eu não posso simplesmente me colocar dentro de uma caixa pra uma coisa que às vezes pode ser que não esteja maduro o suficiente, não esteja desenvolvido o suficiente. Ou me colocar em outra caixa, falar “não, então eu sou bi mesmo”, porque talvez eu não seja, mas é muito louco, né?

M: Sim! Tinha uma época que enfim... eu namorei algumas meninas e tal e aí eu falei assim “é isso”. E eu falei pra todo mundo - menos meus pais e minha família... falei “gente, eu sou lésbica, é isso”. Aí beleza. Mas chegou o ensino médio e eu me perdi completamente no personagem. Namorei um cara por três anos, coisa super séria e tal. E enfim, ele sabia que eu era lésbica, eu me denominava como lésbica e tudo. Mas mesmo assim eu comecei a gostar

dele e a gente namorou. E aí acabou comigo né? Porque eu falei “bom, tudo que eu acreditei por vários anos é tudo uma mentira”. Eu fiquei “ai, meu Deus, eu sou uma mentira”.

N: *E pior é que a gente se sente muito culpada né? Mano, isso é muito foda. Assim, eu não tinha certeza do que eu era até eu entrar num relacionamento com uma mulher. Quando eu entrei num relacionamento com uma mulher, eu falei “é isso aí”, e aí quando eu saí do relacionamento com ela, foi quando eu falei “ah, então eu sou lésbica”. Só que a gente ainda continua amigas e eu percebi que eu tinha medo de falar pra ela “ah, então, talvez eu não seja lésbica”. E eu fiquei “caralho, por que isso deveria ser o meu motivo de culpa? Por que você deveria ser um problema?” Mas é muito louco.*

M: *Sim, muito. E aí depois eu terminei e eu comecei a namorar depois de um tempo... e é isso, toda vez que eu converso com uma pessoa sobre isso, todo mundo fala “nada a ver com você namorar um homem, saiu do personagem completamente”. E eu também acho nada a ver, mas ainda é difícil falar “ah, não, então eu sou lésbica”.*

N: *Sim! Ainda é difícil, mas eu não sei porque é difícil...*

M: *Sim, e eu estou namorando. Então eu não quero ficar com nenhum homem, nem com nenhuma mulher, nem com ninguém. Mas mesmo assim...*

N: *Sim, sim, é estranho até pra mim. Eu não sei nem te explicar, porque a gente tem uma certeza, mas até, por exemplo, quando eu falo para as pessoas, é estranho até pra mim falar sobre isso. Por exemplo, eu até me envolvi com um menino esses últimos tempos e aí teve uma hora que quando eu me envolvi com ele... antes eu falava que eu era lésbica e tal e me envolvi com ele e falei “hum, então talvez não seja”. Só que daí eu me enjoei muito rápido dele, cansei, aí eu falei “hum, então talvez eu seja mesmo”. Aí eu falei isso pra ele, só que isso é uma questão que fica muito aberta enquanto a gente se desenvolve, dentro da sexualidade. Então, mano, joguei na mão do universo, foda-se, não sei mais.*

M: *Não, é complicado, é complicado. Até porque, enfim, falar que você é bissexual tem uma... Óbvio que tem um preconceito, mas tem uma proteção social.*

N: *Sim, sim.*

M: *Quando eu me assumi para os meus pais e tal, eu não falei nada, não falei que era lésbica ou bissexual, só falei “estou namorando uma menina e gosto dela” e pronto, e minha mãe me perguntou “e aí, o que você é? Você é isso, você é aquilo?”. Enfim, se eu falasse que eu sou bissexual, talvez ela pensasse “ah, então tem esperança”.*

N: *Tem esperança, é! Ou que você está confusa. E talvez se você se identifica com uma coisa e depois você não se identifica mais, aí vai ter toda aquela questão de “ué, mas você não era aquela coisa?”, então isso tudo é muito complicado. Aí é quando a gente decide simplesmente largar dessas denominações por um tempo, por nós, não que tenha algo errado com elas, mas só por nós mesmas, para que a gente consiga sair um pouco dessa pressão, dos olhares,*

das questões, das dúvidas das outras pessoas. Não é nem da gente, porque a gente com a gente mesmo tá tudo bem. A gente não tem certeza, mas quando a gente chega no ponto em que a gente se auto aceita, o resto fica tudo bem. O foda são as pessoas de fora, é muito mais difícil do que a gente mesmo.

M: Nossa, mas foi bonito isso que você falou.

N: Ai, obrigada cara.

M: Eu nunca tinha pensado por esse lado, de largar uma coisa pela gente.

N: Uhum. Porque eu tinha muito isso comigo. Por vir de uma família religiosa, eu ouvi dos meus pais já, eu ouvia da minha mãe. Minha mãe... storytime de novo. Quando eu namorava com essa menina, ela não sabia que eu namorava, lógico, até hoje ela não soube de nada. Mas ela sabia que ela era minha amiga. Só que a minha mãe percebia, né? Então ela pegava e toda vez que eu ia sair com ela, eu falava “vou sair com a minha amiga”. Aí ela falava, “que amiga? quem é?”, e ela fazia uma cara feia. Aí eu enfrentava, eu falava, “por quê?”, e ela “ai, mas eu não gosto, você tem que entender, cê tem que aceitar”. Eu batia de frente, e ela falava “não, porque eu me matava se fosse minha filha. Ela eu não ligo, ela pode fazer o que que ela quiser”. Então minha mãe batia de frente com isso e então... ai, já até me perdi no personagem. Então, essa questão foi muito difícil pra eu conseguir me aceitar justamente por ela. Passei muito tempo querendo que eu fosse hétero, eu enrolei a minha ex por muito tempo porque eu não queria. Eu falava pra ela “eu não quero ser o que eu sou, então como que eu vou ser alguém bom pra você se eu não quero ser o que eu sou?”, até eu conseguir chegar num campo onde eu gosto de mim, onde eu tenho orgulho de mim, onde eu me aceito, eu levanto minha bandeira, seja ela qual for. Levou um caminho muito longo, e principalmente uma coisa que eu sinto que me trouxe um aconchego e um orgulho muito maior foi aquele livro que eu li. Por isso que é muito louco quando a gente fala de representatividade, porque quando a gente fala, traz um carinho pra gente, acho que a gente começa a se aceitar mais quando a gente se vê no outro. Então... muito louco isso, muito louco.

M: Sim!

N: Vou sair daqui com a cabeça a mil. Que lindo cara.

M: Não, ia até te perguntar... primeiro, eu sei que você não se vê representada por nenhuma personagem, por nenhuma série, você não tem nenhuma referência de pessoa lésbica ou bissexual nessa transição, nesse caminho, nessa confusão com a qual a gente se identifica. Mas você acha que se tivesse, qual seria o impacto na sua vida?

N: Porra. Nossa, eu ia ficar muito feliz cara. Eu não sei nem... eu não sei nem o que eu te respondo, porque isso nunca aconteceu (risos). Aí, só de pensar eu acho que já dá meio que um pane.

M: Uhum.

N: *Deixa eu pensar em algum sentimento... Eu acho que ia ficar um pouco mais aconchegada, comigo mesma. Eu acho que ia ficar... eu ia ficar um pouco mais orgulhosa pela minha cultura. Não orgulhosa de mim mesma, mas orgulhosa da minha cultura, orgulhosa da representatividade que eu venho. Acho que eu ia me sentir como se eu pertencesse de verdade, porque às vezes quando a gente não tem uma representatividade, a gente pensa que a gente não pertence a isso, a gente se sente muito deslocado. Mas eu acho que é isso, eu acho que é mais pertencimento mesmo. Achei a palavra que eu queria.*

M: *Uhum. Você falou muito da cultura de que você veio, da família libanesa, da cultura muçulmana, e eu não sei profundamente como a cultura muçulmana lida com isso, mas se você souber e quiser me contar, seria ótimo, porque eu estou sem muita referência aqui. Eu sei que não é fácil pra nenhuma religião... a minha vivência é mais de família católica e evangélicos que viviam ao meu redor e eu sabia como lidavam. Mas uma cultura muçulmana eu não sei.*

N: *Então, tanto o Oriente Médio, quanto o islamismo eles tem uma... lógico, não são a mesma coisa, tem gente do Oriente Médio que é ok, tem gente do islamismo que é ok, mas por a religião islâmica ser uma coisa muito... arcaica, isso leva a tradições muito arcaicas também, a pensamentos muito arcaicos.*

M: *Uhum.*

N: *Então é basicamente aquele pensamento de pecado, do mal visto. A questão da família, da união, da reprodução e da honra da família e da honra aos pais é muito muito forte na questão islâmica. Então, quando você tira isso da família islâmica, dos seus pais islâmicos, isso se torna como um crime, como um pecado mesmo. Então eles prezam muito por isso, é a questão da união, a questão de você fazer o melhor pela sua família, você evoluir, de você dar muito orgulho pra sua família. Como eles não veem isso como uma coisa boa, isso é crucificado. Não crucificado porque eles não... você entendeu o termo (risos). Mas isso não é bem visto assim. Dentro do islã... eu não tenho certeza, posso estar falando muita besteira, mas eu vi em algum lugar que dentro do islã citava como sendo um pecado ser LGBT e tudo mais. E falando pela minha família assim, eles vieram do interior, a minha família inteira é imigrante, eu fui a única que nasci aqui. E como lá é bem interior mesmo, eles possuem costumes de interior. Tradicionais, então não é como se tivesse um iFood lá, um delivery, não existe, eles vivem nas montanhas mesmo e tem pensamentos de pessoas que se desenvolveram por si mesmas. Se desenvolveram porque elas precisavam se desenvolver. Então a questão principal era sobrevivência pra minha família, até a pouco tempo atrás. Ainda é, mas lógico que com toda essa questão da globalização tem outros caminhos. Como eles são bem do interior mesmo, a questão principal sempre foi sobreviver, e sobreviver sempre esteve muito ligado a ter uma família, ter comida, trabalhar. Quando você sai dessa bolha, o resto para de fazer um pouco de sentido, isso falando pra minha família. Então essa questão de ser LGBT pra eles é muito nova, pra eles é uma coisa que foi inventada assim, então fica complicado por esses motivos. Lógico que, porra, não é todo mundo, não é o Líbano inteiro que é assim. Existem países laicos, existem países que são completamente diferentes disso, existem famílias cristãs dentro do Oriente Médio, tem famílias islâmicas*

dentro do Oriente Médio e fora que são totalmente ok. Então eu acho que a minha questão foi porque sempre foi um pouco mais conservador. Deu pra pegar um pouco mais a ideia?

M: Deu, deu sim.

N: Que bom!

M: Apesar de ser muito diferente, o cerne é meio que o mesmo. Nisso do pecado e de ser horrível.

N: Basicamente: pecado, horrível, muito feio.

M: Sim, desviando do caminho e tal. Minha mãe tem muito essa ideia de “tinha um caminho traçado, mas você tá desviando dele.”

N: A minha mãe tem mais a questão de orgulho, de visão dos outros... porque no islã e na cultura árabe existe muito disso de você aparentar coisas boas. Então a questão de você estudar, de você trabalhar, de você bem sucedido é pra que os outros a sua volta percebam o quanto você é bem sucedido. Então isso pra eles é feio nessa questão das outras pessoas olharem ao redor e julgarem.

M: Entendi! Nossa....

N: Muito louco, né?

M: Acho que as pessoas no geral tem pouca informação, tanto porque não procuram informação, quanto porque não veem essa informação. Então é isso, ver uma personagem do islã, uma personagem muçulmana já é difícil. Ver uma personagem LGBT nesse meio é mais ainda.

N: Ou quando você vê, por exemplo, a Nádia de Elite, você viu? Então, simplesmente qualquer personagem que aparece que é árabe... ela é muçulmana. Sempre pegam e tiram o véu dela porque ela se liberta quando ela tira o véu. Isso é um negócio que me deixa... me deixa possessa, me deixa possessa. Porque daí aparece um menino na vida dela e aí ela fala “não preciso disso”. Só que mano, isso cria um estereótipo que é muito errado. É como se o hijab fosse uma opressão e não é, não era pra ser pelo menos, em tese, não era pra acontecer. E aí quando tem essas séries de grande alcance que trazem um estereótipo muito errado, traz uma informação errada pra todo mundo que assiste, então... triste.

M: Sim! Eu não vi tudo de Elite, eu não cheguei na parte que ela tira. Mas eu sei que em Elite tem uma personagem LGBT. Também não sei que fim deu... acho que é na segunda temporada.

N: Ahhhh! Na segunda temporada.

M: Mas também não sei se é bem representada, se não, não sei. Não sei se você viu, você assistiu?

N: Eu vi, eu vi elas. Deixa eu lembrar, calma aí.

M: Mas seria um sonho, né? Se a personagem muçulmana fosse LGBT também.

N: Puta que pariu, sim! Ah... deixa eu lembrar como é que foi, eu estou tentando lembrar do nome das meninas... teve uma coisa que eu gostei na série quando elas abordavam. Tinham um casal, eram duas meninas que estavam se envolvendo e tal. E tinha uma hora que elas estavam as duas no quarto e tal, estavam meio que se pegando e tudo mais e aí a mãe de uma delas entrou. Meu primeiro instinto foi “puta que pariu! A mãe vai descer o cacete nas duas”. Nossa, nem sei se podia estar falando esse tanto de palavrão (risos). E aí a minha primeira questão foi essa de “meu Deus, mano, agora vai acontecer uma merda gigantesca, porque a mãe dela flagrou elas”. E a mãe dela não ligou. Ela estava falando tal coisa, depois ela saiu e depois ela meio que até fez uma piada com isso. E mano eu fiquei feliz. Pra você ter ideia, eu fiquei feliz porque eu estava torcendo pela menina, pra que a mãe dela não achasse ruim. Então, você vê como isso é interligado com a nossa vivência mesmo, de pensar na nossa família e tudo, no medo e tal. Então, eu fiquei muito... essa é a única cena que eu lembro, que me chamou atenção. Me marcou um pouco essa questão de “porra, está normalizado então está tudo bem”.

M: Uhum! Ah, que legal, não tinha visto essa parte.

N: É muito legal! E mano é uma cena muito boba. É um minuto de cena. Então é muito bom.

M: Sim, nossa, que legal. E você também comentou... estou lembrando de várias coisas que você comentou, né? Lembro de você falando sobre cenas de sexo que são super frequentes e às vezes são exageradas. Eu consigo pensar em filmes que tem isso, óbvio.

N: O filme a gente tem (risos). Azul é a cor mais quente que tem vinte minutos.

M: Sim.

N: E tem aquele... eu só sei o nome em inglês “Below Her Mouth”.

M: Eu nunca assisti esse. Como é?

N: É, então, é totalmente objetificado também. Mas, enfim, que que você tinha perguntado mesmo?

M: Eu ia perguntar se... quais você sente que são os padrões das séries? Você comentou também do estereótipo e tal... Acho que esse é um deles... inserir cenas de sexo assim como falamos de The L Word. Mas se você conseguir pensar em outros padrões ou outros estereótipos, né, como você disse...

N: Quando eu penso em padrão dentro de mídia, dentro de questão quando você assiste, eu sempre penso que quando a gente fala de um casal monogâmico, a gente fala de uma mulher que é um pouco mais... tem... questões mais masculinas. E outra que tem questões mais delicadas, mais femininas. Então, mesmo quando é um casal LGBT, ainda segue um padrão

heteronormativo, de uma mulher que é um pouco mais rude, um pouco mais grossa, ela é misteriosa, ninguém fala com ela, porque ela usa roupa de tal jeito. E uma menina que é mais delicada, porque ela sempre é mais extrovertida e fala com todo mundo, usa roupas mais claras e tudo mais. Eu percebo muito isso, essa questão de mesmo quando são duas mulheres ainda tem uma que puxa mais pro lado de... fazem ela dentro de um estereótipo mais heteronormativo. Uma mais masculinizada e uma mais feminilizada. Então há sempre uma que não performa a feminilidade e outra que performa feminilidade, o que nunca foi um padrão dentro da comunidade LGBT, pelo menos não como regra pra gente. Mas parece que quando são produtores héteros, homens que fazem, pra eles é assim que tem que ser, então eu vejo muito assim. Nessa questão do sexo, eu vejo muito que... cara, eu nem sei como eu discorro sobre isso, porque eu vejo muito como uma venda pra pessoas heterossexuais também. Eu não consigo não ver isso como uma objetificação para ser vendida. Então me incomoda por esse motivo, porque a gente não é uma venda. Acho que é isso, não sei, muito delicado pra eu conseguir pensar em alguma coisa que que vá fazer sentido. Eu sou meio doidinha, tá? Falo as coisas muito cortando tudo porque a minha linha de pensamento é muito... (risos)

M: Oxe, imagina! Tá fazendo todo sentido. Fica tranquila.

N: Ai, que bom.. Peraí, deixa eu só responder minha irmã. Desculpa, tá?

M: Fica tranquila!

N: Tá, pronto, tudo certo.

M: Última pergunta que eu pensei aqui: como você acha que seria... não ideal... mas mais saudável a representatividade de mulheres lésbicas e bissexuais nas séries? Como você gostaria que fosse?

N: Eu acho que eu gostaria que não tivesse o peso de abordar a sexualidade de uma forma tão difícil. Eu gostaria que não fosse abordado de uma forma... a família fosse um peso, a religião fosse um peso, a sociedade fosse um peso e a questão da sexualidade ser um peso. Eu acho que eu gostaria que fosse abordada como assim “ah, tem uma trama dentro do casal, porque o casal está passando por alguma dificuldade, assim como a gente vê vários casais héteros... tem vários romances que retratam as dificuldades de um casal e tudo mais. Eu acho que mais nessa questão. Tem uma série que eu acabei de lembrar que é Feel Good... e tem um filme que é com a Kristen Stewart, não é uma série.

M: Que chama como?

N: Não lembro... é de natal.

M: Ah, eu sei, eu sei. Mas tem uma série baseada nesse filme, não é?

N: Então, não estou lembrando! Mas tem uma série que se chama Feel Good, que eu acho que ela retrata um pouco da sexualidade também, mas ela é um pouco mais tranquila nessa

questão. Ela não é tão caótica nisso. Eu acho que retrata um pouco mais da vivência das duas... Não, minto, minto. Acabei de lembrar um negócio aqui (risos). Já caiu por terra o que eu falei, não, não dá. Ela fala bastante sobre heteronormatividade também, porque é uma menina que se descobre e aí ela pratica coisas heteronormativas como a menina que tenta quebrar isso.

M: Uhum.

N: Mas aí voltamos pra menina que não performa feminilidade, outra que performa e está se descobrindo e se descobriu e aí... enfim, voltou de novo pro mesmo negócio. Eu acho que... como eu gostaria que fosse? Eu acho que gostaria que fosse leve. Eu acho que eu ia me sentir representada se eu conseguisse ver alguma coisa leve, alguma coisa que fosse pro meu futuro. Porra, tenho trinta anos e eu quero ver alguma coisa de uma mulher de trinta anos que está casando com outra de trinta anos e tá tudo bem. Elas estão vivendo a vida delas. O lado bom de The L Word é que tem um pouco disso, eles não abordam tanto a questão do caos da sexualidade, mas o lado ruim é objetificação, entendeu? Mas o lado bom eu falo de mulheres adultas, crescidas, que tem as suas tramas dentro disso. Eu acho que seria bom se fosse nessa questão natural. Seguindo o ciclo das coisas que nem a gente vive, então... não sei, deixa eu pensar. Seria bom também se tivesse mais representatividade de etnia também, óbvio. Alguma coisa menos caucasiana, alguma coisa menos branca. Então seria isso.

M: Então só retomando aqui nas anotações: Estou entendendo que em Elite tem um casal LGBT e tem a cena que te marcou da mãe descobrindo as duas. Também você assistiu Everything Sucks e você gostou porque não tinha esse estereótipo de uma menina masculinizada, uma menina feminilizada e tal. As duas eram bem feminilizadas inclusive. E uma é de Euphoria. Você também assistiu Euphoria, One day at a Time, The L Word. Você viu várias, né? E disse que não tinha visto nenhuma.

N: Mano, eu não conseguia lembrar de nenhuma, nenhuma. Eu só lembrei de Everything Sucks porque a gente estava fazendo um roteiro. É de uma série também.

[Gravação foi interrompida por uma ligação]

M: Tem uma questão muito legal que você falou, dessa venda, do comercial, do corpo, da objetificação da mulher... e você gostaria também que não fosse difícil, complicada, pesada a questão da sexualidade.

N: Pesado, né? Acho que essa é uma palavra muito boa.

M: Sim. E você acha pra gente alcançar essa questão de ter um roteiro leve, de ter uma trama na qual a sexualidade não é a pior coisa que acontece na vida da pessoa... O que você acha que precisa acontecer pra ter isso?

N: Calma aí (risos). Eu vou precisar agora pensar em uma coisa que não seja só “ai, precisa normalizar”. Porque precisa, mas eu sei que não é só isso. Agora eu consigo pensar no que... posso pensar?

M: Pode, claro!

N: *O que eu gostaria muito que acontecesse? Eu gostaria muito que tivessem mais mulheres sáficas fazendo série, acho que mais produtoras fazendo isso. Porque eu tenho certeza que a grande maioria das séries que foram produzidas sempre são produzidas por homens héteros. Então eu queria muito que tivesse mais essa abordagem de mulheres cis, de mulheres trans, dentro da produção de alguma coisa, porque é muito fácil a gente falar “ai tem que ser normalizado, tem que se falar, espalhar a palavra”. A gente sabe que isso precisa ser feito, só que a gente também sabe que isso não é fácil de ser feito. Eu acho que é muito mais a questão de mulheres conseguirem entrar dentro das coisas, pra que elas façam. Lógico, seria perfeito se tivesse os dois, né? Tanto essa normalização, quanto as mulheres produzindo. Mas eu acho que seria um pouquinho mais vantajoso se tivesse mulheres fazendo séries assim, mulheres diretoras, mulheres produtoras, mulheres sáficas atrizes, que de verdade estão ali por isso. Não mulheres que são héteros e que foram contratadas pra fazer um papel assim. Não, mulheres que realmente são e que... continuam expondo isso um pouco mais. Eu vejo muito que quando existem séries que abordam sobre isso, elas não são tão famosas quanto séries que não abordam sobre. Então eu acho que essa questão de fazer alguma coisa... mano, eu estou pensando muito por um lado publicitário meio cu assim, mas de fazer alguma coisa um pouco mais vendível, um pouco mais clichê assim, um pouco mais chiclete, mas dentro de uma questão um pouco mais representativa. Ai, seria muito utópico. O cenário perfeito seria uma produtora mulher LGBT falando sobre isso, discorrendo sobre isso, alguma coisa bem chiclete, bem clichê. Às vezes eu sinto falta de um clichê bem clichê mesmo, assim só pra eu ficar tranquila. Só pra não existir o peso da sexualidade que nem você falou. Eu acho que quando a gente começar a abordar isso da forma natural e às vezes até mesmo clichê, o negócio acho que fica um pouco mais normalizado. Acho que enquanto pessoas que não entendem do assunto continuarem abordando isso de uma forma tão anormal, “ó meu Deus a sexualidade dela e o descobrimento dela”, quando isso for tratado de uma forma um pouco mais natural, eu acho que isso fica mais fácil de ser avançado.*

M: De fato, de fato!

N: *Ai que bom, que bom. E o que mais que você acha que pode ser...?*

M: *Eu acho que é isso. Que se as pessoas conseguissem se inserir nesse meio seria muito diferente a forma com que elas representam mulheres lésbicas e bissexuais. Tanto se inserir no backstage ali, quanto se inserir na atuação mesmo. E não se inserir no backstage só produzindo e tal, mas também, sei lá, uma mulher lésbica que faz o figurino. Acho que pode ser uma coisa mais básica também. Eu acho que já é o início, um começo. Mas é isso. Também acho que seria importante conhecer de fato experiências de mulheres lésbicas e bissexuais com profundidade. Não só o cara hétero que imaginou que uma pessoa lésbica transava assim, ou imaginou que uma pessoa lésbica beijaria assim e tal. Me parece que segue aí um padrão muito já feito. Tem assim...*

N: *Então vamos fazer igual!*

M: Então as próximas mulheres vão transar assim, beijar assim, se apaixonar assim, descobrir a sexualidade assim, tudo com pequenas variações. Enfim, eu não vejo nada diferente ou revolucionário, mas ao mesmo tempo não vejo nada clichê. Então você pensa qual casal hétero tem? Sei lá, Titanic... ou em série, Derek e Meredith, Greys Anatomy. Mas se você pensar em um casal lésbico clássico...

N: Clichê, clichê!

M: Não tem! Para as pessoas se basearem e falarem “ah, ótimo, tem esperança, se eu quiser algo revolucionário eu posso achar, mas se eu quiser uma coisa simples, do dia a dia, eu também posso achar”... não tem.

N: Quando a gente pensa “ai, quero ver um filme de romance, me recomenda um?”, “ai, esse aqui é um clássico”, a gente não vai falar “ai, queria ver um filme de romance lésbico, me recomenda um?”, “ai, esse aqui é um clássico”. Não, velho. Não tem. Tem uns esporádicos, que a gente fala “vê esse aqui, fala sobre mulheres LGBT e é muito bom.”

M: Uhum. O clássico infelizmente é Azul é a Cor mais Quente, que é uma bomba.

N: A bomba das bombas (risos). Pois é. Difícil é a vida das gayzinhas. Difícil.

M: (risos) Vou ter que escrever isso lá. Colocar na manchete. Vai estar lá no Google.

N: (risos) Vai estar lá no Google! Mano, a brisa da menina que não é assumida: e se meu pai pesquisar meu nome no Google e achar o meu nome...

M: Não, se eu estivesse fazendo uma entrevista assim eu também ficaria preocupada.

N: Mano, é foda véi, quando a gente não é assumida para os pais a gente pensa em todas as possibilidades. Eu pensava em cada coisa, eu era maluca. Eu sabia que eu estava num shopping que não era perto de casa, mas eu sabia que tinha uma tia da minha mãe que geralmente ia pra lá então eu já falava “hum, então eu tenho que tomar cuidado se eu for em tal horário”, é isso véi.

M: Nossa, sei bem essa situação.

N: Nessa questão de representatividade também... eu acho que quando eu me vejo eu penso em um quesito muito tranquilo. Eu me vejo crescida, bem sucedida - claro né, quem não quer - mas eu me vejo com a minha casa e com quem eu gosto. E com a mulher que eu gosto. E não tendo que ter essa separação desse bloqueio. Podendo levar ela pra um churrasco, podendo levar ela pra uma casa de família, podendo ela estar em casa e meus pais virem pra minha casa, então eu acho que seria um cenário perfeito se pudesse existir alguma coisa que retratasse isso. Claro que toda série, todo o roteiro precisa ter um clímax, algum conflito, mas será que real precisa ser pautado na sexualidade das duas? Será que não tem como

existir algum outro roteiro, algum outro conflito que seja pautado em alguma coisa que não traga sofrimento para elas? Eu vi um post no Instagram e eu vou até achar porque é uma coisa que eu levo pra minha vida. Calma.

M: Tá bom.

N: É muito lindo. Estava divagando sobre isso, ainda bem que cheguei aqui. Aliás ó, pra você ter ideia... quando teve a época da questão da Palestina e tudo mais eu vi uma foto - essa foto aqui - e eu postei e está nos meus destaques até hoje. Porque são duas mulheres e eu vi que são duas mulheres Palestinas e tudo mais. Olha, o post é uma coisa que está escrito assim: “O amor não precisa ser traumático”. Aí tem uma frase que é “a quem serve a ideia de que mulheres para amar tem que se definhar e se esvair em dor?”. E é uma coisa que eu vejo muito acontecendo quando a gente pensa em... claro, isso acontece em tramas héteros também, né? Mas porque quando a gente vai falar de uma trama a mulher tem que sempre sofrer tanto pra conseguir o que ela quer nessa questão do descobrimento dela, ou tem que sofrer tanto dentro do relacionamento. Por que que a trama não pode ser abordada de um outro jeito, onde a mulher sofra menos? Se isso já acontece na questão hétero, imagina quando são duas mulheres. Eles... basicamente sempre vai ter a questão do sofrimento para você amar alguém. Porque mulheres lésbicas têm que sofrer tanto pra amar. Então... bonito né, preciso escrever isso, cara (risos).

M: Fiquei até arrepiada.

N: Então é isso cara, eu estava pensando muito nisso.

M: Você tem razão, é muito difícil. Ao mesmo tempo eu penso que reflete... sei lá, é sofrido você se assumir. Só que não é só sofrido se assumir. Tem tantas coisas boas da sexualidade, de amar mulheres e tal. Eu acho que as pessoas perdem a mão no sentido de “ah, foi sofrido se assumir pra X pessoas, então vamos representar só isso e da pior maneira possível”, e acham que isso vai fazer com que a gente se identifique com a trama. Mas não.

N: Exatamente igual minha ex... pra ela foi totalmente tranquilo, a família dela desde sempre acolheu ela de uma forma absurda, só que a gente está dentro de uma estrutura onde a gente precisa sofrer pra passar por esse caminho. É tão fora do normal que a gente precisa sofrer muito pra gente conseguir se aceitar. Porque a gente nasce e não se aceita... quando a gente percebe que a gente se descobre, que a gente é LGBT e tal, a gente já pensa que a gente não é normal e aí já tem um caminho do qual a gente precisa sair... mas não era pra ser assim, porque quando uma pessoa é hetero, ela é hétero. Agora quando uma pessoa é gay, ela é gay, daí ela se descobre, daí ela conta pros pais, daí ela sofre. Pode ser que os pais sejam muito tranquilos. Uma hora ou outra ela vai sofrer. Dentro dela, na sociedade ou em qualquer outra situação. E não era pra ser essa a questão. Muito louco.

M: É. Tem uma trajetória muito clara assim. Sei lá, se eu estivesse fazendo um TCC sobre representatividade no geral essa não seria uma pauta pro entrevistador. Eu não perguntaria

“como você se identifica” e ela diria “eu me identifico como hétero”. É uma coisa que as pessoas não estão nem aí, ninguém pensa. Mas pauta a existência de pessoas que não são hétero.

N: Eu acho que vale muito a pena... não pro TCC. Mas a autora é Elayne Baeta, que é autora do livro. Depois você dá uma olhada nos conteúdos dela. Mas ela retrata muito essa questão da representatividade LGBT dentro desses âmbitos de mídia mesmo. E é muito muito muito legal... não legal, né? É triste, mas é legal as coisas que ela fala.

M: Tudo bem, vou conferir. É no Instagram, né? E tem mais alguma coisa que você queira falar sobre o tema, bem livre...

N: Eu fico sempre pensando assim... não sei, agora fico pensando em série, cara. Nossa, esse tema é muito fodido. Muito louco.

M: Sim! Um ponto que eu fiquei pensando enquanto você estava falando é que foi até difícil ontem também enquanto eu entrevistei a outra participante pensar numa série que tem uma mulher lésbica ou bissexual porque, não sei, parece que não é não é muito óbvio.

N: Cê percebeu que a gente falou de um monte, mas a gente não consegue pensar em nenhuma? A gente teria que ir no Google pesquisar.

M: É, eu sei porque eu pesquisei mesmo! Faz um ano já que eu estou trabalhando nesse TCC, então agora eu tenho na ponta da língua algumas, mas mesmo assim antes eu não tinha.

N: É, pois é. Eu só consegui pensar em Everything Sucks porque a gente estava desenvolvendo um roteiro pra uma série... que eu preciso te contar, aliás. E aí uma menina falou de Everything Sucks e aí ficou na minha cabeça. Beleza e tal. E o legal desse roteiro que a gente tá fazendo é que a nossa trama também tem a questão do descobrimento, mas uma luz que o nosso professor deu foi abordar uma coisa pra ser trama principal, e aí a gente começou a tratar como tema principal elas... estão lá, uma faz ADM numa escola pública e a outra faz escola de teatro. E aí tem a questão do dinheiro, porque é uma escola de teatro privada e tudo mais, só que a outra sempre quis entrar e ela trabalho pra isso e tal. Ai, vai ficar muito confuso contando, mas é tão bonitinho. Aí ela namora com um cara e tudo mais.

M: Com um cara?

N: É, entramos de novo. A menina namora com um cara, só que tem a prima dele, que também faz essa escola de teatro. Aí eles vão assistir essa peça e tal. Só que antes eles assistem os ensaios. Quando essa menina assiste os ensaios da menina que faz teatro, ela reconhece a voz. Porque essa menina viu uns... existiam uns podcasts anônimos de poemas.

M: Nossa, super elaborado esse roteiro, né?

N: Mano, eu vou te mostrar o meu roteiro!

M: Isso aí parece que você está falando de um filme já feito!

N: Mano, a gente é muito bom. Somos maravilhosas. A gente é incrível, juro. A gente pensou num negócio, Millena, você não tem ideia... a gente pensou num negócio muito bem feito. Aqui ó: a Serena é a protagonista. Ela é estudante de administração numa universidade pública e quer entrar pro curso da Júlia e da Alice em teatro, mas não tem dinheiro. Alice é o interesse romântico dela e a Júlia é a prima do namorado do menino. Acabei de perceber que eu macetei essa questão da mulher namorar com homem e a gente está fazendo isso aqui (risos). A Serena, que é a personagem principal, mora com a vó... viu, a heteronormatividade voltando?

M: É inevitável, é inevitável.

N: Aí a vida dela se resume a faculdade, tudo mais, ela trabalha, ela se encontra em um círculo muito relacionado ao namorado dela, porque o namorado dela está muito envolvido na vida dela, tal. O namorado dela, o Renan, é fofo, tem dinheiro, ele apoia muito a Serena, conseguiu emprego pra ela na empresa do tio dele, é meio alienado nessa questão do dinheiro e aí tem a Alice que é o interesse romântico. A gente queria sair um pouco dessa questão de ser uma menina que não performa feminilidade e uma que performa. Aí a Alice vai ser bem riponga, bem no mundinho da lua, bem... Estudante do curso profissionalizante de teatro, protagonista de uma peça que se passa ao longo da série, aí ela escreve poemas e ela tem o podcast. Esse é o podcast que a Serena vai ouvir sem conhecer essa menina, porque vão ser podcasts de uma poeta anônima.

M: E todos os poemas são dela?

N: Sim! Aí a gente vai colocar ela como uma voz bem bonita e tal e ela vai ver e vai ficar meio vidrada nessa voz e aí quando ela for ver os ensaios, ela vai reconhecer e falar “caralho...”. Mó bonitinho cara! Deixa eu ver aqui se tem mais coisas... aí a Serena e o Renan que são os namorados vão assistir o ensaio da peça da Júlia, que é a prima do Renan, aonde eles vão ver a Alice e tudo mais. Mas a gente tentou... não sei como que está indo nesse âmbito, mas a gente tenta focar tentar fazer uma coisa clichê porque, por exemplo, quando eu lia muita fanfic, era sempre aquela questão... de Larry, assim, ou alguma coisa deles estarem na escola ou quererem fazer alguma coisa e eles se envolvem, mas aí tem um conflito, mas eles querem se envolver e eles são jovens. Então eu queria mais ou menos um lance assim. Com “O amor não é óbvio” rola a mesma coisa.

M: Eu vou muito ler! Você está falando tão bem...

N: Às vezes eu fico com medo de indicar livro e a pessoa falar “nossa, que livro bosta!”. Então eu já falo: é uma leitura bem tranquila, é uma leitura bem simples, não usa palavras

robustas e não sei mais o que... é um clichê mesmo. Mas é gostoso, porque dá aquela... aquele áudio do TikTok? “Aquele meia hora ali traz pra você uma coisa...” (risos).

M: “É inovador e revolucionário? Não.” (risos)

N: Então, mas é isso que eu quero, não preciso que seja nada revolucionário, quero que seja um clichê que traz um aconchego. E traz muito. Uma coisa que eu não gostei que abordava em “O amor não é óbvio” é que, por exemplo, ela tinha essa questão de se descobrir. É de uma forma muito bonita como ela se descobre... tem a questão da padronização também. Mas aí a gente deixa passar porque nosso conteúdo é escasso, né? Então tem que aceitar.

M: Tem isso, né, também. Tem muito isso em série, a gente acha que é “errado”. Não que seja errado, mas enfim, que reforça um padrão que é zoadado. Mas não tem nada, então a gente aceita.

N: Sim! Porque qualquer coisa que tá lá é bom. Então acaba que a gente aceita. Por exemplo, seria perfeito se “O amor não é óbvio” não fosse padronizado também, mas é. Porque, mano, é o que tem. Mas a gente gosta... E aí... até me perdi.

M: Ela se descobre de um jeito muito bonito...

N: Isso, obrigada! Ela se descobre de um jeito muito bonito... não sei mais, calma. Perdi total o fio da meada.

M: Estava falando que as duas também são muito padronizadas. Então eu imagino que uma seja, sei lá, mais masculinizada...

N: É! Uma não performa e a outra sim. Cheguei onde eu queria chegar: só que ela gostava muito de um menino antes disso. Chegamos de novo no lance do menino. Ela gostava muito de um menino, mas ela estava meio que se descobrindo. Daí ela transa com o menino e quando ela termina ela fala, “putz, sou lésbica”. E aí acendeu a lâmpada na cabeça dela. O que eu achei que foi abordado no livro de uma forma um pouco estranha, porque a gente que não é assim. Pra cada um é muito pessoal, é muito único, mas parece que quando você pega e transa, pronto, “ai não, não quero mais”. Não sei, eu achei que a forma que foi abordada foi meio banal. Mas não é de todo ruim... é aquilo que você falou, tem tão pouca coisa que não dá pra gente ficar botando pelo em ovo. Se for colocar pelo em ovo em tudo... (risos)

M: Sim, é isso! Eu acho que é muito mais fácil você selecionar filmes, séries e produtos da mídia que você acha problemático e não vai ver. Ou que você acha problemático e escolhe ver mesmo assim que são héteros que... enfim, se você for analisar tudo que é LGBT e que você acha que tem alguma problematização por trás, não vai sobrar nenhuma coisa pra você assistir.

N: *Exatamente. Então, eu vejo essas coisas, só que eu não vou ficar problematizando o que é meu. Eu não vou chegar em cima de uma série que trata sobre questões LGBT e - lógico, depende - mas Everything Sucks, por exemplo, Pose, por exemplo, eu não vou chegar dentro dessas séries e ficar colocando um monte de interrogação e ponto lá, por uma coisa que a gente já sabe que é escassa. Então, a gente meio que entra nessa questão de aceitação, a gente sabe que é pouco, então a gente não vai criticar, porque a gente aceita.*

M: *E você acha que a gente está avançando nisso? Com Euphoria, por exemplo. Na representatividade de mulheres em específico... Você acha que estamos tendo um avanço? Porque eu vejo muito essa discussão de “ah, que legal. Temos uma protagonista que é LGBT, que é negra, que está se relacionando com uma mulher trans...”. É uma coisa super diferente assim, tem vários recortes. Mas aí vem a mulher trans e trai ela com um homem... você acha que temos um retrocesso quando essas coisas acontecem ou você acha que estamos avançando mesmo assim?*

N: *Eu não diria retrocesso, eu diria que é um trabalho que a gente está tendo. Mas qual que é a questão? Eu acho que a gente tem que tomar cuidado pra gente não se perder dentro dessa evolução mascarada de venda de novo. Porque é muito fácil falar que as pessoas estão melhorando quando a gente sabe que essas grandes empresas, essas grandes corporações, instituições estão querendo fazer essas séries, essas coisas, pra chamar o famoso Pink Money, né? Então, lógico, entrando de novo nessa questão, não sei até que ponto Pink Money é ruim também, porque de um lado traz a normalização disso e espalha a palavra, mas também é foda o Pink Money e tal. Eu fiz um vídeo sobre o Pink Money já uma vez pra empresa que eu trabalhava. Então, quando eu penso em progresso, eu sempre penso até que ponto isso é um progresso de verdade e até que ponto isso é uma venda. Muita coisinha de publicitária maluca, mas até que ponto isso está sendo feito porque isso tem uma boa intenção, ou isso quer ser uma venda pra pessoas LGBT? O que também... às vezes as pessoas LGBT também querem consumir... Então, é muito delicado, eu acho que existe um progresso, mas a gente não pode se perder dentro do progresso de intenção, tá? Qual que é a intenção que a gente quer.*

M: *Você falando disso de intenção eu lembrei de quando não colocam uma mulher claramente lésbica ou bissexual, mas dão indícios de que ela é. E aí acontece todo um hype em cima da coisa, mas nunca concretizado de fato. Eu acho que isso acontece. E eu até lembrei quando você falou da fanfic, né? Porque enfim, Harry e Louis, Camila e Lauren... nunca aconteceu de fato, explicitamente. Mas todo o hype sobre isso deu muito pano pra manga.*

N: *Caralho, foi o que me fez ser gay hoje. Se eu não tivesse assistido o One Direction... foi que me abriu a porta da homossexualidade, você acha que não? Quando eu conheci o One Direction foi quando eu comecei a normalizar isso na minha cabeça. Então hype fodido, nossa! Estou até lembrando aqui que até pouco tempo atrás eu escrevia fanfic! Pensar em uns negócios assim é muito louco.*

M: *Nossa! Eu quero ler essa fanfic! Como chama?*

N: Eu já tirei tudo do Wattpad, gente! Eu fazia uma fanfic... eu tinha doze anos quando eu fazia... com quatorze eu já tinha parado. Vou te contar: o Louis e o Harry na época... há muitos anos atrás - eu sempre gostei muito de coisas medievais. Eles viviam numa época medieval e eram duas famílias nobres. E duas famílias nobres inimigas. Então eles tinham... eu chamava de “últimos filhos de sangue”. Eram os últimos filhos da linhagem. Aí o Harry era de uma família inimiga e o Louis era de outra.

M: Você é muito criativa, meu deus!

N: E aí a missão de vida dos dois era batalharem, terem uma batalha final. Eles viveram a vida inteira por essa batalha. E uma hora ou outra um ia ter que matar o outro, porque essas famílias inimigas se odiavam muito mesmo. Então a missão de vida desses últimos filhos... a linhagem foi feita pra isso: pra que tenha essa última batalha, pra que depois eles entrem em paz. Então é isso. Só que daí eles se apaixonam, porque eu não sou nem besta, né? (risos). Mas eu só fiz uma sinopse e depois eu fiz um rascunho de quando a família do Louis descobriu e aí o Harry consolava ele. Gente, eu era muito gay! Mas eu nunca desenvolvi a trama, porque é lógico, não é só isso né, eu tinha doze anos, a minha cabeça não conseguia pensar naquilo direito. Mas era isso.

M: Nossa, mas só de ter elaborado e chegado nesse ponto... Porque eu admiro fanfics no geral, eu era super uma fanfiquera, não de escrever, mas eu lia e tal. E eu já admiro fanfics que abordam a vida real, “ah a Lauren está na escola e conhece Camila”. Mas agora uma fanfic que traz um mundo paralelo, que tem seres mágicos, eu fico assim “meu deus, como a pessoa pensou nisso?”.

N: Eu nunca li uma de universo paralelo, de seres e tal. Eu tinha muitas do Harry e do Louis, mas eu nunca me interessei, eu sempre gostei de clichêzinho de escola. Clichêzinho high school sempre foi minha praia. Só que veio essa ideia na minha cabeça... e eu tive outra que escrevi que o Louis era um soldado, porque eu queria quebrar com o estereótipo de que o Harry tinha que ser o machão... eu era muito quebradora de padrões, com doze anos (risos). Mas nunca foi pra frente também. Uhum. Que o Harry escrevia cartas pro Louis e tal. Gente, muito louco. Mas eu sempre fui mais desse clichê de high school, acho que é por isso que eu sinto tanta falta hoje, porque eu via tanto nas fanfics antes, com Harry e com Louis... porque me trazia muito aconchego, me trazia muita segurança. Ter uma coisa que eu não precisava me preocupar nem refletir sobre mim mesma. Quando eu lia as fanfics do Harry e do Louis, eu não precisava refletir sobre o que ia acontecer se meus pais descobrissem que eu era lésbica. Agora ver essas séries que se pautam o tempo inteiro sobre isso fica muito mais difícil.

M: Sim, não tem como pensar em outra coisa, né?

N: É... em *One Day at a Time*, a família dela teve um atrito e ficou tudo bem, mas teve todo o desenvolvimento onde ela se sentia mal com isso, onde ela se descobria e aí tinha a hora

que ela tinha que se assumir... às vezes você quer assistir uma coisa que não vai te lembrar dessa coisa ruim, então...

M: Nossa, você trouxe muita coisa, muita coisa boa. Muito muito muito obrigada!